

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Ulisses Quintão de Carvalho**

**Menorá:**

**Texto, configuração poética  
e reflexão teológica em Ex 25,31-40**

**MESTRADO EM TEOLOGIA**

**São Paulo**

**2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Ulisses Quintão de Carvalho**

**Menorá:**

**Texto, configuração poética  
e reflexão teológica em Ex 25,31-40**

**MESTRADO EM TEOLOGIA**

**São Paulo**

**2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Ulisses Quintão de Carvalho**

**Menorá:**

**Texto, configuração poética  
e reflexão teológica em Ex 25,31-40**

**MESTRADO EM TEOLOGIA**

Resultado da pesquisa apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como requisito para o Exame final do curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer.

**São Paulo**

**2021**

**Ulisses Quintão de Carvalho**

**Menorá:  
Texto, configuração poética  
e reflexão teológica em Ex 25,31-40**

Resultado da pesquisa apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como requisito para o Exame final do curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Matthias Grenzer – Orientador  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

---

Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

---

Prof. Dr. Cláudio Francisco de Oliveira  
Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI – FFTP

**São Paulo**

**2021**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, e da Fundação São Paulo (FUNDASP).

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer excede a simples demonstração de que estamos contentes por algo que nos foi dado ou feito por outrem. Denota que há entre nós todos um vínculo de recíproca dependência, em virtude da qual podemos garantir nossa subsistência. Infelizmente, nem sempre atendemos para o que há de misterioso nisso e, orgulhosos, acabamos por nos estribar em nós mesmos. “Vaidade das vaidades” (Ecl 1,2), diria Salomão, cuja sabedoria com a qual fora agraciado por Deus ultrapassava a de seus predecessores (Ecl 1,16), e que ninguém depois dele viria a possuí-la de igual modo (1Rs 3,12). Alumiado por aquilatada admoestação, não poderia, sem incorrer em grossa injustiça, deixar de estender meus agradecimentos a todos os que, direta ou indiretamente, apoiaram-me ao longo deste trabalho.

Por tudo dou graças primeiramente ao Senhor, Autor da vida, que do abismo de sua infinita bondade chamou-me a dela participar. Ó, Deus meu, Verdade e Misericórdia minha, a Vós louvor, honra e glória pelos séculos sem fim!

Gratulo meus queridos pais, Francisco Moacir, chamado à presença do Altíssimo, e Maria da Consolação. Devo-lhes a vida e o conhecimento que me transmitiram de Deus, herança que, pessoalmente, reputo incalculável. Tomado de reverencioso enlevo, reconheço seu tenaz empenho a fim de que não viesse a faltar à família o necessário a uma vida digna.

Aos meus amados irmãos Camila, Anderson e Cecília, que com singela demonstração de apoio, obsequiosamente intercederam por mim com suas preces, regracio de todo o coração em minhas orações cotidianas.

Com profusão remerceio minha preciosa esposa, Natália, que comigo é “uma só carne” (Gn 2,24; Mc 10,7). Incansavelmente ao meu lado, com afabilidade dissipou por muitas vezes o negrume das minhas inquietações, recobrando-me o ânimo e suavizando os ásperos certames que a tarefa propunha.

Agradeço aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Teologia, especialmente ao Prof. Dr. Matthias Grenzer, meu orientador, que muito caridosamente acolheu meu projeto de pesquisa e jamais hesitou em compartilhar comigo dos frutos de sua experimentada carreira acadêmica. Agradeço, por fim, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tornaram possível a execução da investigação registrada nas páginas a seguir.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado se propõe a investigar o texto de Ex 25,31-40 em sua estrutura literária, buscando elementos que confirmem seu pertencimento ao gênero dos poemas bíblicos. Encontram-se no trecho instruções detalhadas para a fabricação de um candelabro que comporá o mobiliário do Tabernáculo e servirá também de objeto essencial na condução do serviço religioso. Realiza-se um estudo específico sobre cada palavra que compõe o texto, bem como sobre o modo como foram combinadas a fim de criar o efeito desejado naqueles que primeiro as leriam ou ouviriam. Incluem-se tabelas que mostram outros manuscritos nos quais o excerto em questão apresenta variações em relação ao texto da oficial da Bíblia Hebraica, bem como a língua em que foram escritos e sua datação. Por fim, estuda-se o texto em seu caráter teológico para que seja possível enxergar além do véu da palavra e assim descobrir o que aí se pensa sobre Deus e sua relação o homem, e se, apesar dos milênios que distanciam o homem de hoje de tão antigos monumentos da literatura, estes podem lançar luz sobre o mundo presente e ajudá-lo a traçar um futuro mais promissor.

**Palavras-chave:** Menorá, candelabro, literatura, poema jurídico.

## **ABSTRACT**

This master's dissertation carries out a detailed investigation into the literary form of Ex 25,31-40 by searching for elements that may confirm its belonging to the biblical genre of juridical poetry. Specific instructions for the manufacture of a lampstand that will compose the furniture of the Tabernacle and will also serve as an essential object in conducting the religious service are found in the excerpt. A specific study is carried out on each word that makes up the text and how they were combined to create the desired effect on those who would read or hear them first. Tables showing other manuscripts in which the text varies from the official standard version Hebrew Bible text are included, as well as the language in which they were written and their dating. Finally, the text is studied in its theological character so that it is possible to see what lies beyond the veil of the word and thus discover what it is thought there about God and His relationship to man, and whether, despite the millennia that separate today's man from the dawn of such ancient monuments of literature, they may shed light on the present world and aid it in charting a brighter future.

**Keywords:** Menorah, candelabrum, literature, juridical poetry.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. Texto</b> .....	14
1.1 <i>Texto hebraico segmentado e tradução para o português</i> .....	14
1.2 <i>Variantes textuais</i> .....	15
1.2.1 <i>Primeira variante</i> .....	15
1.2.2 <i>Segunda variante</i> .....	16
1.2.3 <i>Terceira variante</i> .....	17
1.2.4 <i>Quarta variante</i> .....	17
1.2.5 <i>Quinta variante</i> .....	17
1.2.6 <i>Sexta variante</i> .....	18
1.2.7 <i>Sétima variante</i> .....	18
1.2.8 <i>Oitava variante</i> .....	19
1.2.9 <i>Nona variante</i> .....	19
1.2.10 <i>Décima variante</i> .....	19
1.2.11 <i>Undécima variante</i> .....	20
1.2.12 <i>Duodécima variante</i> .....	20
1.3 <i>Análise morfológico-sintática</i> .....	20
1.4 <i>Análise sintática da tradução portuguesa</i> .....	28
1.4.1 <i>Farás um candelabro de ouro puro (Ex 25,31)</i> .....	29
1.4.2 <i>O candelabro será feito [como] trabalho batido a martelo: seu pedestal e suas hastes, seus copos, seus pomos e suas flores serão de uma só peça (Ex 25,31)</i> .....	29
1.4.3 <i>[Haverá] seis hastes que saem dos seus lados: três hastes de um lado do candelabro e três hastes do outro lado do candelabro; três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste e três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste: assim com relação às seis hastes que saem do candelabro (Ex 25,32-33)</i> .....	31
1.4.4 <i>No candelabro, quatro copos em forma de flor de amendoeira [com] seus pomos e suas flores: um pomo sob duas hastes de uma só peça, um pomo sob duas hastes de uma só peça e um pomo sob duas hastes de uma só peça com relação às seis hastes que saem do candelabro (Ex 25,34-35)</i> .....	35
1.4.5 <i>Seus pomos e suas hastes serão de uma só peça: todo ele [será] um só trabalho de ouro puro batido a martelo (Ex 25,36)</i> .....	38
1.4.6 <i>Farás suas sete lâmpadas (Ex 25,37)</i> .....	39
1.4.7 <i>Suas lâmpadas serão dispostas acima para que alumiem defronte dele (Ex 25,37)</i> .....	40
1.4.8 <i>Suas espevitadeiras e seus aparadores [serão] de ouro puro (Ex 25,38)</i> .....	41
1.4.9 <i>[Com] um talento de ouro puro lhe serão feitos todos estes utensílios (Ex 25,39)</i> .....	42
1.4.10 <i>Vê e faz conforme o modelo que te foi mostrado no monte</i> .....	42

1.5 <i>Delimitação e contexto literário</i> .....	44
1.6 <i>Primeiros resultados</i> .....	47
<b>2. Configuração poética</b> .....	<b>48</b>
<b>3. Reflexão teológica</b> .....	<b>54</b>
3.1 <i>Candelabro</i> .....	54
3.2 <i>Amendoeira</i> .....	57
3.3 <i>[Com] um talento de ouro o farás [...]</i> .....	60
3.4 <i>Metalurgia</i> .....	62
3.5 <i>Tabernáculo</i> .....	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>80</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>85</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>86</b>
<b>LISTA DE SÍMBOLOS</b> .....	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

“Ο λόγος τοῦ θεοῦ” (Ap 19,13), este é um dos títulos mais comumente atribuídos pelos cristãos ao conjunto de livros que consideram sagrados, a Bíblia. Quanto a este último, que quer dizer “livros” (do grego βιβλία, plural de βιβλος<sup>1</sup>), trazendo à baila a compilação dos textos que lhe dão forma, extrai-se de suas próprias páginas a razão que os movem a assim designá-los. Por exemplo, o termo é empregado para se referir ao livro da Lei: *τοῦ νόμου τούτου τὰ γεγραμμένα ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ* (Dt 28,58) ou ao livro de Moisés: *ἐν βιβλίῳ Μωυσῆ* (2Cr 35,12). E ainda, Santas Escrituras: *γραφαι ἁγίαι* (Rm 1,2) ou a Lei e os profetas: *ὁ νόμος καὶ οἱ προφῆται* (Mt 7,12). O costume teve início com os autores cristãos primitivos: o mais antigo documento de que se tem notícia é uma carta escrita por volta do ano 150 por Clemente de Alexandria, um dos primeiros Padres da Igreja<sup>2</sup>. Também os judeus conservam semelhante tradição, referindo-se frequentemente a essa “biblioteca” com a expressão “os livros” (הספרים<sup>3</sup>).

Dentre os livros que fazem parte dessa divina coleção, a presente dissertação de mestrado concentra-se naquele cujo título na versão grega da Bíblia remete ao evento épico lembrado como o mais portentoso ato do SENHOR para libertar os filhos de Israel da escravidão no Egito, o Êxodo (do grego *Ἔξοδος*, “saída”: nome composto de *ἐξ*, “para fora” e *ὁδός*, “estrada”, “caminho”). Dos eventos que constituem a obra, trata-se aqui da instrução do SENHOR dirigida a Moisés em Ex 25,31-40 para a fabricação de um candelabro de ouro de sete braços, a menorá (מְנֹרָה). O objeto compunha o mobiliário do santuário portátil que o SENHOR ordenara fosse construído pouco depois de deixar o Egito a vexada escumalha.

Em relação à autenticidade histórica dos eventos narrados no Êxodo, é sabido que os registros históricos egípcios jamais citam a libertação dos hebreus, sequer seu cativo descrito nas sagradas páginas. Na verdade, isso não surpreende, uma vez que também se sabe que havia entre os soberanos egípcios o costume de silenciar qualquer evento que fosse considerado embaraçoso para a nação e seu rei. Não obstante, os chamados “minimalistas históricos” ou “revisionistas” entendem esse “silêncio” como prova de que o Êxodo nunca aconteceu realmente. Devido à falta de fontes históricas independentes que o comprovem, sustentam que tudo não passa de propaganda religiosa escrita após o exílio babilônico.

<sup>1</sup> J. W. Rogerson, *An introduction to the Bible*, p. 1.

<sup>2</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA, PG 8,688; ORÍGENES, PG 11,127; JOÃO CRISÓSTOMO 62,361. Cf. Gastone Boscolo, *La Biblia en la historia*, p. 15.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 15.

Seja como for, o presente estudo não tinha a intensão de investigar questões ligadas diretamente à autenticidade histórica do evento narrado em Ex 25,31-40. Pretendeu, isto sim, investigá-lo como primeiramente se apresenta ao leitor/ouvinte, ou seja, como literatura.

A partir da análise literária dos textos que integram a Sagrada Escritura, não é difícil notar a preocupação que havia entre os hagiógrafos com a arte da composição e com a perícia verbal. Não obstante, não descuravam da beleza da expressão, procurando “encontrar palavras agradáveis” enquanto escreviam “com propriedade palavras verdadeiras” (Ecl 12,10).

À vista disso, é razoável afirmar que não se pode prescindir do estudo literário do texto em questão em favor da reflexão teológica. Portanto, buscou-se naquele os subsídios básicos que permitiram aprofundar ainda mais o que este pretendeu alcançar.

É natural que o leitor que desconheça a língua original do excerto em questão passe ao largo da discussão, contentando-se tão somente com as traduções disponíveis. Contudo, convém acentuar que este não é o caso quando se intenciona descobrir quais sejam as engrenagens que o põem em movimento.

Sendo este, portanto, o objetivo material desta pesquisa, recorreu-se largamente à utilização do método histórico-crítico, objeto formal que permitiu acessar o trecho sob análise em sua língua original, o hebraico bíblico. O passo seguinte envolveu o estabelecimento dos limites do texto para cima e para baixo; quer dizer, a identificação daqueles elementos que marcam o início, o desenvolvimento e o fim da unidade literária, processo chamado *delimitação*. Este deu lugar à *segmentação*, que consiste em fragmentar o texto a fim de isolar, tanto quanto possível, todas as unidades autônomas dotadas de intenção comunicativa definida. Por fim, procedeu-se à *tradução*, buscando, nesta operação, conservar ao máximo a fidelidade da expressão emitida na língua-fonte (hebraico) na língua-alvo (português).

Empreendeu-se a seguir uma investigação minuciosa das variantes textuais com o fito de comparar suas particularidades em relação às dos elementos consignados no texto assente e assim, de acordo com os critérios da crítica textual, reconstruir sua genealogia.

Realizou-se um extenso estudo morfológico-sintático de cada palavra presente no texto hebraico, isolada ou em cadeia sintagmática, que permitiu explorar ainda mais a estruturação própria da língua em nível de repertório, bem como de regras de combinação e de uso.

Após o trabalho de caráter mais formal, passou-se à consideração do texto sob a ótica do aspecto comunicativo. Preocupou-se em analisar o modelo segundo o qual o autor orientou sua

escrita para enquadrá-lo num determinado gênero literário que possivelmente engloba outros textos de características similares.

Completo-se a pesquisa por meio de um exame histórico-cultural do universo no qual o poema foi escrito. Essas observações fazem com que seja possível visitá-lo teologicamente, pois de algum modo refletem algo do tempo, da experiência e das circunstâncias do público a quem o texto foi primeiramente dirigido.

Por fim, o estudo do excerto proposto e metodologicamente justificado, certamente oferece uma contribuição válida àqueles que buscam na Palavra de Deus o sentido que extrapola o que é imediatamente comunicado pela letra. Em se tratando das Sagradas Escrituras, as imagens que chegam aos sentidos corporais, sejam elas visuais ou audíveis, são na verdade muito mais do que insinuem. As páginas a seguir de modo algum esgotam suas possibilidades de leitura. Antes, propõem uma reflexão possível acerca do poder que o misterioso símbolo do candelabro exerce há séculos na cultura judaico-cristã, apontando uma relação mais profunda não só entre Deus e o homem, mas entre este, seus semelhantes e o mundo que lhe foi confiado para cultivar e proteger. É justamente aí que o homem tem a oportunidade de cada vez mais assemelhar-se Àquele que a todos distribui com largueza dos dons de Sua infinita bondade.

## 1. Texto

### 1.1 *Texto hebraico segmentado e tradução para o português*

Objeto material desta pesquisa, o texto originalmente produzido em hebraico (Ex 25,31-40) compõe o *Codex Leningradensis*, datado de 1008 ou 1009 d.C. Oficialmente, o códice é conhecido por Firkowitch I. B19A ou ainda EBP. I B19A. Base da quarta edição crítica da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, “este documento é o mais antigo manuscrito massorético que contém a totalidade do texto da Bíblia Hebraica”<sup>4</sup>. O trecho a cuja observação o presente estudo se dedica figura na coleção dos textos legislativos do Antigo Testamento, contidos no Pentateuco.

A passagem da redação do hebraico (língua-fonte) para o equivalente em português (língua-alvo) visa tornar o texto compreensível ao leitor/ouvinte que desconhece a língua original do excerto em questão.

Optou-se por apresentar o texto traduzido ao lado do texto original: este à esquerda, aquele à direita. Tal expediente tem como fim facilitar a leitura, considerando a orientação de cada sistema de escrita: sendo o hebraico uma língua levovera<sup>5</sup>, os textos se afastam diametralmente a partir da indicação dos versetos no centro.

A subdivisão dos versículos em versetos nem sempre pretende valorizar a menor unidade autônoma dotada de intenção comunicativa definida. Cada verseto vem acompanhado de uma letra do alfabeto grego, à exceção dos versículos que não foram submetidos à nova divisão.

Quando presentes, os colchetes servem de recurso visual com o fim de indicar a inserção de palavras que não se verificam na sequência frásica da língua-fonte, contudo necessárias para garantir o sentido cabal da expressão na língua-alvo.

Buscou-se ao máximo cingir-se às palavras textuais do original a fim de conservar seu aspecto material e não perder de vista a simplicidade característica do texto. Tenha-se presente que a exploração detalhada dos elementos que lhe dão forma faz parte dos estudos descritos mais adiante, dos quais o texto a seguir é resultado.

---

<sup>4</sup> Edson de Faria Francisco, *Manual da Bíblia hebraica*, p. 315.

<sup>5</sup> Adovaldo Fernandes Sampaio, *Letras e memória*, p. 90.

וְעָשִׂיתָ מִנְרֵת זָהָב טָהוֹר	31α	<i>Farás um candelabro de ouro puro.</i>
מִקְשָׁה תַעֲשֶׂה הַמְנוּרָה	31β	<i>O candelabro será feito [como] trabalho batido a martelo:</i>
זָרְכָה וְקָנָה גְבִיעֵינָה כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ מִמְנָה יִהְיוּ	31γ	<i>seu pedestal e suas hastes, seus copos, seus pomos e suas flores serão de uma só peça.</i>
וְשֵׁשׁ קַנְיִים יֵצְאוּ מִצְדָּיהָ	32α	<i>Seis hastes saem dos seus lados:</i>
שְׁלֹשָׁה קַנְיֵי מִנְרָה מִצְדָּה הָאֶחָד	32β	<i>três hastes de um lado do candelabro</i>
וְשֵׁשׁ קַנְיֵי מִנְרָה מִצְדָּה הַשֵּׁנִי	32γ	<i>e três hastes do outro lado do candelabro.</i>
שְׁלֹשָׁה גְבָעִים מְשֻׁקְדִים בְּקָנָה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח	33α	<i>[Haverá] três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste</i>
וְשֵׁשׁ גְבָעִים מְשֻׁקְדִים בְּקָנָה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח	33β	<i>e três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste:</i>
כֵּן לְשֵׁשׁ הַקַּנְיִים הַיֵּצְאוּ מִן־הַמְנוּרָה	33γ	<i>[e] assim com relação às seis hastes que saem do candelabro.</i>
וּבַמְנוּרָה אַרְבָּעָה גְבָעִים מְשֻׁקְדִים כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ	34	<i>No candelabro, quatro copos em forma de flor de amendoeira [com] seus pomos e suas flores:</i>
וּכְפָתֵר תַּחַת שְׁנֵי הַקַּנְיִים מִמְנָה	35α	<i>um pomo sob duas hastes de uma só peça,</i>
וּכְפָתֵר תַּחַת שְׁנֵי הַקַּנְיִים מִמְנָה	35β	<i>um pomo sob duas hastes de uma só peça</i>
וּכְפָתֵר תַּחַת־שְׁנֵי הַקַּנְיִים מִמְנָה לְשֵׁשׁ הַקַּנְיִים הַיֵּצְאוּ מִן־הַמְנוּרָה	35γ	<i>e um pomo sob duas hastes de uma só peça com relação às seis hastes que saem do candelabro.</i>
כַּפְתָּרֵיהֶם וְקַנְתָּם מִמְנָה יִהְיוּ	36α	<i>Seus pomos e suas hastes serão de uma só peça:</i>
כֹּלָה מִקְשָׁה אַחַת זָהָב טָהוֹר	36β	<i>todo ele [será] um só trabalho de ouro batido a martelo.</i>
וְעָשִׂיתָ אֶת־נִרְתִּיהָ שִׁבְעָה	37α	<i>Farás suas sete lâmpadas.</i>
וְהִעֲלָה אֶת־נִרְתִּיהָ	37β	<i>Suas lâmpadas serão dispostas acima</i>
וְהָאִיר עֲלֵי־עֵבֶר פְּנֵיהָ	37γ	<i>para que alumiem defronte dele.</i>
וּמִלְקָחֶיהָ וּמִחַתְתֶיהָ זָהָב טָהוֹר	38	<i>Suas espévitadeiras e seus aparadores [serão] de ouro puro.</i>
כָּפֹר זָהָב טָהוֹר יַעֲשֶׂה אֹתָהּ אֵת כָּל־הַכֵּלִים הָאֵלֶּה	39	<i>[Com] um talento de ouro puro lhe serão feitos todos estes utensílios.</i>
וַרְאָה	40α	<i>Vê</i>
וַעֲשֶׂה בְּתַבְנִיתָם	40β	<i>e faze de acordo com o modelo</i>
אֲשֶׁר־אֹתָהּ מָרְאָה בְּהָר־	40γ	<i>que te foi mostrado no monte.</i>

## 1.2 Variantes textuais

O exame do aparato crítico da BHS<sup>6</sup> aponta 12 desvios ou lições em relação ao texto acolhido. Com base nas normas de avaliação da crítica interna, procurou-se “explicar o porquê das diferenças, reconstruindo a genealogia das variantes”<sup>7</sup>. Ao final da análise de cada variante, uma tabela contendo a indicação dos manuscritos nos quais se encontra, bem como sua datação e as línguas em que foi escrita antecede a análise da forma subsequente.

### 1.2.1 Primeira variante

A primeira variante, no v. 31α (תַעֲשֶׂה), é a forma da raiz do verbo *fazer* (עָשָׂה) no imperfeito do *nif'al*: grau simples na voz passiva, à qual se junta o sufixo pronominal da 3.<sup>a</sup> pessoa do

<sup>6</sup> A partir deste ponto, usa-se a sigla BHS sempre que a pesquisa se referir à *Biblia Hebraica Stuttgartensis*.

<sup>7</sup> Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de exegese bíblica*, p. 46.

feminino singular. O Pentateuco Samaritano apresenta o mesmo verbo na conjugação dos prefixos no grau *nif'al*, conservando a 3.<sup>a</sup> pessoa do feminino singular, mas com vocalização diferente nas duas primeiras sílabas (הַעֲשֶׂה), devido ao seu caráter dialetal. Concorda com o Pentateuco Samaritano os demais testemunhos indicados no aparato crítico. Apesar disso, ambas as formas podem ser traduzidas igualmente como “*será feito*”. O texto grego, por seu turno, lançando mão do verbo correspondente (ποιέω), conjuga-o no futuro do indicativo ativo da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular (ποιήσεις). Com a mudança de voz, o sujeito da passiva no texto hebraico passa a objeto direto do verbo no texto grego.

v. 31β					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	Hebraico	séc. X d.C.	הַעֲשֶׂה	<i>será feito</i>
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	□	Hebraico	séc. XII/XIII d.C.	הַעֲשֶׂה	<i>será feito</i>
<i>Septuaginta</i>	□	Grego	séc. III a.C.	ποιήσεις	<i>Farás</i>
<i>Versio Syriaca</i>	□	Siriaco	séc. II d.C.	הַעֲשֶׂה	<i>será feito</i>
<i>Targum Aramaicum</i>	□ <sup>Ms</sup>	aramaico	séc. XIV d.C.	הַעֲשֶׂה	<i>será feito</i>
<i>Targum pseudo-Jonathae</i>	□ <sup>J</sup>	aramaico	séc. XVI d.C.	הַעֲשֶׂה	<i>será feito</i>

### 1.2.2 Segunda variante

A seguir, em v. 31γ, dois substantivos no estado construto ocupam o núcleo do sujeito: um feminino (רַבָּה) e outro masculino (קַנֵּה), aos quais junta-se encliticamente o sufixo pronominal da 3.<sup>a</sup> pessoa do feminino singular (ָהּ). Como resultado desse processo, ocorre a alteração da vocalização dos substantivos, que passam a formar uma só unidade fonológica juntamente com o sufixo pronominal. Ao segundo termo, prende-se à conjunção coordenativa *waw* (וּ), estabelecendo relação entre os dois.

A versão samaritana difere do texto massorético quanto à vocalização e à ausência do prefixo conjuncional. Nela, apenas os dois últimos elementos constitutivos do candelabro estão coordenados: *pomos* e *flores*; diferentemente do texto massorético, no qual a conjunção relaciona os dois primeiros e os dois últimos: *pedestal* e *hastes*; *pomos* e *flores*, isolando no centro apenas *copos*.

v. 31γ					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTES	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	hebraico	séc. X d.C.	וְרַבָּה וְקַנֵּה	<i>seu pedestal e suas hastes</i>
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	□	hebraico	séc. XII/XIII d.C.	וְרַבָּה קַנֵּה	<i>seu pedestal, suas hastes</i>

### 1.2.3 Terceira variante

Neste ponto, em v. 33γ, o texto hebraico da *BHS* traz apenas a partícula adverbial (כֵּן), que introduz uma oração coordenada. O Pentateuco Samaritano, além do advérbio, inclui o verbo *fazer* (פָּשַׁע) no imperfeito do *nif'al*, ao qual se junta o sufixo pronominal da 3.<sup>a</sup> pessoa do feminino singular, embora sem a pontuação vocálica. A versão africana do texto latino faz uso de um pronome demonstrativo neutro no caso nominativo no lugar de um advérbio, a que se segue o verbo *fazer* (*facere*) no futuro do indicativo ativo na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular (*facies*).

O advérbio comunica *o modo* segundo o qual o artesão deverá proceder em relação à forma de cada haste do candelabro, ao passo que o pronome retoma *o que* o artesão deverá considerar em relação ao fabrico de cada haste do candelabro: diferenças sutis, contudo insuficientes para o encetamento de qualquer dificuldade no trecho em questão.

v. 33γ					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	hebraico	séc. X d.C.	כֵּן	<i>Assim</i>
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	□	hebraico	séc. XII/XIII d.C.	כֵּן תַּעֲשֶׂה	<i>assim será feita</i>
<i>Vetus Latina</i>	□	latim	séc. III d.C.	hoc facies	<i>Farás isto</i>

### 1.2.4 Quarta variante

O aparato crítico aponta a inexistência do substantivo (פְּשִׁיעַ דְּמֵי) que traduz o sintagma preposicional *em forma de flor de amendoeira* no trecho referente ao v. 34 na quase totalidade dos manuscritos em língua siríaca. Na versão dos LXX verifica-se, logo após, a inserção de uma locução adverbial de lugar (ἐν τῷ ἐνὶ καλαμίσκῳ).

v. 34					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	Hebraico	séc. X d.C.	פְּשִׁיעַ דְּמֵי	<i>em forma de flor de amendoeira</i>
<i>Versio Syriaca</i>	□	Siríaco	séc. II d.C.	—	—
<i>Septuaginta</i>	□	Grego	séc. III a.C.	ἐν τῷ ἐνὶ καλαμίσκῳ	+ numa haste

### 1.2.5 Quinta variante

No v. 35γ, o Texto Grego Original prefere uma construção mais suscinta, menos plástica em relação à do texto massorético, que repete por três vezes o período *um pomo sob duas hastes*

de uma só peça, no qual ocorre zeugma da forma verbal, introduzindo entre os dois últimos a conjunção aditiva. No texto grego, o autor opta pela redução em lugar da repetição, resumindo o que se diz em três períodos no texto hebraico em apenas dois; isto é: *um pomo de duas hastes de uma só peça e um pomo sobre quatro hastes de uma só peça.*

v. 35β					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	hebraico	séc. X d.C.	וַיִּשֶׁן	<i>Duas</i>
<i>Textus Graecus Originalis</i>	□*	grego	séc. III a.C.	τέσσαρες	<i>Quatro</i>

### 1.2.6 Sexta variante

Neste ponto, o texto grego introduz um advérbio de modo antes da locução preposicional, diferentemente dos textos da *BHS* e da Peshitta.

v. 35γ					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	Hebraico	séc. X d.C.	וַיִּשֶׁן	<i>com relação a seis</i>
<i>Septuaginta</i>	□	Grego	séc. III a.C.	οὕτως	<i>assim (com relação a seis)</i>
<i>Versio Syriaca</i>	□	Siríaco	séc. II d.C.	וַיִּשֶׁן	<i>com relação a seis</i>

### 1.2.7 Sétima variante

Aqui, as diferenças entre o texto acolhido, o Pentateuco Samaritano e o Targum Aramaico são mais uma vez de natureza dialetal: o que se pode facilmente perceber pela vocalização diversa praticada nesses manuscritos. Todos eles trazem o verbo no grau *hif'il* perfeito ligado ao *waw* consecutivo e ao sufixo pronominal da 3.<sup>a</sup> pessoa do masculino singular.

A tradução os leva para o plural feminino, já que devem concordar com o substantivo a que se referem, que em português é feminino (*lâmpadas*). A versão siríaca, embora conservando o aspecto verbal e a pessoa do discurso, lança mão de outro verbo. Por fim, tanto a Septuaginta quanto a Vulgata fazem uso da voz ativa com a conjugação dos verbos (*ἐπιθέω/ponere*) na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular ativo, fazendo com que o sujeito das orações hebraica e siríaca passem a objeto direto do verbo.

v. 37β					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	hebraico	séc. X d.C.	וְהָיוּ	<i>e serão dispostas</i>
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	□	hebraico	séc. XII/XIII d.C.	וְהָיוּ	<i>e serão dispostas</i>
<i>Septuaginta</i>	□	grego	séc. III a.C.	καὶ ἐπιθήσεις	<i>e porás</i>

<i>Versio Syriaca</i>	<input type="checkbox"/>	<i>siriaco</i>	<i>séc. II d.C.</i>	וְתִדְלִיק	<i>e serão acesas</i>
<i>Targum Aramaicum</i>	<input type="checkbox"/>	<i>aramaico</i>	<i>séc. XIV d.C.</i>	וְתִעְלִית	<i>e serão dispostas</i>
<i>Vulgata</i>	<input type="checkbox"/>	<i>latim</i>	<i>séc. IV d.C.</i>	<i>et pones</i>	<i>e porás</i>

### 1.2.8 Oitava variante

Tanto o texto da *BHS* quanto o do Pentateuco Samaritano são concordes no que diz respeito à conjugação do verbo (וָאֵר) no grau *hif'il* perfeito, que introduz uma oração subordinada adverbial final, à exceção da ausência da pontuação vocálica que se verifica no texto do Pentateuco Samaritano.

v. 37γ					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	<i>hebraico</i>	<i>séc. X d.C.</i>	וְהָאֵר	<i>para que alumiem</i>
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	<input type="checkbox"/>	<i>hebraico</i>	<i>séc. XII/XIII d.C.</i>	וְהָאֵר	<i>para que alumiem</i>

### 1.2.9 Nona variante

No v. 38, somente a Septuaginta traz a inclusão do verbo fazer (ποιέω) no futuro do indicativo ativo da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular (ποιήσεις) após o último termo da oração hebraica.

v. 38					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	<i>Hebraico</i>	<i>séc. X d.C.</i>	וְהָאֵר	<i>(de ouro) puro</i>
<i>Septuaginta</i>	<input type="checkbox"/>	<i>Grego</i>	<i>séc. III a.C.</i>	+ ποιήσεις	<i>(de ouro) puro [os] farás</i>

### 1.2.10 Décima variante

A primeira variante do v. 39, constante do Pentateuco Samaritano, da Peshitta e do Targum Aramaico prefere o verbo וְעָשָׂה na conjugação dos prefixos no grau *nif'al*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do feminino singular (וְעָשָׂה), diferentemente do texto da *BHS*, que o quer no grau *qal* imperfeito, na 3.<sup>a</sup> pessoa do masculino singular (וְעָשָׂה). Já o texto grego da Septuaginta o apresenta no futuro do indicativo ativo da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular (ποιήσεις).

Entre o texto acolhido e a Septuaginta existe correspondência na voz do verbo, mas não quanto à pessoa, o que sugere outro agente para a ação verbal. Os demais testemunhos, por sua vez, concordam todos entre si nas mesmas categorias.

v. 39					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	<i>hebraico</i>	<i>séc. X d.C.</i>	וְעָשָׂה	<i>(ele) fará</i>

<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	<input type="checkbox"/>	hebraico	séc. XII/XIII d.C.	תעשה	será feita
<i>Septuaginta</i>	<input type="checkbox"/>	grego	séc. III a.C.	ποιήσεις	Farás
<i>Versio Syriaca</i>	<input type="checkbox"/>	siríaco	séc. II d.C.	תעשה	será feita
<i>Targum Aramaicum</i>	<input type="checkbox"/> <sup>Ms</sup>	aramaico	séc. XIV d.C.	תעשה	será feita

### 1.2.11 Undécima variante

O texto massorético da *BHS* traz somente a partícula indicadora do acusativo, para a qual não há correspondência em língua portuguesa. Já o Pentateuco Samaritano e a Peshitta antepõem a ela a conjunção aditiva. A dessemelhança entre essas formas estende-se também à vocalização, já que à exceção do texto acolhido, ambos os testemunhos não se servem amplamente desse sistema.

v. 39					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	hebraico	séc. X d.C.	תא	—
<i>Pentateuchus Samaritanus</i>	<input type="checkbox"/>	hebraico	séc. XII/XIII d.C.	תאן	e —
<i>Versio Syriaca</i>	<input type="checkbox"/>	siríaco	séc. II d.C.	תאן	e —

### 1.2.12 Duodécima variante

No v. 40 ocorre o que a crítica textual identifica como “erro de ouvido”, que consiste na confusão de um ou mais fonemas por parte do copista enquanto este transcrevia o texto que lhe ia sendo ditado. Além disso, nada existe aqui que interfira na reta compreensão do texto.<sup>8</sup>

v. 40β					
MANUSCRITO	SIGLA	LÍNGUA	DATA	VARIANTE	TRADUÇÃO
<i>Codex Leningradensis</i>	B19 <sup>A</sup>	Hebraico	séc. X d.C.	בְּתַבְּנִיָּהֶם	de acordo com o modelo
<i>Targum Aramaicum</i>	<input type="checkbox"/> <sup>Ms</sup>	Aramaico	séc. XIV d.C.	בְּתַבְּנִיָּהֶם	de acordo com o modelo

## 1.3 Análise morfológico-sintática

A análise morfológico-sintática apresenta o resultado da investigação a que cada palavra contida em Ex 25,31-40 foi submetida, sob dois aspectos distintos, embora complementares: como entidade mórfica e como entidade frásica.

Por entidade mórfica, toma-se a palavra como portadora de significado, um todo semanticamente estruturado, tendo por base um radical, a partir do qual surgem seus derivados

<sup>8</sup> Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de exegese bíblica*, p. 47.

parassintéticos. Enquanto entidade frásica, unidade dotada significação (elemento semântico), termo indispensável para a inteligibilidade de um enunciado (elemento funcional).

Cabe ressaltar que, de acordo com o modelo classificatório que se baseia na estrutura das palavras “criado por Schlegel e vulgarizado por Guilherme Schleicher”<sup>9</sup>, o hebraico pertence ao grupo de línguas semíticas, “em que os elementos aglutinados se modificam para exprimir os acidentes da ideia”<sup>10</sup>.

VERSÍCULO E VERSETO	TERMO	PALAVRA	TRADUÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
v. 31α	וַעֲשִׂיתָ	Verbo no grau <i>qal</i> perfeito: tronco verbal mediante o qual o verbo comumente exprime o aspecto que caracteriza a oposição entre término/não término, acabado/não acabado. Além de formar uma unidade fonética com o verbo que se lhe segue, aqui o waw inversivo tem a propriedade de exprimir futuro. Também se liga à raiz verbal o sufixo pronominal da 2.ª pessoa do masculino singular, indican-do a pessoa do discurso a quem se fala.	<i>farás</i>	Verbo transitivo direto e núcleo do predicado verbal
	מְנֹרָת	Substantivo comum, feminino, singular, no estado construto.	[ <i>um</i> ] <i>candelabro</i>	Núcleo do objeto direto
	זָהָב	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto.	[ <i>de</i> ] <i>ouro</i>	Adj. adnominal de [ <i>um</i> ] <i>candelabro</i>
	טָהוֹר	Adjetivo, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>puro</i>	Adjunto adnominal de <i>ouro</i>
v. 31β	מִקְשָׁה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto.	[ <i>como</i> ] <i>trabalho batido a martelo</i>	Locução adverbial de modo
	תַּעֲשֶׂהָ	Verbo no grau <i>nif'al</i> : tronco mediante o qual exprimem-se as relações de passividade entre o sujeito e o verbo. À presente forma verbal junta-se o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular: desi-nência número-pessoal que denota a pes-soa do discurso acerca de quem se fala. Quanto ao aspecto, indica uma ação a ser realizada no futuro.	<i>será feito</i>	Verbo transitivo direto na voz passiva e núcleo do predicado verbal
v. 31β	הַמְּנֹרָה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto, a que se liga o artigo definido, formando com este uma unidade fônica	<i>o candelabro</i>	Sujeito
v. 31γ	יָרְכָהּ	Substantivo comum, feminino, singular, no estado construto, no qual se apoia o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular, formando com este uma unidade fônica.	<i>seu pedestal</i>	Sujeito
	וְיָרְכָהּ	Substantivo comum, masculino singular, no estado construto, no qual se apoiam o prefixo conjuncional e o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular, forman-do com estes uma unidade fonética.	<i>e suas hastes</i>	Sujeito

<sup>9</sup> Ismael de Lima Coutinho, *Gramática histórica*, p. 24.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 25.

v. 31γ	גְּבִיעֵיהָ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, no qual se apoiam o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular, formando com estes uma unidade fônica.	<i>seus copos</i>	Sujeito
	כַּפְתָּרֶיהָ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, no qual se apoia o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular, formando com estes uma unidade fônica.	<i>seus pomos</i>	Sujeito
	וּפְרָחֶיהָ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, no qual se apoiam o prefixo conjuncional e o sufixo pronominal da 3ª pessoa do feminino singular, forman-do com estes uma unidade fonética.	<i>e suas flores</i>	Sujeito
	מִמָּנָה	Preposição à qual se junta o sufixo pronominal da 3.ª pessoa do feminino singular.	<i>de uma só peça</i>	Predicativo do sujeito
	יְהִיוּ	Verbo no grau qal: tronco verbal mediante o qual o verbo comumente exprime o aspecto que caracteriza a oposição entre término/não término, acabado/não acaba -do. Liga -se à raiz verbal o sufixo pronomi-nal da 3.ª pessoa do masculino plural, indicando a pessoa do discurso acerca de quem se fala.	<i>serão</i>	Verbo de ligação
v. 32α	וְשֵׁשֶׁת	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, no qual se apoia o prefixo conjuncional, formando com este uma unidade fonética.	<i>e seis</i>	Adjunto adnominal de <i>hastes</i>
	קָנִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>hastes</i>	Núcleo do sujeito
	יֵצְאִים	Verbo no grau qal, particípio, masculino, plural, absoluto. Funciona como adjetivo atributivo do substantivo que o precede.	<i>que saem</i>	Oração subordinada adjetiva restritiva
	מִצְדָּיהָ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, no qual se apoiam um prefixo preposicional indicador de afasta - mento, separação, procedência, e o sufixo pronominal da 3.ª pessoa do feminino singular, referente à pessoa do discurso acerca de quem se fala. Forma com estes uma unidade fonética.	<i>dos seus lados</i>	Locução adverbial de lugar
v. 32β	שְׁלֹשָׁה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>três</i>	Adjunto adnominal de <i>hastes</i>
	קָנִי	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto	<i>hastes</i>	Sujeito
	מִנְרָה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto .	<i>do candelabro</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>
v. 32β	מִצְדָּהּ	Substantivo comum, masculino, singular, no estado construto, no qual se apoiam um prefixo preposicional indicador de afasta-mento, separação, procedência, e o sufixo pronominal da 3.ª pessoa do feminino singular, referente à pessoa do discurso acerca de quem se fala. Forma com estes uma unidade fonética	<i>de seu lado</i>	Locução adverbial de lugar
	הָאֶחָד	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>um</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>

v. 32γ	ושלישה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, no qual se apoia o prefixo conjuncional.	<i>e três</i>	Adjunto adnominal de <i>hastes</i>
	קני	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto.	<i>hastes</i>	Sujeito
	מנרה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto.	<i>do candelabro</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>
	מצדה	Substantivo comum, masculino, singular, no estado construto, no qual se apoiam um prefixo preposicional indicador de separação, procedência, e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular, referente à pessoa do discurso acerca de quem se fala. Forma com estes uma unidade fonética.	<i>de seu lado</i>	Locução adverbial de lugar
	השני	Numeral ordinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga proclítica-mente o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>o segundo</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>
v. 32γ	ושלישה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, no qual se apoia o prefixo conjuncional.	<i>e três</i>	Adjunto adnominal de <i>hastes</i>
	קני	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto.	<i>hastes</i>	Sujeito
	מנרה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto.	<i>do candelabro</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>
	מצדה	Substantivo comum, masculino, singular, no estado construto, no qual se apoiam um prefixo preposicional indicador de separação, procedência, e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular, referente à pessoa do discurso acerca de quem se fala. Forma com estes uma unidade fonética.	<i>de seu lado</i>	Locução adverbial de lugar
	השני	Numeral ordinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga proclítica-mente o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>o segundo</i>	Adjunto adnominal de <i>lado</i>
v. 33α	שלישה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto.	[ <i>haverá</i> ] <i>três</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	גבעים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>copos</i>	Não exerce função sintática alguma
	משקדים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>em forma de flor de amendoeira</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	בקנה	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se juntam procliticamente um prefixo preposicional indicador de lugar e o artigo definido.	<i>na haste</i>	Locução adverbial de lugar
	האחד	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>um</i>	Adjunto adnominal de <i>haste</i>
	כפתר	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>um pomo</i>	Não exerce função sintática alguma
	ופרח	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, no qual se apoia um prefixo conjuncional, formando com este uma unidade fonética.	<i>e uma flor</i>	Não exerce função sintática alguma
v. 33β	ושלישה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga um	<i>e três</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>

		prefixo conjuncional, formando com este uma unidade fonética.		
	גבעים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>copos</i>	Não exerce função sintática alguma
	משקדים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>em forma de flor de amendoeira</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	בקנה	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se juntam procliticamente um prefixo preposicional indicador de lugar e o artigo definido.	<i>na haste</i>	Locução adverbial de lugar
	האחד	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto, a que se liga o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>um</i>	Adjunto adnominal de <i>haste</i>
v. 33β	כפותר	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>um pomo</i>	Não exerce função sintática alguma
	ופרח	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, no qual se apoia um prefixo conjuncional, formando com este uma unidade fonética.	<i>e uma flor</i>	Não exerce função sintática alguma
v. 33γ	כן	Partícula adverbial de modo	<i>assim</i>	Advérbio de modo
	לששת	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado construto, no qual se apoia um prefixo preposicional, formando com este uma unidade fonética.	<i>com relação a seis</i>	Locução prepositiva
	הקנים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, no qual se apoia o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>as hastes</i>	Não exerce função sintática alguma
	היצאים	Verbo no grau <i>qal</i> , participio, masculino, plural, absoluto. Funciona como adjetivo atributivo do substantivo que o precede.	<i>as que saem</i>	Oração subordinada adjetiva restritiva
	מוןהמנרה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto, no qual se apoiam o prefixo preposicional indicador de separação, procedência, e o artigo definido, formando com estes uma unidade fonética.	<i>do candelabro</i>	Complemento adverbial de lugar
v. 34	ובמנרה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto, no qual se apoiam o prefixo conjuncional aditivo, o prefixo preposicional indicador de lugar e o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>e no candelabro</i>	Complemento adverbial de lugar
	ארבעה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>quatro</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	גבעים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>copos</i>	Não exerce função sintática alguma
	משקדים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto.	<i>em forma de flor de amendoeira</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	כפתוריה	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se junta o sufixo pronominal da 3.ª pessoa do feminino singular.	<i>[com] seus pomos</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>
	ופרתיה	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se juntam um prefixo conjuncional e o sufixo pronominal da 3.ª pessoa do feminino singular.	<i>e suas flores</i>	Adjunto adnominal de <i>copos</i>

v. 35α	וּכְפֹתֶהָ	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se junta um prefixo conjuncional.	<i>e um pomo</i>	Não exerce função sintática alguma
	תַּחַת	Partícula preposicional que assinala a situação de algo em plano vertical, inferior a outro no espaço.	<i>sob</i>	Preposição
	שְׁנֵי	Numeral cardinal, masculino, dual, no estado construto.	<i>duas</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	הַקָּנִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, no qual se apoia o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>as hastes</i>	Não exerce função sintática alguma
	מִמְּנָה	Preposição à qual se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>de uma só peça</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
v. 35β	וּכְפֹתֶהָ	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se junta um prefixo conjuncional.	<i>e um pomo</i>	Não exerce função sintática alguma
	תַּחַת	Partícula preposicional que assinala a situação de algo em plano vertical, inferior a outro no espaço.	<i>sob</i>	Preposição
v. 35β	שְׁנֵי	Numeral cardinal, masculino, dual, no estado construto.	<i>duas</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	הַקָּנִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, no qual se apoia o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>as hastes</i>	Não exerce função sintática alguma
	מִמְּנָה	Preposição à qual se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>de uma só peça</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
v. 35γ	וּכְפֹתֶהָ	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se junta um prefixo conjuncional.	<i>e um pomo</i>	Não exerce função sintática alguma
	תַּחַת־שְׁנֵי	Partícula preposicional que assinala a situação de algo em plano vertical, inferior a outro no espaço.	<i>sob duas</i>	Preposição + adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	הַקָּנִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, no qual se apoia o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>as hastes</i>	Não exerce função sintática alguma
	מִמְּנָה	Preposição à qual se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>de uma só peça</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	לְשֵׁשֶׁת	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado construto, no qual se apoia o prefixo preposicional, formando com este uma unidade fonética.	<i>com relação a seis</i>	Locução prepositiva + adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	הַקָּנִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, no qual se apoia o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>as hastes</i>	Não exerce função sintática alguma
	הַיְצָאִים	Verbo no grau <i>qal</i> , participio, masculino, plural, absoluto. Funciona como adjetivo atributivo do substantivo que o precede.	<i>as que saem</i>	Oração subordinada adjetiva restritiva
	מִן־הַמְּנָרָה	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto, no qual se apoiam o prefixo preposicional indicador de separação, procedência e o artigo definido, formando com estes uma unidade fonética.	<i>do candelabro</i>	Complemento adverbial de lugar
v. 36α	כְּפֹתֵיהֶם	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino plural.	<i>seus pomos</i>	Sujeito

	וּקְנָתָם	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se juntam um prefixo conjuncional e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino plural.	<i>e suas hastes</i>	Sujeito
	מִמְנָהּ	Preposição à qual se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>de uma só peça</i>	Adjunto adnominal de <i>as hastes</i>
	יְהִיוּ	Verbo no grau <i>qal</i> : tronco verbal mediante o qual o verbo comumente exprime o aspecto que caracteriza a oposição entre término/não término, acabado/não acaba -do. Liga -se à raiz verbal o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino plural.	<i>serão</i>	Verbo de ligação e núcleo do predicado nominal
v. 36β	בְּלֶהָ	Substantivo comum, masculino, singular, no estado construto, a que se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>todo ele [será ]</i>	Sujeito + verbo de ligação
	מִקְשָׁהּ	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto.	<i>trabalho batido a martelo</i>	Predicativo do sujeito
	אַחַת	Numeral cardinal, feminino, singular, no estado absoluto.	<i>um</i>	Adjunto adnominal de <i>trabalho</i>
	זָהָב	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto .	<i>[de] ouro</i>	Adjunto adnominal de <i>trabalho</i>
v. 36β	טָהוֹר	Adjetivo, masculino, singular, no estado absoluto .	<i>puro</i>	Adjunto adnominal de <i>ouro</i>
v. 37α	וְעָשִׂיתָ	Verbo no grau <i>qal</i> perfeito: tronco verbal mediante o qual o verbo comumente exprime o aspecto que caracteriza a oposição entre término/não término, acabado/não acabado. Além de formar uma unidade fonética com o verbo que se lhe segue, aqui o <i>waw</i> consecutivo tem a propriedade de exprimir futuro. Também liga -se à raiz verbal o sufixo pronominal da 2. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular, indicando a pessoa do discurso a quem se fala.	<i>farás</i>	Verbo transitivo direto e núcleo do predicado verbal.
	אֶת־נִרְתִּיָּהּ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se juntam a partícula que exprime a função do objeto direto e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>suas lâmpadas</i>	Núcleo do objeto direto + adjunto adnominal
	שִׁבְעָה	Numeral cardinal, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>sete</i>	Adj. adnominal de <i>lâmpadas</i>
v. 37β	וְהָעֵלָהּ	Verbo no grau <i>hif'il</i> perfeito e a que se juntam o <i>waw</i> consecutivo e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular.	<i>e serão dispostas acima</i>	Perífrase verbal na voz passiva + advérbio de lugar
	אֶת־נִרְתִּיָּהּ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se juntam a partícula que exprime a função do objeto direto e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular	<i>suas lâmpadas</i>	Sujeito
v. 37γ	וְהָאִיר	Verbo no grau <i>hif'il</i> perfeito: tronco verbal mediante o qual se expressa a causa, mas também a razão ou o motivo de algo, e a que se juntam o <i>waw</i> consecutivo e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular.	<i>para que alumiem</i>	Or. subordinada adverbial final
	עַל־עֵבֶר	Partícula preposicional que assinala a situação de superioridade em relação a um limite concreto no espaço, e a que se junta por meio do <i>maqgef</i> um substantivo comum, masculino,	<i>defronte</i>	Advérbio de lugar

		singular, no estado construto, formando com este uma unidade fônica.		
	פְּנֵיהָ	Substantivo comum, masculino, plural, no estado construto, a que se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	[de] <i>sua face</i>	Adjunto adnominal de <i>candelabro</i>
v. 38	וּמְלִקְחֶיהָ	Substantivo comum, masculino, dual, no estado construto, a que se juntam um prefixo conjuncional e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>suas espediteiras</i>	Sujeito
	וּמְחַתְּתֵיהָ	Substantivo comum, masculino, dual, no estado construto, a que se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>e seus aparadores</i>	Sujeito
	זָהָב	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto	[ <i>serão</i> ] <i>de ouro</i>	Verbo de ligação + núcleo do predicativo
	טָהוֹר	Adjetivo, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>puro</i>	Adjunto adnominal de <i>ouro</i>
v. 39	כֶּפֶר	Substantivo comum, feminino, singular, no estado absoluto.	[ <i>com</i> ] <i>um talento</i>	Advérbio de instrumento
	זָהָב	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto.	[de] <i>ouro</i>	Adjunto adnominal de <i>talento</i>
	טָהוֹר	Adjetivo, masculino, singular, no estado absoluto.	<i>puro</i>	Adjunto adnominal de <i>ouro</i>
v. 39	יַעֲשֶׂהָ	Verbo no grau <i>qal</i> imperfeito: tronco verbal mediante o qual o verbo comumente exprime o aspecto que caracteriza a oposição entre término/não término, acaba-do/não acabado, e a que se junta o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular.	<i>serão feitos</i>	Perífrase verbal na voz passiva
	אֵתָהּ	Partícula que exprime a função do objeto direto, e a que se liga o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do feminino singular.	<i>lhe</i>	Objeto indireto
	אֵת	Partícula que exprime a função do objeto direto e para a qual não existe correspondente em português.	—	—
	כָּל־הַכֵּלִים	Substantivo comum, masculino, plural, no estado absoluto, a que se junta, por meio do <i>maqef</i> , um substantivo comum, masculino, singular, no estado construto e, procliticamente, o artigo definido, formando com estes uma unidade fonética.	<i>todos os utensílios</i>	Sujeito
	הָאֵלֶּה	Pronome demonstrativo, plural, absoluto, a que se junta procliticamente o artigo definido, formando com este uma unidade fonética.	<i>estes</i>	Adjunto adnominal de <i>utensílios</i>
v. 40 $\alpha$	וְרָאָה	Verbo no grau <i>qal</i> imperativo: forma verbal mediante a qual se expressam ordens, e a que se juntam um prefixo conjuncional e o performativo da 2. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular.	<i>vê</i>	Oração absoluta
v. 40 $\beta$	וַעֲשֶׂהָ	Verbo no grau <i>qal</i> imperativo: forma verbal mediante a qual se expressam ordens, e a que se juntam um prefixo conjuncional e o performativo da 2. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular.	<i>e faze</i>	Verbo transitivo direto e núcleo do predicado verbal
	בְּתַבְנִיטָם	Substantivo comum, feminino, singular, no estado construto, a que se juntam procliticamente um prefixo preposicional e o sufixo pronominal da 3. <sup>a</sup> pessoa do masculino plural.	<i>de acordo com o modelo</i>	Locução adverbial de modo

v. 40γ	אֲשֶׁר־אֵתָהּ	Pronome relativo a que se liga, por meio do <i>maqfef</i> , o pronome pessoal da 2. <sup>a</sup> pessoa do masculino singular: complemento verbal que indica tanto a pessoa quanto a coisa a que se destina a ação.	<i>que te</i>	Objeto indireto
	קָרָאָהּ	Verbo no grau <i>hof'al</i> participio masculino singular absoluto.	<i>foi mostrado</i>	Locução perifrástica passiva
	בְּהָר	Substantivo comum, masculino, singular, no estado absoluto, a que se juntam procliticamente um prefixo preposicional e o artigo definido, formando com estes uma unidade fonológica.	<i>no monte</i>	Locução adverbial de lugar

#### 1.4 Análise sintática da tradução portuguesa

Julgou-se imprescindível apresentar uma análise sintática da tradução portuguesa a fim de refletir o compromisso para com o texto dito “original” o mais possível, anulando ao mesmo tempo qualquer presunção de “tradução fiel”. Como assevera o Talmude, “mente quem traduz palavra por palavra, de forma estritamente literal; blasfema quem acrescenta qualquer coisa”<sup>11</sup>.

Sem desconsiderar tal observação, buscou-se oferecer um texto inteligível e fluente ao leitor atual, conservando as repetições características do trecho estudado.

Além do mais, certos autores consideram que o texto pode muito bem ser abordado a partir do estudo de seus constituintes mais imediatos e do resultado das relações que se estabelecem entre eles.

O texto tem sido deixado à Literatura, Retórica e Estilística. Entretanto, seria talvez possível estender a Gramática até essa unidade maior da comunicação: um texto pode ser encarado como uma frase ampliada – uma extensa frase, feita da coordenação e subordinação de frases parciais.<sup>12</sup>

Isto posto, a representação da estrutura frasal em árvore ao final da análise de cada frase-período indica os sintagmas<sup>13</sup> componentes nos pontos de junção dos ramos. Este método explicita somente as classes gramaticais em jogo; as funções ficam implícitas, uma vez já contempladas na análise sintática.

<sup>11</sup> Jacopo de Varazze, *Legenda áurea*, p. 24

<sup>12</sup> Celso Pedro Luft, *Moderna gramática brasileira*, p. 10.

<sup>13</sup> Sintagma é qualquer constituinte imediato da oração. Unidade da análise sintática composta de um núcleo (p. ex., um verbo, um nome, um adjetivo etc.) exerce função de sujeito, complemento, predicativo, adjunto adverbial. Dele participam outros termos, formando uma locução que entra na formação da oração. Tanto pode ser uma palavra só como mais de uma palavra. Cf. Celso Pedro Luft, *op. cit.*, p. 13.



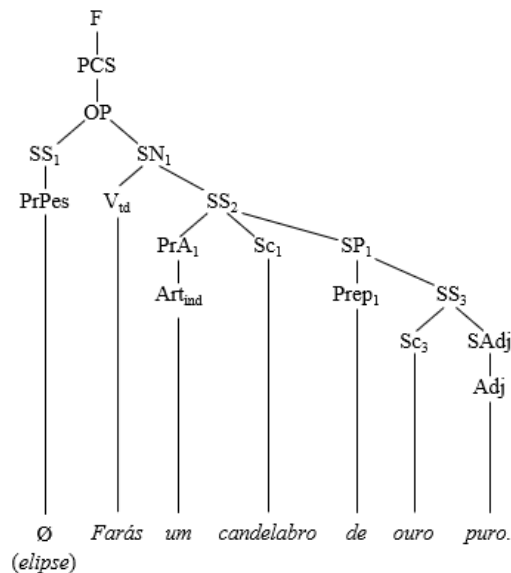
### 1.4.1 *Farás um candelabro de ouro puro* (Ex 25,31)

Período simples, oração absoluta.

1.<sup>a</sup> oração: *Farás um candelabro de ouro puro* – principal.

Sujeito oculto: *Tu* – implícito na conjugação verbal.

Predicado verbal: *Farás um candelabro de ouro puro*. O verbo *fazer* é transitivo direto, tendo por objeto *um candelabro de ouro puro*. *Um* e *de ouro* são adjuntos adnominais de *candelabro*. *Puro*: adjunto adnominal de *ouro*.



1. F
2. F → PCS
3. PCS → OP
4. OP → SS<sub>1</sub> + SN<sub>1</sub>
5. SS<sub>1</sub> → PrPes
6. SN<sub>1</sub> → V<sub>td</sub> + SS<sub>2</sub>
7. SS<sub>2</sub> → Sc<sub>1</sub> + SP<sub>1</sub>
8. SP<sub>1</sub> → Prep<sub>1</sub> + SS<sub>3</sub>
9. SS<sub>3</sub> → Sc<sub>3</sub> + SAdj
10. SAdj → Adj

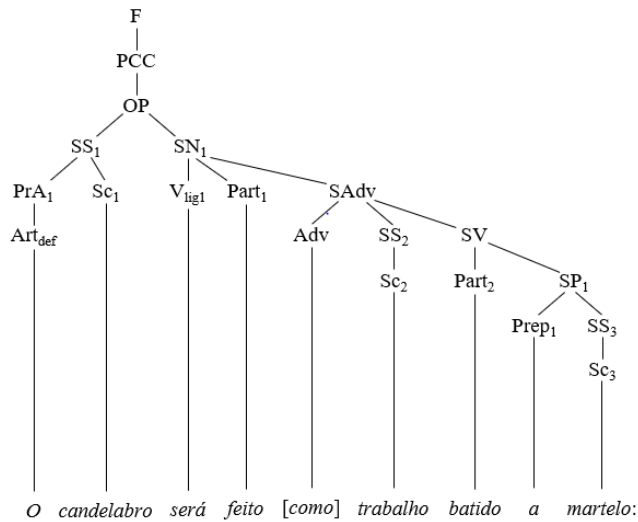
### 1.4.2 *O candelabro será feito [como] trabalho batido a martelo: seu pedestal e suas hastes, seus copos, seus pomos e suas flores serão de uma só peça* (Ex 25,31)

Período composto por coordenação.

1.<sup>a</sup> oração: *O candelabro será feito [como] trabalho batido a martelo* – principal.

Sujeito simples: *O candelabro*. Núcleo: *candelabro*. *O*: adjunto adnominal de *candelabro*.

Predicado verbal: *será feito [como] trabalho batido a martelo*. Locução perifrástica passiva analítica. *Será feito*: verbo auxiliar seguido do particípio *feito*. *[Como] trabalho batido a martelo*: Locução adverbial de modo. *Trabalho*: relativo a *um candelabro de ouro puro*. *Batido*: adjetivo verbal, concordando com o substantivo *trabalho*. *A martelo*: adjunto adverbial (de instrumento) de *batido*.



1. F
2. F → PCC
3. PCC → OP
4. OP → SS<sub>1</sub> + SN<sub>1</sub>
5. SS<sub>1</sub> → PrA<sub>1</sub> + Sc<sub>1</sub>
6. PrA<sub>1</sub> → Art<sub>def</sub>
7. SN<sub>1</sub> → V<sub>lig</sub> + Part<sub>1</sub> + SAdv
8. SAdv → Adv + SS<sub>2</sub> + SV
9. SV → Part<sub>2</sub> + SP<sub>1</sub>
10. SP<sub>1</sub> → Prep<sub>1</sub> + SS<sub>3</sub>
11. SS<sub>3</sub> → Sc<sub>3</sub>

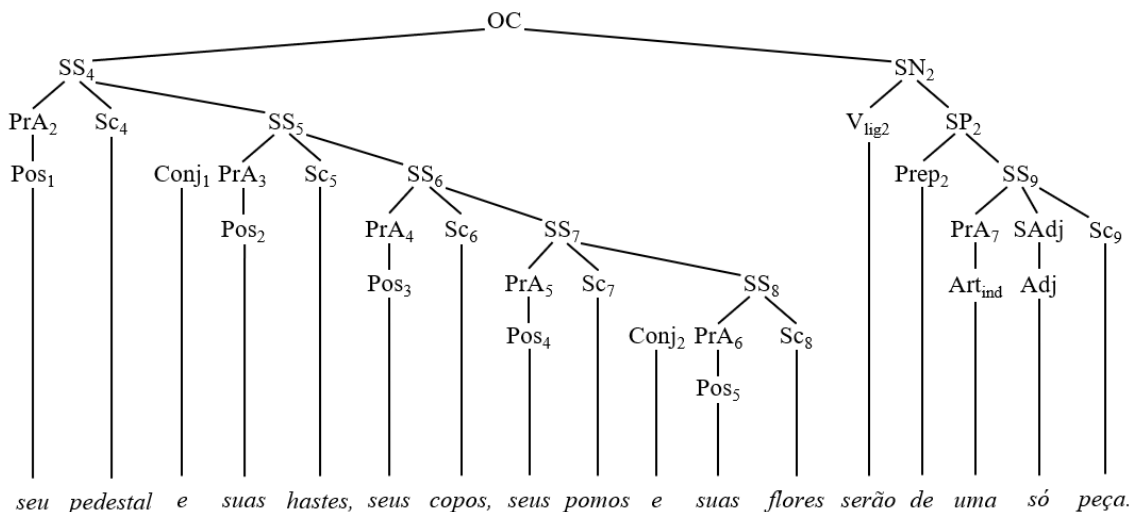
2.<sup>a</sup> oração: *seu pedestal e suas hastes, seus copos, seus pomos e suas flores serão de uma só peça* – coordenada.

Sujeito composto: *seu pedestal e suas hastes, seus copos, seus pomos e suas flores*.

Núcleos: *pedestal, hastes, copos, pomos e flores*; *seu*: adjunto adnominal de *pedestal*; *suas*: adjunto adnominal de *hastes e flores*; *seus*: adjunto adnominal de *copos e pomos*.

Predicado nominal: *serão de uma só peça*. *Serão*: verbo de ligação. *De uma só peça*:

Locução adverbial de modo. *De uma só peça*: adjunto adnominal de *hastes*. *Uma e só*: adjuntos adnominais de *peça*.



1. F
2. F → PCC
3. PCC → OP + OC
4. OP → SS<sub>1</sub> + SN<sub>1</sub>
5. SS<sub>1</sub> → PrA<sub>1</sub> + Sc<sub>1</sub>
6. PrA<sub>1</sub> → Art<sub>def</sub>
7. SN<sub>1</sub> → V<sub>lig1</sub> + Part<sub>1</sub> + SAdv
8. SAdv → Adv + SS<sub>2</sub>
9. SS<sub>2</sub> → Sc<sub>2</sub> + SV
10. SV → Part<sub>2</sub> + SP<sub>1</sub>
11. SP<sub>1</sub> → Prep<sub>1</sub> + SS<sub>3</sub>
12. SS<sub>3</sub> → Sc<sub>3</sub>
13. OC → SS<sub>4</sub> + SN<sub>2</sub>
14. SS<sub>4</sub> → PrA<sub>2</sub> + Sc<sub>4</sub> + SS<sub>5</sub>
15. PrA<sub>2</sub> → Pos<sub>1</sub>
16. SS<sub>5</sub> → Conj<sub>1</sub> + PrA<sub>3</sub> + Sc<sub>5</sub> + SS<sub>6</sub>
17. PrA<sub>3</sub> → Pos<sub>2</sub>
18. SS<sub>6</sub> → PrA<sub>4</sub> + Sc<sub>6</sub> + SS<sub>7</sub>
19. PrA<sub>4</sub> → Pos<sub>3</sub>
20. SS<sub>7</sub> → PrA<sub>5</sub> + Sc<sub>7</sub> + SS<sub>8</sub>
21. PrA<sub>5</sub> → Pos<sub>4</sub>
22. SS<sub>8</sub> → Conj<sub>2</sub> + PrA<sub>6</sub> + Sc<sub>8</sub>
23. PrA<sub>6</sub> → Pos<sub>5</sub>
24. SN<sub>2</sub> → V<sub>lig2</sub> + SP<sub>2</sub>
25. SP<sub>2</sub> → Prep<sub>2</sub> + SS<sub>9</sub>
26. SS<sub>9</sub> → PrA<sub>7</sub> + SAdj + Sc<sub>9</sub>
27. PrA<sub>7</sub> → Art<sub>ind</sub>
28. SAdj → SAdj

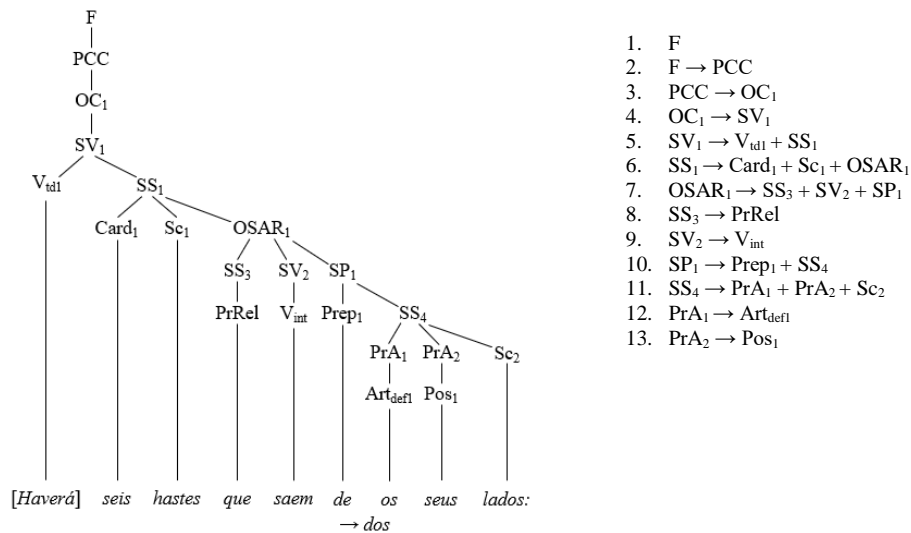
1.4.3 [Haverá] seis hastes que saem dos seus lados: três hastes de um lado do candelabro e três hastes do outro lado do candelabro; três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste e três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste: assim com relação às seis hastes que saem do candelabro (Ex 25,32-33)

Período composto por duas orações coordenadas assindéticas e uma sindética, e duas orações coordenadas sindéticas e uma assindética.

1.<sup>a</sup> oração: [Haverá] seis hastes que saem dos seus lados: – coordenada à 2.<sup>a</sup> oração.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se na parte verbal. O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Trata-se, portanto, da pura enunciação de um fato. Fica o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular – *Haverá* – não por concordância, mas porque essa é a forma básica do verbo, não marcada, de desinência número-pessoal zero.

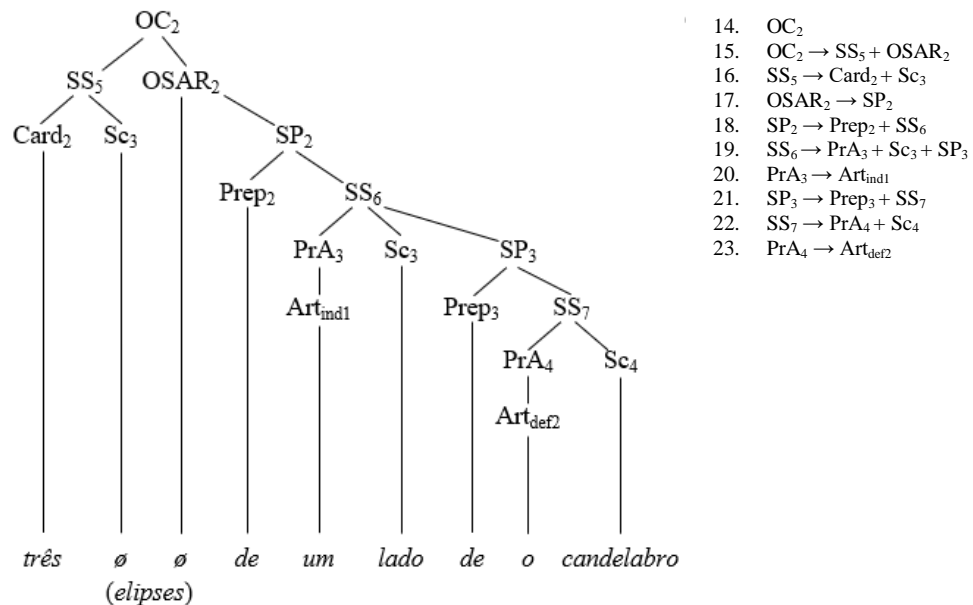
Predicado: *seis hastes que saem dos seus lados*. *Seis*: adjunto adnominal de *hastes*; *que saem*: adjunto adnominal restritivo de *seis hastes*. O verbo *sair* é transitivo indireto (*sair de*); *dos seus lados*: complemento adverbial de lugar. *Os* e *seus*: adjuntos adnominais de *lados*.



2.<sup>a</sup> oração: *três hastes de um lado do candelabro* – coordenada à 1.<sup>a</sup> oração.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se no verbo elíptico, enunciado na primeira oração (*Haverá*). O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Fica o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, não por concordância, mas porque essa é a forma básica do verbo, não marcada, de desinência número-pessoal zero.

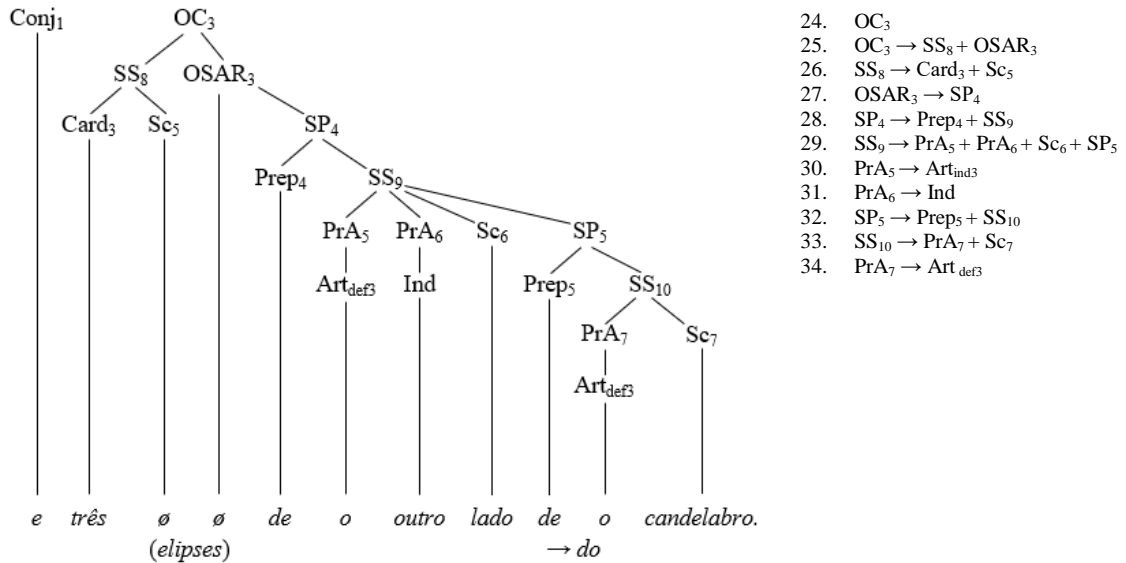
Predicado: *três hastes (que saem) de um lado do candelabro*; sendo omitido o adjunto adnominal restritivo, enunciado na primeira oração. *Três*: adjunto adnominal de *hastes*. *De um lado do candelabro*: complemento adverbial de lugar. *Um* e *do candelabro*: adjuntos adnominais de *lado*. *Do candelabro*: *O*: adjunto adnominal de *candelabro*.



3.<sup>a</sup> oração: *e três hastes do outro lado do candelabro* – coordenada à 2.<sup>a</sup> oração, introduzida pela conjunção coordenativa aditiva *e*.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se no verbo elíptico, enunciado na primeira oração (*Haverá*). O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Trata-se, portanto, da pura enunciação de um fato. Fica o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, não por concordância, mas porque essa é a forma básica do verbo, não marcada, de desinência número-pessoal zero.

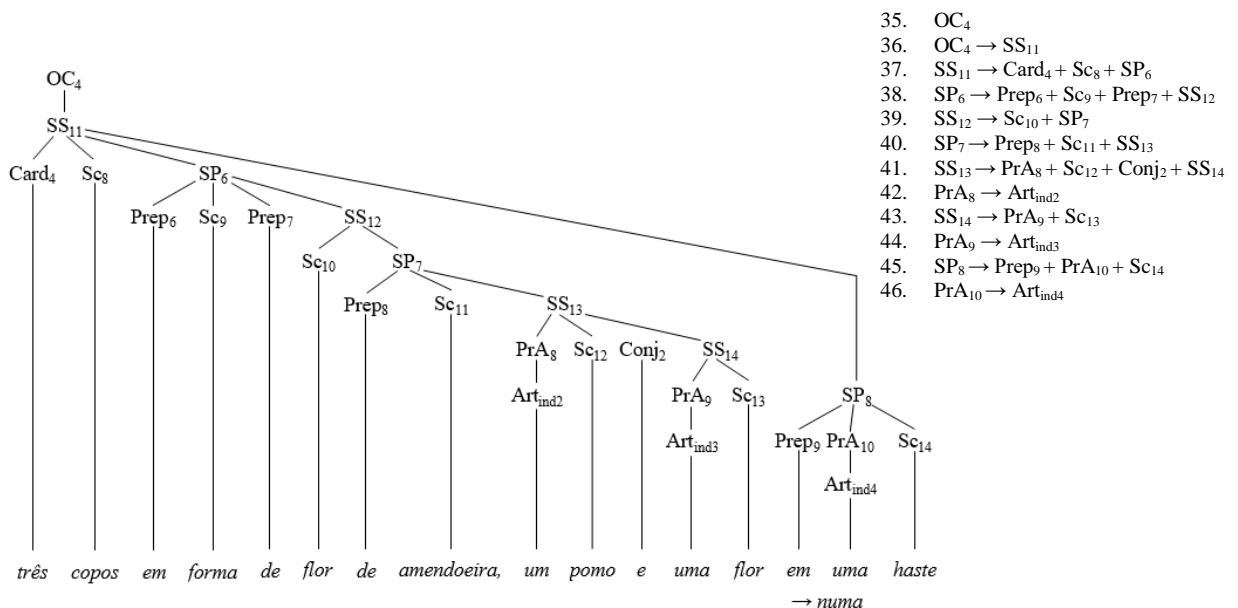
Predicado: *e três hastes de outro lado do candelabro*; sendo omitido o adjunto adnominal restritivo (*que saem*), enunciado na primeira oração. *Três*: adjunto adnominal de *hastes*. *Do outro lado do candelabro*: complemento adverbial de lugar. *O, outro* e *do candelabro*: adjuntos adnominais de *lado*. *O*: adjunto adnominal de *candelabro*.



4.<sup>a</sup> oração: *três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste* – coordenada assindética em relação à 3.<sup>a</sup> oração.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se no verbo elíptico, enunciado na primeira oração (*Haverá*). O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Trata-se, portanto, da pura enunciação de um fato. Fica o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, não por concordância, mas porque essa é a forma básica do verbo, não marcada, de desinência número-pessoal zero.

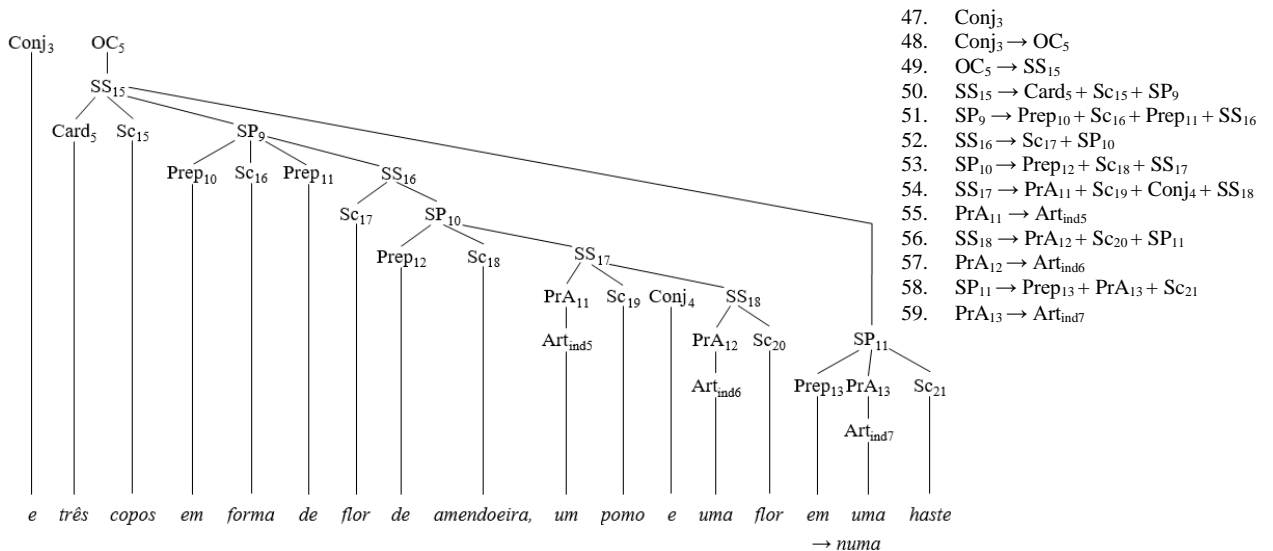
Predicado: *três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste*. *Três e em forma de flor de amendoeira*: adjuntos adverbiais de *copo*; *de amendoeira*: adjunto adverbial de *flor*. *Um*: adjunto adnominal de *pomo*; *uma*: adjunto adnominal de *flor*.



5.<sup>a</sup> oração: *e três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste* – coordenada sindética em relação à 4.<sup>a</sup> oração, introduzida pela conjunção coordenativa *e*.

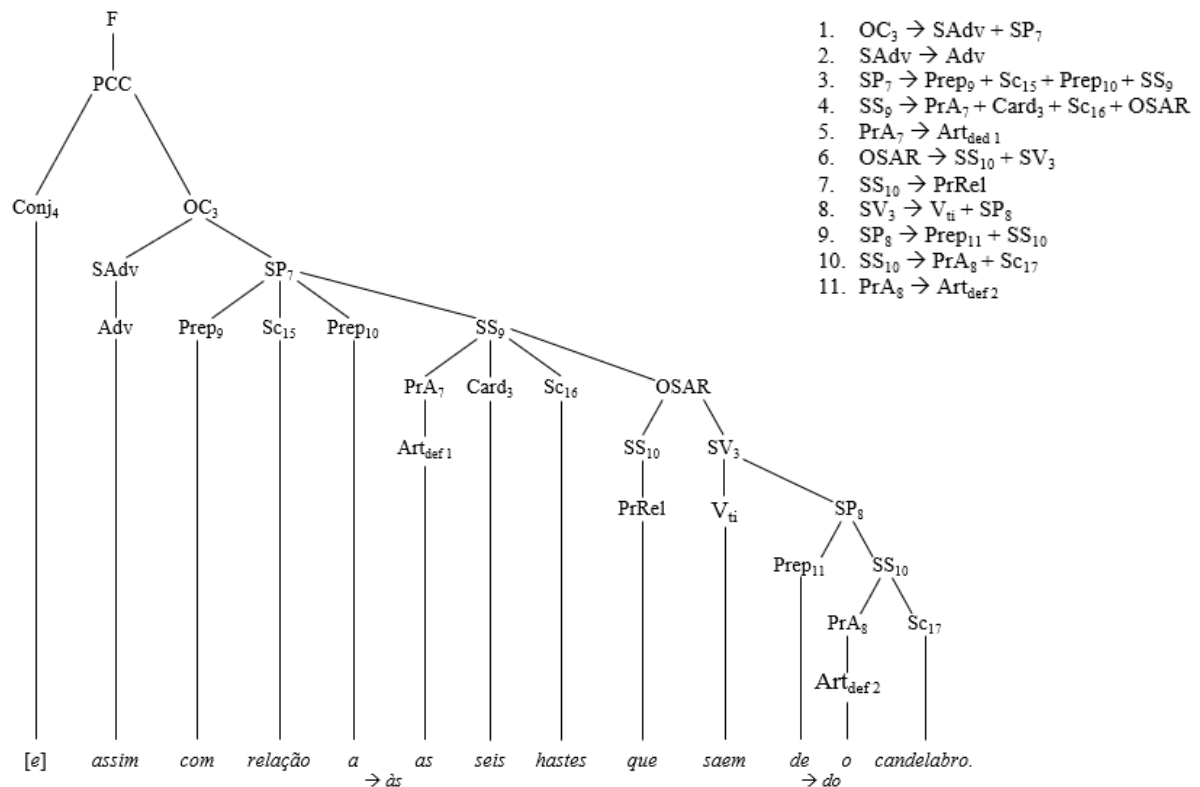
Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se no verbo elíptico, enunciado na primeira oração (*Haverá*). O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Trata-se, portanto, da pura enunciação de um fato. Fica o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, não por concordância, mas porque essa é a forma básica do verbo, não marcada, de desinência número-pessoal zero.

Predicado: *três copos em forma de flor de amendoeira, um pomo e uma flor numa haste*. *Três e em forma de flor de amendoeira*: adjuntos adverbiais de *copo*; *de amendoeira*: adjunto adverbial de *flor*. *Um*: adjunto adnominal de *pomo*; *uma*: adjunto adnominal de *flor*.



6.<sup>a</sup> oração: *assim com relação às seis hastes que saem do candelabro* – coordenada à 5.<sup>a</sup> e servindo de aposto desta.

Oração impessoal: O enunciado concentra-se no predicado. *Com relação a*: locução prepositiva (conectivo subordinante): indica que seu consequente (*as seis hastes que saem do candelabro*) se subordina a um antecedente (*assim*). *Assim*: advérbio (de modo). *As, seis e que saem do candelabro*: adjuntos adnominais de *hastes*. *O*: adjunto adnominal de *candelabro*.



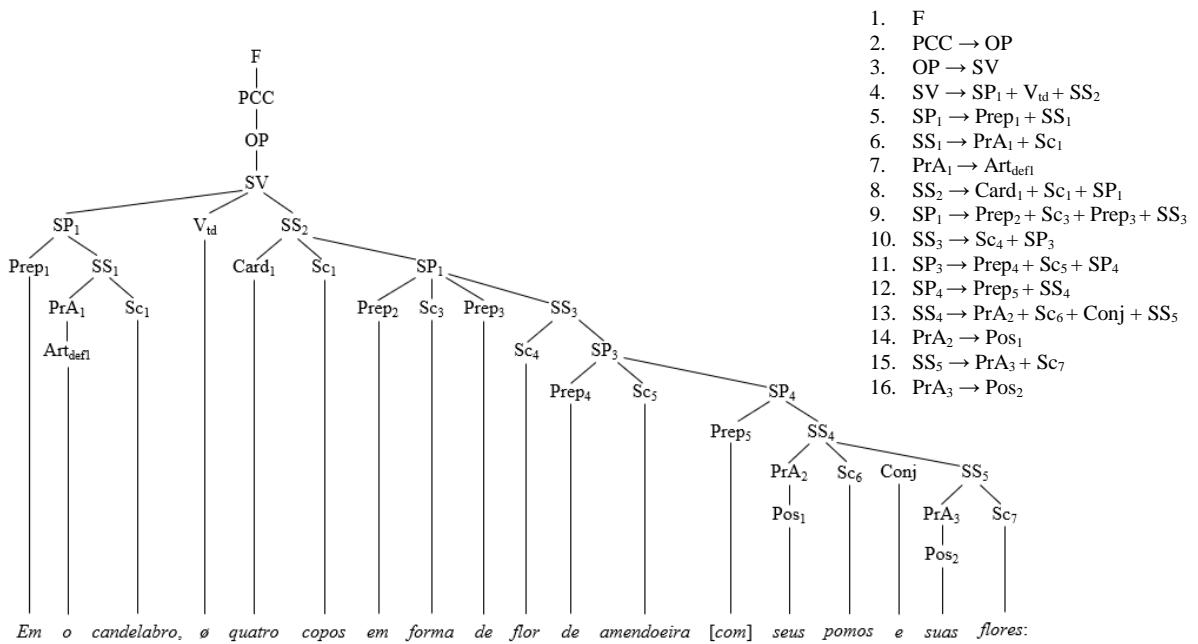
1.4.4 No candelabro, quatro copos em forma de flor de amendoeira [com] seus pomos e suas flores: um pomo sob duas hastes de uma só peça, um pomo sob duas hastes de uma só peça e um pomo sob duas hastes de uma só peça com relação às seis hastes que saem do candelabro (Ex 25,34-35)

Período composto por coordenação.

1.<sup>a</sup> oração: *No candelabro, quatro copos em forma de flor de amendoeira [com] seus pomos e suas flores* – coordenada à 2.<sup>a</sup> oração.

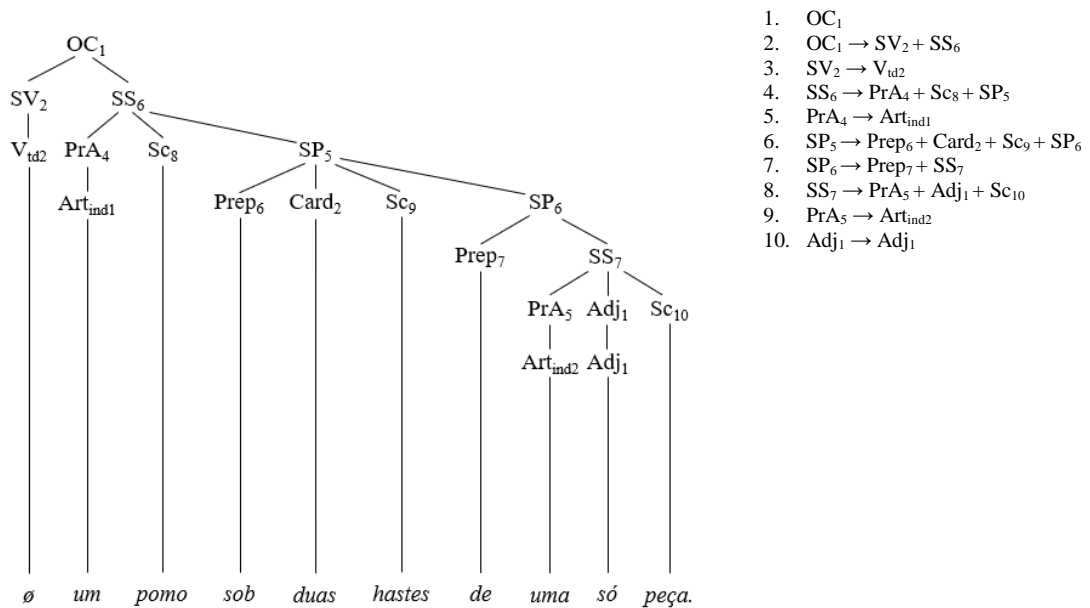
Sujeito inexistente: Oração unimembre. Toda a declaração concentra-se na parte verbal, suprimida por elipse, recuperável no contexto. O processo não é atribuído a qualquer agente ou coisa que o valha. Trata-se, portanto, da pura enunciação de um fato.

Predicado: *No candelabro*: adjunto adverbial de lugar; *o*: adjunto adnominal de *candelabro*. *Quatro e em forma*: adjuntos adnominais de *copos*. *De flores*: adjunto adnominal de *forma*. *De amendoeira*: adjunto adnominal de *flores*. *Com seus pomos e suas flores*: adjunto adnominal de *copos*. *Seus*: adjunto adnominal de *pomos*; *suas*: adjunto adnominal de *flores*.



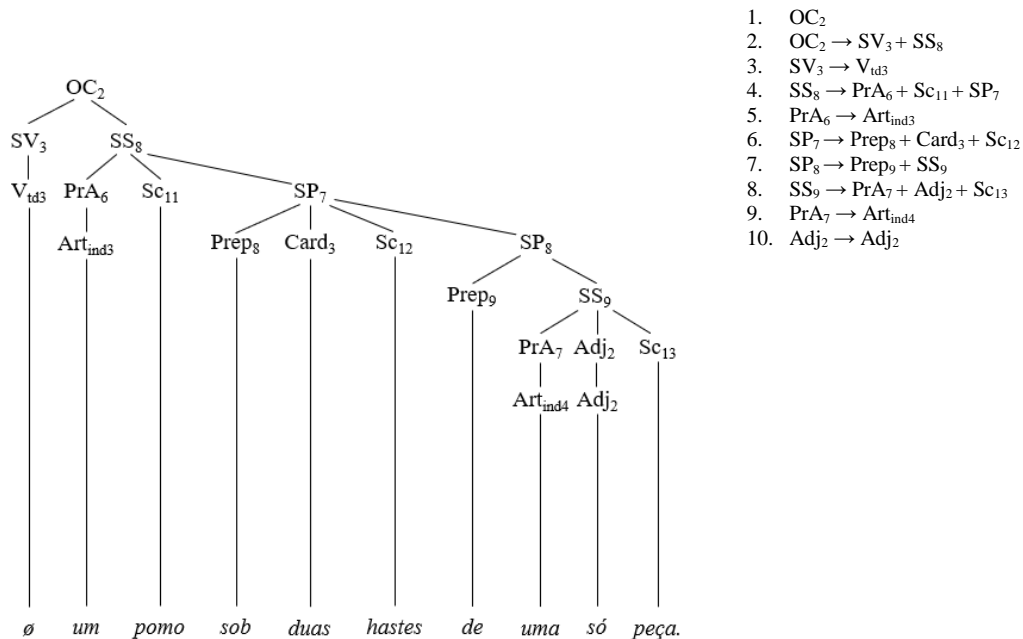
2.<sup>a</sup> oração: *um pomo sob duas hastes de uma só peça* – coordenada à 1.<sup>a</sup> oração.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se na parte verbal (*Haverá*) – subentendida no contexto. *Um*: adjunto adnominal de *pomo*. *Sob duas hastes*: locução adverbial de lugar. *Duas*: adjunto adnominal de *hastes*. *De uma só peça*: adjunto adnominal de *hastes*. *Uma e só*: adjuntos adnominais de *peça*.



3.<sup>a</sup> oração: *um pomo sob duas hastes de uma só peça* – coordenada à 2.<sup>a</sup> oração.

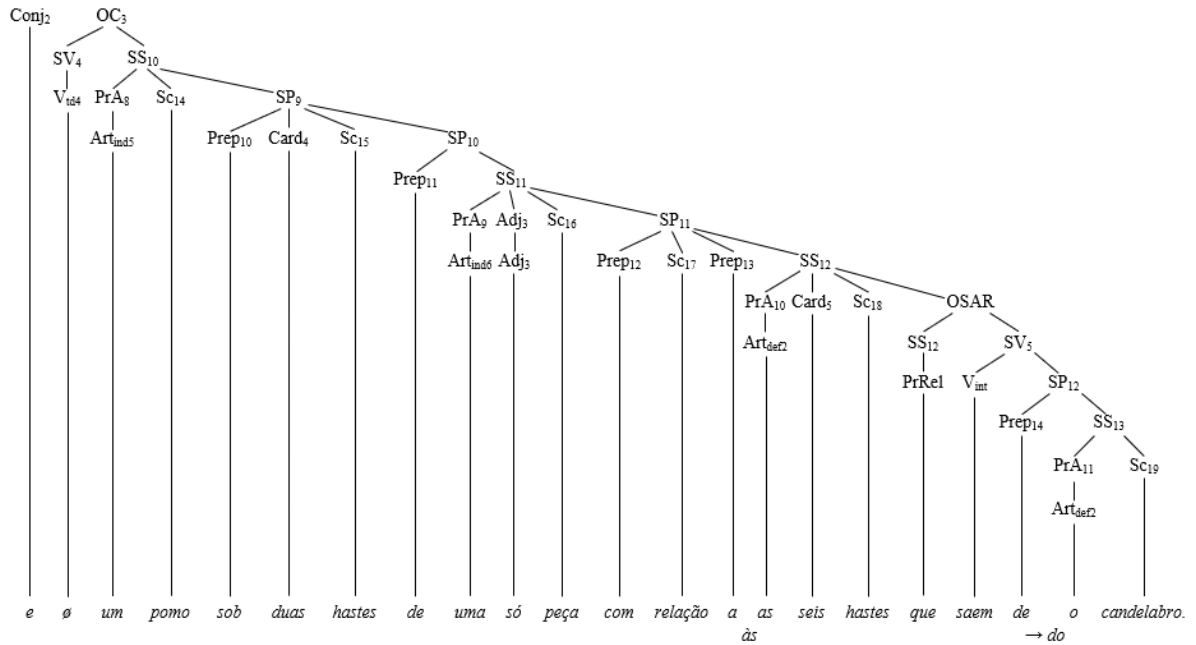
Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se na parte verbal (*haverá*) – subentendida no contexto. *Um*: adjunto adnominal de *pomo*. *Sob duas hastes*: locução adverbial de lugar. *Duas*: adjunto adnominal de *hastes*. *De uma só peça*: adjunto adnominal de *hastes*. *Uma* e *só*: adjuntos adnominais de *peça*.



4.<sup>a</sup> oração: *e um pomo sob duas hastes de uma só peça com relação às seis hastes que saem do candelabro* – oração coordenada à 3.<sup>a</sup>, introduzida pelo conectivo conjuncional coordenativo aditivo *e*.

Sujeito inexistente: Toda a declaração concentra-se na parte verbal (*Haverá*) – recuperável no contexto. *Um*: adjunto adnominal de *pomo*. *Sob duas hastes*: locução adverbial de lugar. *Duas*: adjunto adnominal de *hastes*. *De uma só peça*: adjunto adnominal de *hastes*. *Uma* e *só*: adjuntos adnominais de *peça*. *Com relação a*: locução prepositiva (conectivo subordinante): indicando seu conseqüente (*as seis hastes que saem do candelabro*). *As, seis* e *que saem do candelabro* (oração subordinada adjetiva restritiva): adjuntos adnominais de *hastes*. *O*: adjunto adnominal de *candelabro*.

- |   |  |
|---|--|
| 1. Conj <sub>2</sub> + OC <sub>3</sub>  | 11. SP <sub>11</sub> + Prep <sub>12</sub> + Sc <sub>17</sub> + Prep <sub>13</sub> + SS <sub>12</sub> |
| 2. OC <sub>3</sub> → SV <sub>4</sub> + SS <sub>10</sub>   | 12. SS <sub>12</sub> → PrA <sub>10</sub> + Card <sub>5</sub> + Sc <sub>18</sub> + OSAR               |
| 3. SV <sub>4</sub> → V <sub>td4</sub>   | 13. PrA <sub>10</sub> → Art <sub>def2</sub>  |
| 4. SS <sub>10</sub> → PrA <sub>8</sub> + Sc <sub>14</sub> + SP <sub>9</sub>                       | 14. OSAR → SS <sub>12</sub> + SV <sub>5</sub> + SP <sub>9</sub>                                      |
| 5. PrA <sub>8</sub> → Art <sub>ind5</sub>   | 15. SS <sub>12</sub> → PrRel   |
| 6. SP <sub>9</sub> → Prep <sub>10</sub> + Card <sub>4</sub> + Sc <sub>15</sub> + SP <sub>10</sub> | 16. SV <sub>5</sub> → V <sub>int</sub> + SP <sub>12</sub>  |
| 7. SP <sub>10</sub> → Prep <sub>11</sub> + SS <sub>11</sub>                                       | 17. SP <sub>12</sub> → Prep <sub>14</sub> + SS <sub>13</sub>   |
| 8. SS <sub>11</sub> → PrA <sub>9</sub> + Adj <sub>3</sub> + Sc <sub>16</sub> + SP <sub>11</sub>   | 18. SS <sub>13</sub> → PrA <sub>11</sub> + Sc <sub>19</sub>  |
| 9. PrA <sub>9</sub> → Art <sub>ind6</sub>   | 19. PrA <sub>11</sub> → Art <sub>def2</sub>  |
| 10. Adj <sub>3</sub> → Adj <sub>3</sub>   |  |

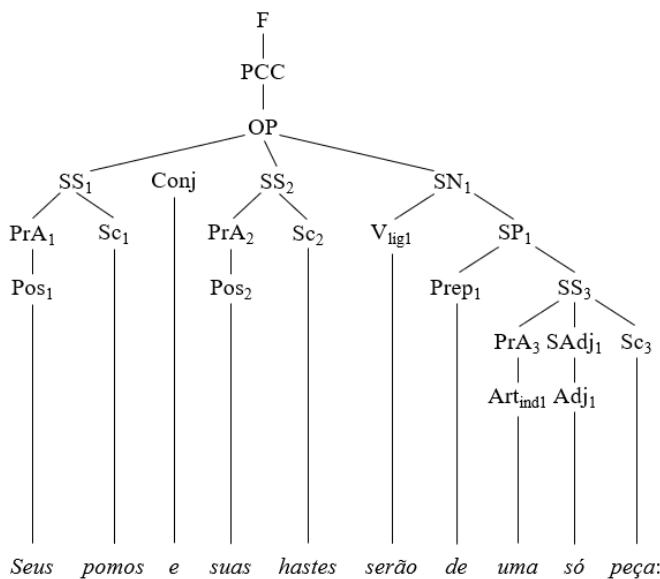


1.4.5 Seus pomos e suas hastes serão de uma só peça: todo ele [será] um só trabalho de ouro puro batido a martelo (Ex 25,36)

1.<sup>a</sup> oração: Seus pomos e suas hastes serão de uma só peça – coordenada à 2.<sup>a</sup> oração.

Sujeito composto: Seus pomos e suas hastes. Núcleos: pomos e hastes.

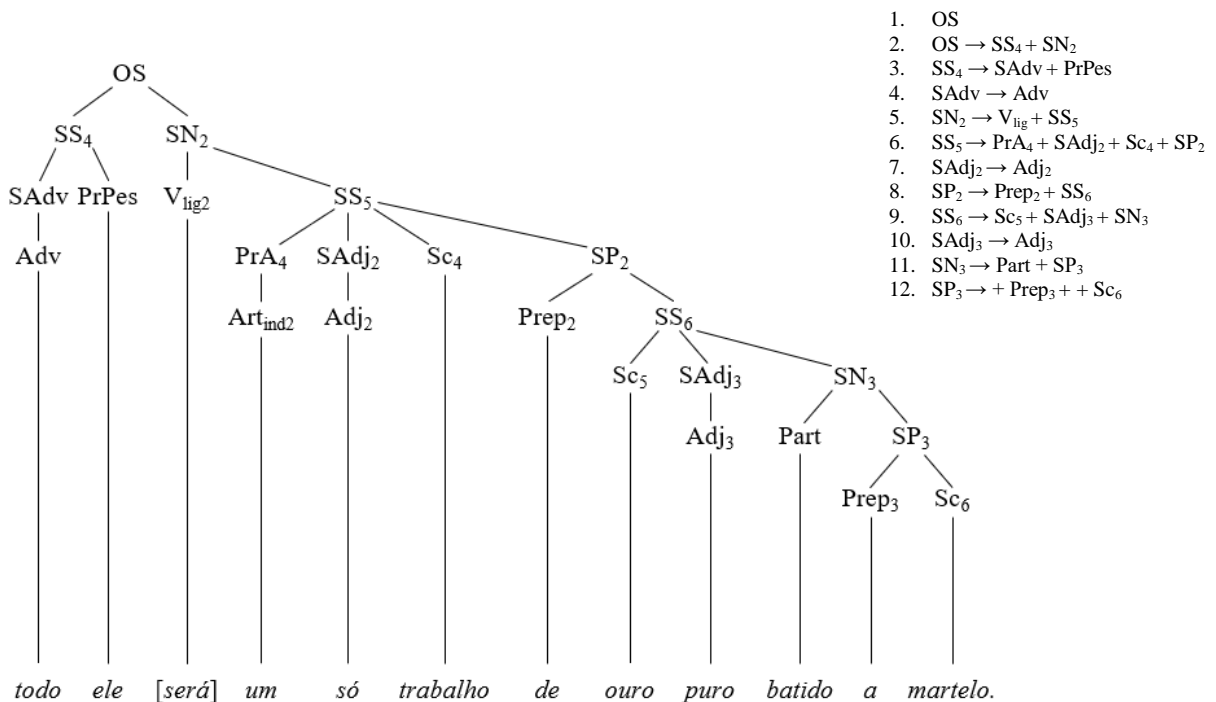
Predicado verbal: serão de uma só peça. Serão é verbo de ligação, unindo o predicativo (de uma só peça) ao sujeito (Seus pomos e suas hastes). De uma só peça: Uma e só são adjuntos adnominais de peça.



1. F
2. F → PCC + OP
3. OP → SS<sub>1</sub> + Conj + SS<sub>2</sub> + SN<sub>1</sub>
4. SS<sub>1</sub> → PrA<sub>1</sub> + Sc<sub>1</sub>
5. PrA<sub>1</sub> → Pos<sub>1</sub>
6. SS<sub>2</sub> → PrA<sub>2</sub> + Sc<sub>2</sub>
7. PrA<sub>2</sub> → Pos<sub>2</sub>
8. SN<sub>1</sub> → V<sub>lig</sub> + SP<sub>1</sub>
9. SP<sub>1</sub> → Prep<sub>1</sub> + SS<sub>3</sub>
10. SS<sub>3</sub> → PrA<sub>3</sub> + SAdj<sub>1</sub> + Sc<sub>3</sub>
11. PrA<sub>3</sub> → Art<sub>ind1</sub>
12. SAdj<sub>1</sub> → Adj<sub>1</sub>

2.<sup>a</sup> oração: *todo ele [será] um só trabalho de ouro puro batido a martelo* – coordenada à 1.<sup>a</sup> oração.

Sujeito simples: *todo ele*. Núcleo: *ele*. Predicado nominal: [*será*] *um só trabalho de ouro puro batido a martelo*; [*será*]: verbo de ligação, unindo o predicativo (*um só trabalho de ouro puro batido a martelo*) ao sujeito (*todo ele*). *Um, só e de ouro*: adjuntos adnominais de *trabalho*. *Puro e batido* (adjetivo verbal): adjuntos adverbiais de *ouro*. *A martelo*: adjunto adverbial (de instrumento) de *batido*.

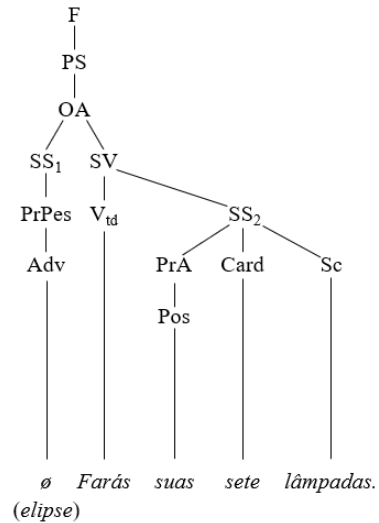


#### 1.4.6 Farás suas sete lâmpadas (Ex 25,37)

Período simples, oração absoluta.

Sujeito simples: *Tu* – implícito na conjugação verbal.

Predicado verbal: *Farás suas sete lâmpadas*. O verbo *fazer* é transitivo direto, tendo por objeto *suas sete lâmpadas*. *Suas e sete* são adjuntos adnominais de *lâmpadas*.



1. F
2.  $F \rightarrow PS + OA$
3.  $OA \rightarrow SS_1 + SV$
4.  $SS_1 \rightarrow PrPes$
5.  $SV \rightarrow V_{td} + SS_2$
6.  $SS_2 \rightarrow PrA + Card + Sc$
7.  $PrA \rightarrow Pos$

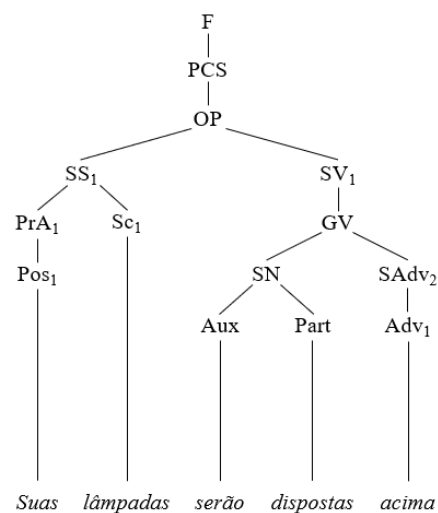
#### 1.4.7 Suas lâmpadas serão dispostas acima para que alumiem defronte dele (Ex 25,37)

Período composto por subordinação, formado por uma oração independente, principal do período, e uma subordinada.

1.<sup>a</sup> oração: *Suas lâmpadas serão dispostas acima* – principal.

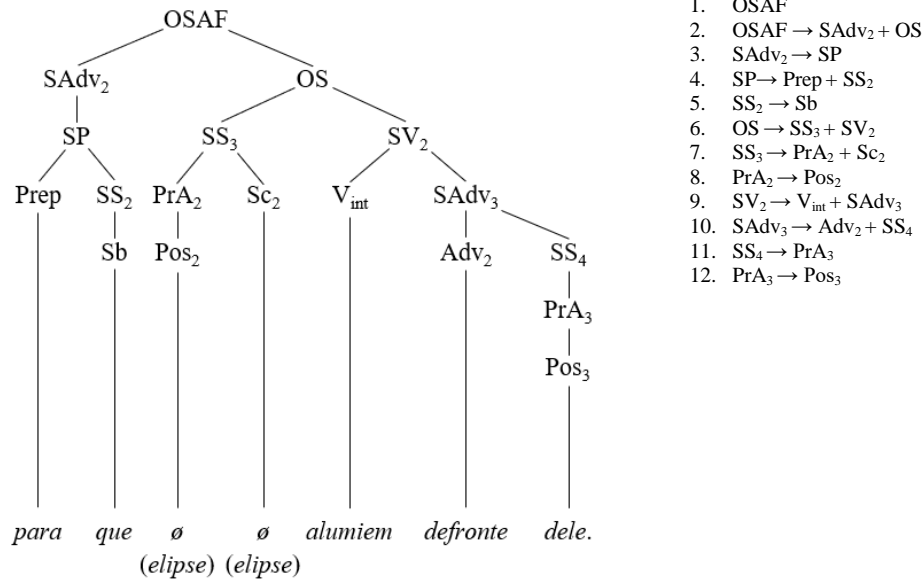
Sujeito: *Suas lâmpadas*. Núcleo: *lâmpadas*. Adjunto adnominal: *suas*.

Predicado nominal: *serão dispostas acima*. *Serão dispostas*: perífrase verbal na voz passiva. *Acima*: advérbio (de lugar), completando a significação do adjetivo *dispostas*.



1. F
2.  $F \rightarrow PCS + OP$
3.  $OP \rightarrow SS_1 + SV_1$
4.  $SS_1 \rightarrow PrA_1 + Sc_1$
5.  $PrA_1 \rightarrow Pos_1$
6.  $SV_1 \rightarrow GV$
7.  $GV \rightarrow SN + SAdv_2$
8.  $SN \rightarrow Aux + Part$
9.  $SAdv_2 \rightarrow Adv_1$

2.<sup>a</sup> oração: *para que alumiem defronte dele* – subordinada adverbial final, indicando o fim, o objetivo a que se destina o verbo da oração principal.



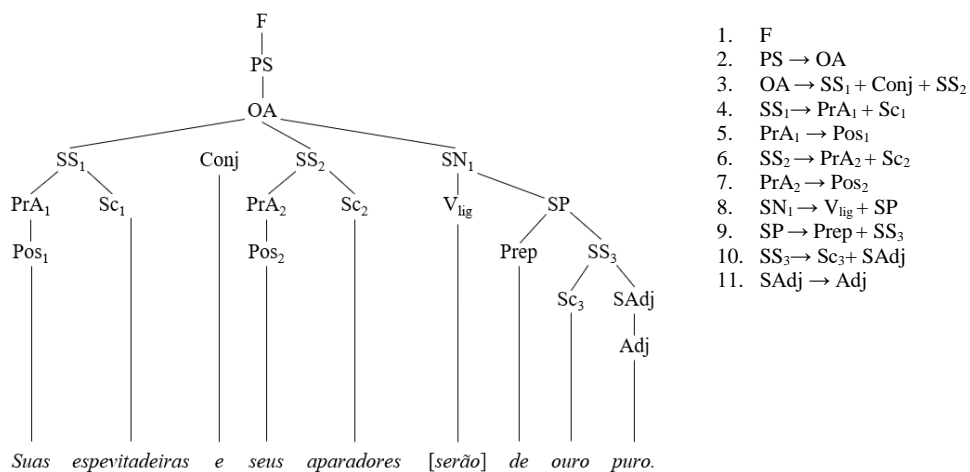
#### 1.4.8 Suas espevitadeiras e seus aparadores [serão] de ouro puro (Ex 25,38)

Período simples, oração absoluta.

Sujeito composto: *Suas espevitadeiras e seus aparadores*. Núcleos: *espevitadeiras* e *aparadores*. Adjuntos adnominais: *suas*, *seus*.

Predicado nominal: [*serão*] *de ouro puro*; *serão*: verbo de ligação; *de ouro puro*: predicativo do sujeito (*suas espevitadeiras e seus aparadores*). *De ouro*: locução adjetiva.

*Puro*: adjunto adnominal de *ouro*.

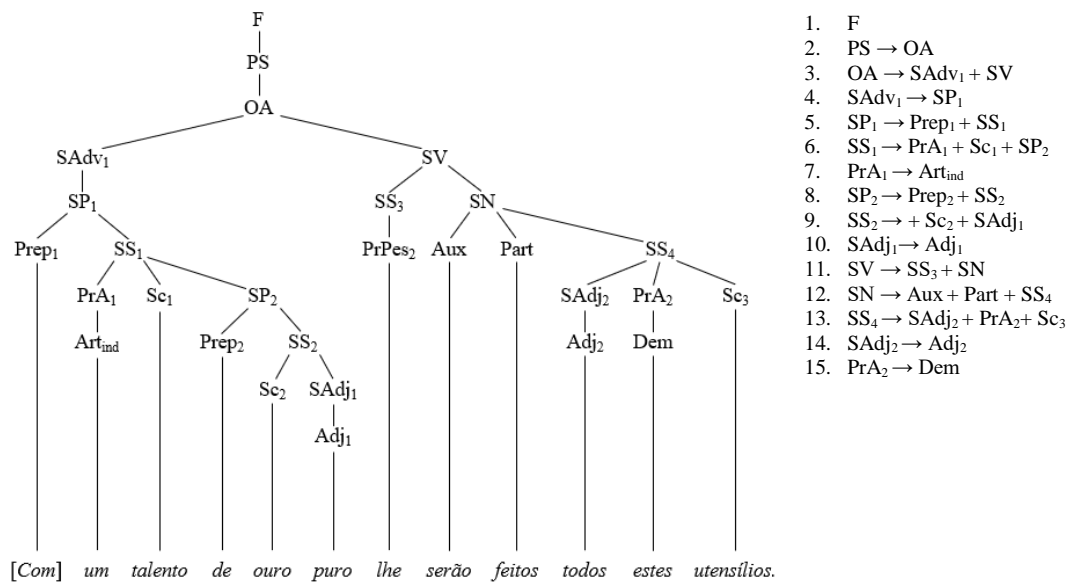


1.4.9 [Com] *um talento de ouro puro lhe serão feitos todos estes utensílios* (Ex 25,39)

Período simples, oração absoluta.

Sujeito simples: *todos estes utensílios*.

Predicado verbal: *lhe serão feitos*. *Serão feitos*: perífrase verbal na voz passiva. O verbo *fazer* é transitivo direto e indireto, sendo o seu objeto direto *todos estes utensílios*, e seu objeto indireto o pronome *lhe*. [Com] *um talento de ouro puro*: Adjunto adverbial (de meio ou de instrumento). *Um* e *de ouro*: adjuntos adverbiais de *talento*. *Puro*: adjunto adverbial de *ouro*.

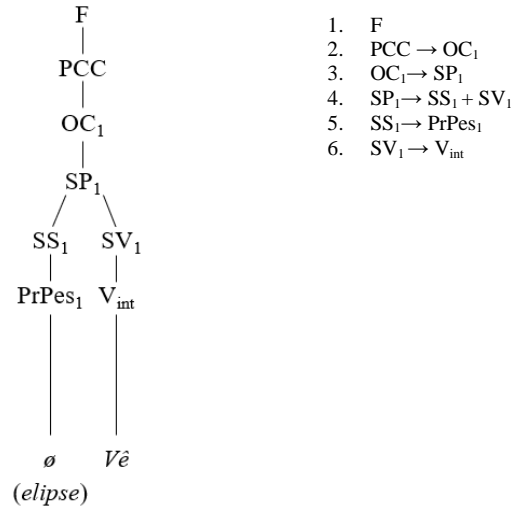


1.4.10 *Vê e faz conforme o modelo que te foi mostrado no monte*

Período composto por coordenação e subordinação.

1.<sup>a</sup> oração: *Vê* – oração independente, coordenada à 2.<sup>a</sup> oração.

Sujeito oculto: *Tu* (2.<sup>a</sup> pessoa do caso reto) – implícito na conjugação verbal do imperativo, cuja forma deriva-se do presente do indicativo menos -s.

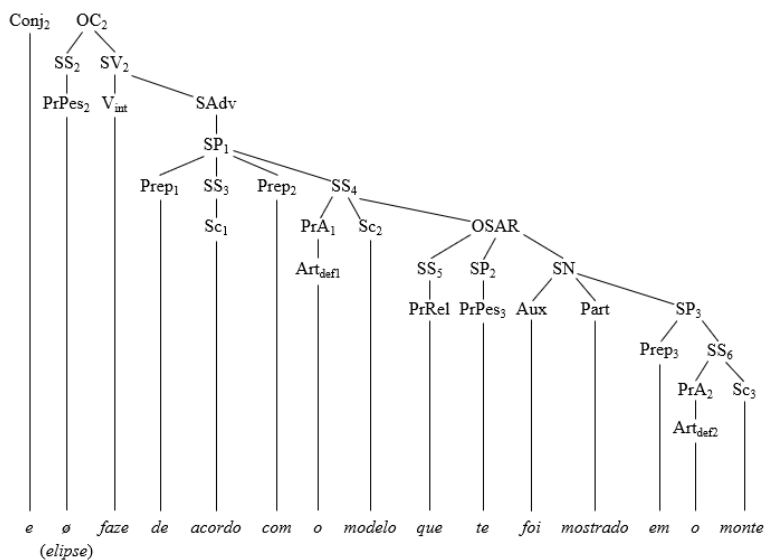


1. F
2. PCC → OC<sub>1</sub>
3. OC<sub>1</sub> → SP<sub>1</sub>
4. SP<sub>1</sub> → SS<sub>1</sub> + SV<sub>1</sub>
5. SS<sub>1</sub> → PrPes<sub>1</sub>
6. SV<sub>1</sub> → V<sub>int</sub>

2.<sup>a</sup> oração: *e faz conforme o modelo que te foi mostrado no monte* – coordenada à 1.<sup>a</sup> oração e introduzida pela conjunção coordenativa aditiva *e*.

Sujeito oculto: *Tu* (2.<sup>a</sup> pessoa do caso reto) – implícito na conjugação verbal do imperativo, cuja forma deriva-se do presente do indicativo menos -s.

Predicado verbal: *e faz conforme o modelo que te foi mostrado no monte*: adjunto adverbial (de modo) de *faz*. *O* e *que te foi mostrado no monte*: adjuntos adnominais de *modelo*. *Que*: pronome relativo referente ao substantivo *modelo*, mediante o qual se integra o adjunto adnominal. *Te*: pronome oblíquo átono da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, que serve de objeto indireto de *foi mostrado*. *Foi mostrado*: perífrase verbal na voz passiva, exprimindo o aspecto de anterioridade do processo. *No monte*: adjunto adverbial (de lugar).



1. Conj<sub>2</sub> + OC<sub>2</sub>
2. OC<sub>2</sub> → SS<sub>2</sub> + SV<sub>2</sub>
3. SS<sub>2</sub> → PrPes<sub>2</sub>
4. SV<sub>2</sub> → V<sub>int</sub>
5. SAdv → SP<sub>1</sub>
6. SP<sub>1</sub> → Prep<sub>1</sub> + SS<sub>3</sub> + Prep<sub>2</sub> + SS<sub>4</sub>
7. SS<sub>3</sub> → Sc<sub>1</sub>
8. SS<sub>4</sub> → PrA<sub>1</sub> + Sc<sub>2</sub> + OSAR
9. PrA<sub>1</sub> → + Art<sub>def1</sub>
10. OSAR → SS<sub>5</sub> + SP<sub>2</sub> + SN
11. SS<sub>5</sub> → PrRel
12. SP<sub>2</sub> → PrPes<sub>3</sub>
13. SN → Aux + Part + SP<sub>3</sub>
14. SP<sub>3</sub> → Prep<sub>3</sub> + SS<sub>6</sub>
15. SS<sub>6</sub> → PrA<sub>2</sub> + Sc<sub>3</sub>
16. PrA<sub>2</sub> → Art<sub>def2</sub>

### *1.5 Delimitação e contexto literário*

Com base nos procedimentos de que se serve a crítica textual, estabeleceu-se o trecho como o mais “original” em relação aos demais manuscritos nos quais se o verifica; o que foi possível mais especificamente por meio de meticulosa comparação entre suas variantes. Logo após, para melhor compreender seu ajuste formal, julgou-se oportuno discorrer detalhadamente acerca das relações existentes entre os elementos que o compõem. Já nesta etapa, faz-se mister identificá-lo na cadeia dos acontecimentos de que faz parte, a fim de que se possa mais claramente perceber a posição que nela ocupa.

O trecho em questão (Ex 25,31-40) ocupa seu lugar no longo discurso do SENHOR dirigido a Moisés quanto às prescrições referentes à construção do santuário e aos seus ministros (Ex 25,1-30,10). Liderados por Moisés, os israelitas chegam ao Sinai e levantam acampamento ao pé da montanha, três meses após terem deixado o Egito (19,1-2). Moisés sobe a montanha e conclui, na qualidade de mediador, uma aliança entre o SENHOR e o povo (20,1-24,3), que demonstra seu assentimento, e solenemente se compromete nos seguintes termos: “Observaremos todas as palavras ditas pelo SENHOR” (24,3). Mais tarde, Moisés é novamente chamado a subir a montanha para receber do SENHOR as “tábuas de pedra” contendo “a lei e o mandamento” para a instrução do povo (24,12).

Moisés permanece no cimo da montanha por “quarenta dias e quarenta noites” (24,18), período durante o qual, o SENHOR manifesta ao líder o desejo de que os filhos de Israel construam “um santuário” que lhe sirva de Habitação no meio deles (25,8). Para a realização deste encargo comum, Moisés deve arrecadar uma contribuição para a formação dos fundos necessários, e proceder de acordo com o modelo concebido pelo SENHOR, tanto para o tabernáculo quanto para sua mobília e demais objetos sagrados (25,2.9). A lista dos materiais empregados na edificação da divina residência sugere sua opulência: “ouro”, “prata”, “bronze”, “linho fino”, “pelos de cabra”, “peles de carneiro”, “pedras preciosas” e “aromas” (25,3-9).

É exatamente na sequência a seguir que se encontra o trecho sob análise nesta pesquisa. A partir deste ponto, o SENHOR dá início a uma série de discursos nos quais descreve os espaços sagrados com todos os pormenores, bem como as dimensões, os materiais empregados no fabrico e o uso de cada bem que constitui o patrimônio da Tenda da Reunião: a arca (25,10-22); a mesa dos pães da proposição (25,23-30); o candelabro (25,31-40); as cortinas e os estofos (26,1-14); a armação (26,15-30); o véu (26,31-37); o altar dos holocaustos (27,1-8); o átrio (27,9-19); o altar dos perfumes (30,1-10); a bacia (30,17-21) e designa os homens que deseja à frente da execução dos trabalhos (31,1-11).

Conferindo semelhante dignidade à dimensão cultural, trata da consagração de Aarão e de seus filhos, a quem cabem o sacerdócio (29,1-3); da investidura e consagração dos sacerdotes (28,36-39; 29,4-9); das vestes sagradas (28,1-35.40-43); do azeite para o candelabro (27,20-21); das oferendas (29,10-21); da refeição sagrada (29,31-35); da consagração do altar dos holocaustos (29,36-37); do holocausto diário (29,38-46); do óleo da unção (30,22-33) e dos perfumes (30,34-38). Estabelece o valor do tributo a ser pago para a realização do serviço religioso e as regras que determinam quem deve pagá-lo (30,11-16). Adverte acerca da obrigação da observância do repouso sabático, estabelecendo-o como um sinal perpétuo da aliança entre si e os filhos de Israel (31,12-17). O trecho termina com Moisés recebendo do SENHOR as tábuas da lei (31,18).

Além do inserimento do trecho no quadro dos eventos arrolados acima, também há que se levar em conta os elementos que lhe fixam seus limites, demarcando-os à maneira de molduras. Se bem observado, notar-se-á que o autor inicia cada trecho sempre da mesma forma quando este apresenta um dos sete aparatos reservados ao culto divino, e dos quais faz parte o candelabro: a arca (25,10-22)<sup>14</sup>; o propiciatório (25,17-22); a mesa dos pães da proposição (25,23-30); o altar dos holocaustos (27,1-8); o altar dos perfumes (30,1-10) e a bacia de bronze (30,17-21):  $\eta\psi\psi\eta$ , literalmente “*E farás...*”. Vê-se que o autor tem total consciência do recurso de que lança mão, empregando do mesmo modo não só a abertura de cada unidade, como toda a configuração textual como fórmula por meio da qual discursa acerca de cada novo petrecho.

O segundo recurso que permite isolar o trecho reconhecendo-lhe seus contornos é o do campo de palavras<sup>15</sup>; isto é, do emprego de palavras pertencentes a um determinado grupo. No trecho sob análise (Ex 25,31-40), faz-se largo uso de palavras associadas à botânica, e que, portanto, designam vegetais (hastes, copos, pomos, flores, amendoeira), assim como de outras que nomeiam certos implementos úteis à realização do serviço litúrgico: (lâmpadas, espevitadeiras, aparadores).

Quanto aos elementos que indicam a conclusão da unidade literária, primeiramente retoma-se neste ponto (25,37a) a fórmula previamente estabelecida com a qual o poema se inicia (25,31a):  $\eta\psi\psi\eta$ , “*E farás...*”, nascendo daí um flagrante paralelismo. Mais ainda: após

<sup>14</sup> A fórmula empregada neste e nos demais trechos citados, tanto nos manuscritos do *Pentateuchus Samaritanus* (□) quanto nos da *Septuaginta* (□) é sempre a mesma:  $\eta\psi\psi\eta$ , à exceção do texto da BHS no mesmo ponto:  $\eta\psi\psi\eta$ . Cf. Karl Elliger; Wilhelm Rudolph, *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, p. 126.

<sup>15</sup> “O fundador da teoria dos *campos de palavras*, J. Trier, observou que as unidades léxicas de uma língua se deixam reunir em grupos estruturados de tal modo que cada unidade fica ali definida pelo lugar que ocupa respectivamente à posição das demais”. Cf. Edward Lopes, *Fundamentos da linguística contemporânea*, p. 242.

Moisés ter sido apresentado como o interlocutor do SENHOR na abertura do poema (25,31a), ele novamente ocupa esta posição (25,37a) quando o SENHOR mais uma vez lhe dirige a palavra (25,37b) nos seguintes termos: “disporás acima...”. Pode-se dizer o mesmo em relação aos demais imperativos: וְרָאָה וַעֲשֵׂה “Vê e faze” (25,40).

Além disso, a frase hebraica introduzida com a *nota relativi* אֲשֶׁר, “que, o qual”, deve ser literalmente traduzida como “que tu foste feito ver no monte”, uma vez que traz aglutinado o pronome pessoal da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do caso reto “tu”: אֲשֶׁר-אַתָּה.

Em suma: a personagem Moisés ganha atenção direta no início (25,31a) e, sobretudo, ao final do trecho sob análise (25,37a.b.; 40a.b.c.). Ademais, o final do texto (25,40) gera informações em estilo narrativo que até o momento não existiam; isto é: a) havia um “modelo” (תְּבַנִּית) para o candelabro, para as lâmpadas e para seus utensílios e, b) Moisés é “quem foi feito ver” (מְרָאָה, *participio hof'al masculino singular*) tal modelo “no monte” (בְּהָר). Portanto, o versículo final (25,40) guarda conotação de frase conclusiva em face das razões expostas acima.

### 1.6 Primeiros resultados

O estudo até aqui realizado pretendeu aproximar-se do trecho de Ex 25,31-40 em sua forma final, tal como o apresenta o *Codex Leningradensis*, dedicando-lhe a máxima atenção a cada um dos elementos que, em conjunto, constituem o todo textual.

O primeiro e principal objetivo foi apresentar ao leitor/ouvinte de hoje uma tradução em língua portuguesa contemporânea, viva no Brasil. A esse propósito não se furtou a presente pesquisa, preocupada em facilitar o acesso de todos à Sagrada Escritura, como expressa o Magistério da Igreja:

É preciso que os fiéis tenham acesso patente à Sagrada Escritura. Por esta razão, a Igreja logo desde os seus começos fez sua aquela tradução grega antiquíssima do Antigo Testamento chamada dos Setenta; e sempre tem em grande apreço as outras traduções, quer orientais quer latinas, sobretudo a chamada Vulgata. Mas, visto que a palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados [...].<sup>16</sup>

Tendo em vista a necessidade de traduções cada vez mais “aptas e fiéis”; isto é, que reflitam com a maior exatidão possível na língua-alvo não apenas o conteúdo da língua-fonte, mas que sejam igualmente capazes de expressar a beleza característica dos mais diversos gêneros textuais, dedicou-se considerável espaço à análise sintática da tradução.

Em comparação com as das edições mais comuns atualmente disponíveis no setor editorial brasileiro, a tradução proposta destaca-se pela insistência na fidelidade à forma do texto, partindo do princípio de que tal expediente de modo algum impossibilita a clareza e, como resultado, a inteligibilidade da mensagem que se quer transmitir. Antes, colabora para despertar naquele que o tem nas mãos ou mesmo que o ouve uma agudeza de espírito que possibilita penetrar nos meandros da linguagem, através dos quais se manifesta a Palavra de Deus, ainda que sempre aquém do Seu Mistério.

Nas etapas ulteriores, identificam-se os recursos expressivos dos quais o autor bíblico lança mão e com quais possíveis intenções os emprega a fim de dar maior colorido ao texto. A análise primeira revela tratar-se de um texto pertencente às tradições jurídicas do Antigo Testamento; contudo, verificam-se elementos que o aproximam dos poemas.

---

<sup>16</sup> *Constituição dogmática Dei Verbum*, n. 22.

## 2. Configuração poética

Segundo Massaud Moisés, “não é de hoje que críticos e historiadores literários vêm procurando estabelecer distinção entre poesia e prosa, ou ainda entre o verso e a prosa, sem, contudo, alcançar resultados universalmente convincentes”<sup>17</sup>. E segue afirmando “que tal situação perdurará por muito tempo, em virtude do próprio caráter subjetivo da Arte e, portanto, da crítica da Arte”<sup>18</sup>.

Todavia, apesar da persistente carência de bases teóricas sobre as quais se possa fundamentar preliminarmente as análises dos poemas bíblicos, em sua obra *Stylistics and the teaching of literature*, Widdowson sugere que se pode tradicionalmente recorrer à mediação de duas disciplinas: a linguística e a crítica literária. Quer dizer, pode-se, com o auxílio desta, estudar os elementos que compõem sua tessitura textual e as regras que se ocupam da combinação desses elementos para construir unidades maiores; ou, por meio daquela, analisá-los a partir de um ponto de vista eminentemente comunicativo.

The linguistic [...] directs his attention primarily to how a piece of language exemplifies the language system. We will say that he treats literature as text. The literary critic searches for underlying significance, for the essential artistic vision that the poem embodies and we will say that he treats literary works as messages<sup>19</sup>.

Depois de já haver considerado exaustivamente cada um dos elementos da trama textual à luz da ciência gramatical, estabelecendo seu papel em todas as cadeias enunciativas previamente isoladas, deve-se, para Widdowson, passar à consideração do conjunto sob a ótica do aspecto comunicativo. É nesse ponto que se verifica a destreza do artista que manipula a palavra, empregando-a pela beleza da forma ou pela excelência das ideias.

É certo que o autor bíblico selecione as palavras que julga mais adequadas para veicular as ideias que deseja transmitir; contudo, o modo como as dispõe não permite ao leitor/ouvinte moderno reconhecer exatamente a expressão linguística – escrita ou proclamada – sob uma determinada forma. De acordo com Robert Alter, a relação entre os elementos fonéticos “[...] would not be perceptible to anyone reading the poems in translation, and in any case much about the phonetics of biblical Hebrew remains uncertain”<sup>20</sup>. Napoleão Mendes de Almeida é categórico ao afirmar que “não se pode aceitar como poema um mero aglomerado de palavras

---

<sup>17</sup> Massaud Moisés, *A criação literária*, p. 74.

<sup>18</sup> Massaud Moisés, *loc. cit.*

<sup>19</sup> H.G. Widdowson, *Stylistics and the teaching of literature*, p. 6.

<sup>20</sup> Robert Alter, *The art of biblical poetry*, p. 9.

separadas pela tesoura e não pelo metro”<sup>21</sup>. E mais, “não são os versos [...] pedaços de prosa cortados e distribuídos em linhas diversas, em arrumações enganosas, cercadas de vazios quando não de garatujas”<sup>22</sup>.

Talvez porque não seja possível escandir<sup>23</sup> o verso bíblico de acordo com as regras da métrica greco-latina, costuma-se apelar para outros elementos de interesse no processo de composição, tais como “o uso intenso de conotações, de comparações e de metáforas, mais do que [ para as] características formais (rima, métrica etc.)”<sup>24</sup>. O paralelismo, por exemplo, “considerado a característica típica da poesia hebraica bíblica”<sup>25</sup>, visa, “mais do que rimar os sons, [...] ‘rimar’ ideias ou conceitos”<sup>26</sup>.

Independentemente das possíveis soluções encontradas por alguns estudiosos, Massaud esclarece que “apenas alcançamos conhecer satisfatoriamente uma obra literária quando sabemos como classificá-la, porquanto o conhecimento obtido ou a obter no contato com ela varia conforme o seu gênero, a sua espécie e a sua forma”<sup>27</sup>. Trata-se, portanto, da própria natureza do texto, regido de “um universo de leis próprias”<sup>28</sup>, em estrita consonância com o gênero a que pertence.

Por isso, ao inscrever determinada obra num quadro de referências, estamos estabelecendo uma preliminar, um ponto de partida indispensável à tarefa crítica, jamais um ponto de chegada. Sem levar em conta esse pormenor, o interessado em Literatura poderá esperar dum romance o que é legítimo esperar dum soneto, e vice-versa, e ser conduzido a julgamentos errôneos. Daí a necessidade de classificação como condição prévia do trabalho crítico. Certamente, a teoria-base da classificação deve nascer do exame comparativo duma série de obras semelhantes (romances, epopeias, poemas líricos etc.) e nunca da aceitação de postulados apriorísticos e arbitrários, e deve sempre renovar-se em função de novas obras que forem submetidas a cotejo. Trata-se, porém, dum complexo problema [...] destinado à crítica literária<sup>29</sup>.

Note-se bem que a descrição sobre o candelabro aparece também em Ex 37,17-24, conservando-se aí nos mesmos termos que em Ex 25,31-40, à exceção de algumas diferenças

<sup>21</sup> Napoleão Mendes de Almeida. *Dicionário de questões vernáculas*, p. 422-423.

<sup>22</sup> Napoleão Mendes de Almeida, *loc. cit.*

<sup>23</sup> “A escansão consiste na técnica de decompor o verso em seus elementos fundamentais [...] [fragmentando-o] em pés: unidades silábicas formadas segundo o critério da duração ou quantidade dos fonemas”. Cf. Moisés Massaud, *Dicionário de termos literários*, p. 163.

<sup>24</sup> Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de exegese bíblica*, p. 300.

<sup>25</sup> Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de exegese bíblica*, p. 303.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>27</sup> Massaud Moisés, *A criação literária*, p. 75.

<sup>28</sup> Massaud Moisés, *loc. cit.*

<sup>29</sup> Massaud Moisés, *loc. cit.*

de ordem lexical e de vocalização. Nesta, apresenta-se a Moisés a forma do candelabro, ao passo que naquela a obra é tida como acabada, o que se faz perceber pelo uso dos mesmos verbos sob diferente aspecto. Tal é a consonância entre eles, que se pode vê-los em um só golpe de vista.

## Ex 25,31-40

17 וַיַּעַשׂ אֶת־הַמְּנֹרֶת זָהָב טָהוֹר מִקְשֵׁה עֹשֶׂה אֶת־הַמְּנֹרֶת  
 וְרֹכֶה וְקִנֵּה וְנִבְיַעִיהָ כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ מִמֶּנֶה  
 הָיוּ:  
 18 וְשֵׁשֶׁה קָנִים יֵצְאִים מִצְדֵיָהּ שְׁלֹשֶׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ  
 הָאֶחָד וְשְׁלֹשָׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ הַשֵּׁנִי:  
 19 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח  
 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח כֵּן  
 לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 20 וּבַמְּנֹרֶה אַרְבָּעָה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ:  
 21 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת־שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים  
 מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 22 כַּפְתָּרֵיהֶם וְקִנְתָּם מִמֶּנֶה הָיוּ כְּלֵה מִקְשֵׁה אֶחָד זָהָב  
 טָהוֹר:  
 23 וַיַּעַשׂ אֶת־נֹרְתִיהָ שְׁבָעָה וּמִלְקָחֶיהָ וּמַחְתִּיתָהּ זָהָב טָהוֹר:  
 24 כִּכְרֹזָה טָהוֹר וְנָשָׂה אֶתָּהּ וְאֵת כָּל־כְּלֵיהָ:  
 31 וַיַּעַשׂ מְנֹרֶת זָהָב טָהוֹר מִקְשֵׁה תַעֲשֶׂה הַמְּנֹרֶה  
 וְרֹכֶה וְקִנֵּה וְנִבְיַעִיהָ כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ מִמֶּנֶה  
 וְהָיוּ:  
 32 וְשֵׁשֶׁה קָנִים יֵצְאִים מִצְדֵיָהּ שְׁלֹשֶׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ  
 הָאֶחָד וְשְׁלֹשָׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ הַשֵּׁנִי:  
 33 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח  
 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח כֵּן  
 לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 34 וּבַמְּנֹרֶה אַרְבָּעָה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ:  
 35 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת־שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים  
 מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 36 כַּפְתָּרֵיהֶם וְקִנְתָּם מִמֶּנֶה וְהָיוּ כְּלֵה מִקְשֵׁה אֶחָד זָהָב  
 טָהוֹר:  
 37 וַיַּעַשׂ אֶת־נֹרְתִיהָ שְׁבָעָה וְהַעֲלָה אֶת־נֹרְתִיהָ וְהָאֵיר  
 עַל־עֵבֶר פְּנִיָּה:  
 38 וּמִלְקָחֶיהָ וּמַחְתִּיתָהּ זָהָב טָהוֹר:  
 39 כִּכְרֹזָה זָהָב טָהוֹר וַעֲשֵׂה אֶתָּהּ אֶחַד כְּלֵה־כְּלֵים הָאֵלֶּה:  
 40 וּרְאֵה וַעֲשֵׂה בְּתַבְנִיתָם אֲשֶׁר־אֶתָּה מֵרְאֵה בְּהָרִ:

## Ex 37,17-24

17 וַיַּעַשׂ אֶת־הַמְּנֹרֶת זָהָב טָהוֹר מִקְשֵׁה עֹשֶׂה אֶת־הַמְּנֹרֶת  
 וְרֹכֶה וְקִנֵּה וְנִבְיַעִיהָ כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ מִמֶּנֶה  
 הָיוּ:  
 18 וְשֵׁשֶׁה קָנִים יֵצְאִים מִצְדֵיָהּ שְׁלֹשֶׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ  
 הָאֶחָד וְשְׁלֹשָׁה קָנֵי מְנֹרֶה מִצְדָּהּ הַשֵּׁנִי:  
 19 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה הָאֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח  
 וְשֵׁשֶׁה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים בְּקִנֵּה אֶחָד כַּפְתָּר וּפְרָח כֵּן  
 לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 20 וּבַמְּנֹרֶה אַרְבָּעָה נֹבְעִים מִשְׁקָדִים כַּפְתָּרֶיהָ וּפְרָחֶיהָ:  
 21 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה  
 וְכַפְתָּר תַּחַת־שְׁנֵי הַקָּנִים מִמֶּנֶה לְשֵׁשֶׁת הַקָּנִים הַיֵּצְאִים  
 מִן־הַמְּנֹרֶה:  
 22 כַּפְתָּרֵיהֶם וְקִנְתָּם מִמֶּנֶה הָיוּ כְּלֵה מִקְשֵׁה אֶחָד זָהָב  
 טָהוֹר:  
 23 וַיַּעַשׂ אֶת־נֹרְתִיהָ שְׁבָעָה וּמִלְקָחֶיהָ וּמַחְתִּיתָהּ זָהָב טָהוֹר:  
 24 כִּכְרֹזָה זָהָב טָהוֹר וְנָשָׂה אֶתָּהּ וְאֵת כָּל־כְּלֵיהָ:

Isto talvez seja evidência do parentesco literário entre estes dois excertos, que enquadrados num arranjo particular, sugerem um esquema que o autor bíblico utiliza para a construção da narrativa.

Literature cannot be separated from the *form* in which it is written. A literary form is the exact type of writing which an author uses to express his ideas. [...] Each form has its own rules, special vocabulary, type of punctuation, and style of expression. [...] Sometimes two different biblical passages described the same event, but there are [...] differences in what is said about the event. These differences no longer need to be explained on the basis of what actually happened. They can be explained by paying close attention to the nature of the particular literary form which the author used to discuss the event<sup>30</sup>.

Os autores bíblicos faziam extenso uso de todos os recursos disponíveis a seu tempo em vista da comunicação, dentre as quais destacava-se a linguagem extraída do uso cotidiano – de onde lhes vinham não apenas palavras insuladas, como também expressões idiomáticas características de sua cultura –, para não mencionar as mais variadas formas de expressão

<sup>30</sup> Thomas Nelson, *Every Catholic's guide to the Sacred Scriptures*, p. 64.

literária. Assim, aquele que se dedica ao estudo literário do texto sagrado não se deve aferrar ciosamente às normas das ciências gramaticais e filológicas, bem como às da métrica como as únicas abordagens possíveis no confronto com o texto bíblico, como chegam a sugerir alguns autores. A devida atenção que se deve dar à compreensão acerca dos processos envolvidos na criação e no desenvolvimento do monumento literário bíblico foi endossada pelo papa Pio XII na sua Carta Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de 30 de setembro de 1943.

O que eles queriam significar com as palavras não se pode determinar só pelas regras da gramática e da filologia, nem só pelo contexto; o intérprete deve transportar-se com o pensamento àqueles antigos tempos do Oriente, e com o auxílio da história, da arqueologia; etnologia e outras ciências, examinar e distinguir claramente que gêneros literários quiseram empregar e empregaram de fato os escritores daquelas épocas remotas. De fato, os antigos orientais, para exprimir os seus conceitos, nem sempre usaram das formas ou gêneros de dizer de que nós hoje usamos; mas sim daqueles que estavam em uso entre os seus contemporâneos e conterrâneos. Quais eles fossem não o pode o exegeta determinar *a priori*, mas só por meio de um diligente exame das antigas literaturas orientais. Esse estudo, feito com maior cuidado e diligência nos últimos decênios, mostrou mais claramente quais as formas de dizer empregadas naqueles antigos tempos quer nas composições poéticas, quer na legislação ou na história. [...] Contudo ninguém que tenha um conceito justo da inspiração bíblica poderá estranhar que também nos autores sagrados, como nos outros antigos, se encontrem certos modos de expor e contar, certos idiotismos próprios, especialmente das línguas semíticas, certas expressões *aproximativas* ou hiperbólicas e talvez paradoxais, que servem para gravar as coisas mais firmemente na memória<sup>31</sup>.

Isto posto, deve-se recorrer a outros métodos mais apropriados em busca daqueles elementos que, associados de forma especial, dão o contorno à poesia bíblica. Esta caracteriza-se por um elevado nível de intensidade, distinguindo-se da prosa, que se assemelha mais à linguagem verbal praticada cotidianamente.

Uma das dificuldades de se identificar uma e outra reside no fato de que elementos da poesia bíblica muitas vezes também concorrem na prosa. Dentre esses elementos, o mais distintivo é o *paralelismo*, que consiste na semelhança ou correspondência entre duas ou mais coisas, ideias, opiniões. No texto bíblico, aparece muitas vezes sob a forma de sequências frásicas com estruturas gramaticais idênticas. O trecho sob análise nesta pesquisa mostra-se abundante em tal conformação. A tabela abaixo permite uma melhor apreciação desse encadeamento.

---

<sup>31</sup> PIO XII, *Divino Afflante Spiritu*, n. 20.

מִצְדָּה הָאֶחָד	32β	<i>de seu lado um</i>
מִצְדָּה הַשְּׁנַי	32γ	<i>de seu lado dois</i>
אֲשֵׁנֵי הַקְּנִיִּים	35α	<i>duas hastes</i>
אֲשֵׁנֵי הַקְּנִיִּים	35β	<i>duas hastes</i>
אֲשֵׁנֵי הַקְּנִיִּים	35γ	<i>duas hastes</i>
אֲשֵׁלֶשֶׁה קְנִי	32β	<i>três hastes</i>
אֲשֵׁלֶשֶׁה קְנִי	32γ	<i>três hastes</i>
אֲשֵׁלֶשֶׁה גְּבָעִים	33α	<i>três copos</i>
אֲשֵׁלֶשֶׁה גְּבָעִים	33β	<i>três copos</i>
אַרְבָּעָה גְּבָעִים	34	<i>quatro copos</i>
אֲשֵׁשֶׁה קְנִיִּים	32α	<i>seis hastes</i>
אֲשֵׁשֶׁה קְנִיִּים	33γ	<i>seis hastes</i>
בְּרֵתֵיהֶם שִׁבְעָה	37α	<i>sete lâmpadas</i>

O quadro permite visualizar a forma do candelabro pela simples relação dos seus componentes. Interessa ao trovador que o leitor/ouvinte penetre o sentido da obra. Primeiramente, o artista intui a forma do objeto sobre o qual focaliza sua atenção. Ele vê o que se esconde por trás da aparência exterior das coisas que o cerca. O que faz a seguir extrapola a simples cópia da natureza: ele cria símbolos dessa mesma natureza, refletindo nela a vida humana.

Essa apreensão tornada obra pelo engenho do artista é agora objeto concreto para aquele que a aprecia, que dela se aproxima através dos sentidos: neste caso, fá-lo através da visão ou da audição. O hagiógrafo atribuiu significados ao mundo por meio de sua obra. O leitor/ouvinte lê/ouve esses significados aí depositados e os interpreta em “termos de intuição e não de conceitos, em termos de forma sensível e não de signos abstratos”<sup>32</sup>. Pode-se dizer, então, que no texto o importante não é tão somente o tema em si mesmo (não que não o seja, pois está claro que o é!), mas o tratamento que se dá a ele, fazendo com que se torne um símbolo<sup>33</sup>. Isto significa que o texto aqui apreciado é dotado de um sentido que vai além do que é imediatamente aparente ao leitor/ouvinte.

Retomando a análise propriamente literária do texto, vê-se que o trovador transporta seus leitores/ouvintes àquele momento exato no qual Moisés recebe a ordem do SENHOR de construir o candelabro. O efeito poético do texto repousa precisamente no “modo” como se devia fazer o que primeiramente fora ordenado. O SENHOR então fornece a instrução: suas palavras revestem-se de acentuada cadência. Tal sucessão regular de sons é proposital: o recurso

<sup>32</sup> Ernst Cassirer, *Symbol, myth and culture*, p. 175.

<sup>33</sup> Mikel Dufrenne, *Phénoménologie de l'expérience esthétique*, p. 425.

tem a intenção de emular o artífice em sua oficina que, batendo com vigor o malho, vai modelando o metal disforme, aos poucos revelando o projeto que até então só existia da mente daquele que o concebera.

A princípio, o leitor/ouvinte atual que desconhece os expedientes literários empregados “nos antigos tempos do Oriente”<sup>34</sup> pode facilmente incorrer na tentação de avaliar esses textos como inferiores e não dignos de comparação a outras obras de reputação universal. O fato é que uma consideração mais consciente desses textos, amparada por instrumental e métodos adequados, conduz à entendimento mais amplo dos mecanismos que os governam e, conseqüentemente à sua maior apreciação. Por fim, há de se levar muito em conta a preciosa admoestação que Santo Agostinho dirige a todos os que são tomados pelo desejo de se aproximar das Sagradas Escrituras:

A primeira observação a ser feita quanto a essa busca e empresa é, como já dissemos, tomar conhecimento dos Livros santos. Se, a princípio, não se conseguir apreender o sentido todo, pelo menos fazer a leitura e confiar à memória as santas palavras. De toda forma, nunca ignorar por completo os Livros sagrados. Em seguida, se há de verificar com grande cuidado e diligência os preceitos morais e as regras de fé que a Escritura propõe com clareza. Encontram-se tão mais abundantemente, quanto maior for a abertura do entendimento de quem busca, visto que nas passagens que a Escritura oferece com clareza encontram-se todos os preceitos referentes à fé e aos costumes, à esperança e à caridade [...]

Tendo então adquirido certa familiaridade com a linguagem das divinas Escrituras, devemos prosseguir examinando as passagens obscuras em vista de as esclarecer e explicar. Chega-se lá tomando exemplos de textos mais claros. Assim, o testemunho das sentenças de sentido certo fará desaparecer a dúvida das sentenças de sentido incerto<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> PIO XII, *Divino Afflante Spiritu*, n. 20.

<sup>35</sup> SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 59.

### 3. Reflexão teológica

#### 3.1 Candelabro

Um candelabro é uma “espécie de grande castiçal com várias ramificações providas de focos luminosos nas extremidades”<sup>36</sup>. O candelabro figurava entre os objetos utilizados nos cultos dos templos da Antiguidade. De modo particular estava intimamente ligado aos rituais associados à luz e ao fogo<sup>37</sup>. Um dos aspectos que mais chama a atenção é sem dúvida a impressionante semelhança que há entre alguns deles e o que se imagina do aspecto do candelabro bíblico, tomando como referência a descrição de sua forma e a menção aos acessórios que o acompanhavam em Ex 25,31-40; 37,17-24; Nm 4,9-10.

O candelabro de sete braços, a menorá (מְנוֹרָה), impõe-se como objeto de visão que transcende o caráter histórico, insinuando outro, transcendental, arquetípico<sup>38</sup>. A narrativa bíblica explica que o SENHOR, dirigindo-se a Moisés, ordena a este que faça um tabernáculo que lhe servirá de habitação no meio dos filhos de Israel. E antes de prosseguir, assevera que Moisés deve fazer “tudo conforme o modelo da Habitação e o da sua mobília” (Ex 25,8-9).

Primeiramente, não há quaisquer dúvidas acerca da importância desse objeto, se se leva em conta sua aparição nos momentos mais significativos da história de Israel. “Séculos depois da revelação do Sinai, por volta de 970 a.C., [...] Davi instruiu Salomão sobre o templo a ser construído”<sup>39</sup>, tomando cautelarmente disposições preliminares para tanto, dentre as quais incluíam-se a separação dos “lingotes destinados aos candelabros de ouro e suas lâmpadas [...] segundo o uso de cada candelabro” (1Cr 28,15). Como se vê, no Templo salomônico havia mais de um candelabro; dez, na verdade: “cinco à direita e cinco à esquerda, diante do *Debir*<sup>40</sup> (1Rs 7,49).

Em 539 a.C. Ciro conquistou Babilônia, dando início ao Império persa. Depois disso, restituiu a muitas nações as imagens de seus próprios deuses que os babilônios tinham transportado para a capital de seu Império, e permitiu aos que tinham sido deportados que regressassem aos seus lugares de origem. Gozaram dessa medida também os judeus, a quem foram restituídos os utensílios do Templo de Jerusalém<sup>41</sup>.

<sup>36</sup> Antônio Houaiss, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 595.

<sup>37</sup> Rachel Hachlili, *The menorah, the ancient seven-armed candelabrum*, p. 7.

<sup>38</sup> Edgard Leite, *A menorá e a árvore da vida*, p. 60.

<sup>39</sup> Edgard Leite, *loc. cit.*

<sup>40</sup> É a parte mais sagrada do Templo, aquela onde, até o Exílio, era guardada a arca da Aliança; só o sumo sacerdote penetrava ali, uma vez por ano, para cumprir o ritual da Expição. Cf. *Dicionário cultural da Bíblia*, p. 237.

<sup>41</sup> Paolo Sacchi. *Historia del Judaísmo en la época del Segundo Templo*, p. 48-59.

O rei Ciro mandou trazer os utensílios do Templo de Iahweh que Nabucodonosor havia transportado de Jerusalém e posto no templo de seu deus. Ciro, rei da Pérsia, confiou-os às mãos de Mitrídates, o tesoureiro, que os entregou contados a Sasabassar, príncipe de Judá. Eis o seu número: trinta cálices de ouro, mil cálices de prata e mil outros utensílios. Todos os objetos de ouro e prata somavam cinco mil e quatrocentos. Tudo isso Sasabassar levou, quando fez subir os exilados de Babilônia para Jerusalém (Esd 1,7-11).

Apesar da restituição dos utensílios e de outros objetos saqueados do Templo por Nabucodonosor em 586 a.C., “no Segundo Templo restaurado em 520 a.C., ao que tudo indica, havia apenas uma menorá”<sup>42</sup>. Parece haver uma confirmação disso nas palavras de Ben Sirac: “Uma lâmpada reluzindo sobre o candelabro sagrado, assim é a beleza de seu rosto em um corpo bem-acabado” (Eclo 26,17).

Após a morte de Alexandre Magno, a Palestina, primeiramente controlada pela dinastia ptolomaica, passou, em 198 a.C., ao controle dos selêucidas. Houve um período de perseguição aos judeus. Por fim, o rei Antíoco IV Epífanes profanou o Templo de Jerusalém<sup>43</sup>: “entrando com arrogância no Santuário, apoderou-se [...] do candelabro de ouro com todos os seus acessórios” (1Mc 1,21). “Judas, filho [do] sacerdote Matatias, liderou uma revolta contra o rei Antíoco, que foi totalmente derrotado por volta de 164 a.C.”<sup>44</sup> Recobrando “o Templo para o controle dos judeus, ordenou a fabricação de ‘novos utensílios sagrados’ e levou ‘para dentro do Templo o candelabro, o altar dos perfumes e a mesa’ (1Mc 4,49)”<sup>45</sup>. Acredita-se que esse seja o candelabro figurado no Arco de Tito, como um dentre os muitos espólios transportados do Templo quando da destruição de Jerusalém pelas forças romanas em 70 d.C.

A esmagadora derrota infligida pelos romanos, com a resultante destruição do Templo e o saque do candelabro, foram sempre compreendidos como eventos catastróficos, uma vez que, sendo o Templo (e o tabernáculo antes dele) a própria representação do cosmos, “sua dessacralização e destruição por nações pagãs” [significavam] “um retorno ao caos anterior à Criação; portanto, para eles, o fim do mundo”<sup>46</sup>.

Por exemplo, no que toca especificamente à significação cósmica dos candelabros do templo Salomônico, um midrash<sup>47</sup> explica que eram em número de dez porque

<sup>42</sup> Edgard Leite, *A menorá e a árvore da vida*, p. 59-65.

<sup>43</sup> John Drane, *Enciclopédia da Bíblia*, p. 37.

<sup>44</sup> John Drane, *loc. cit.*

<sup>45</sup> Edgard Leite, *op. cit.*, p. 59-65.

<sup>46</sup> Robin A Parry. *The Biblical cosmos*, p 207.

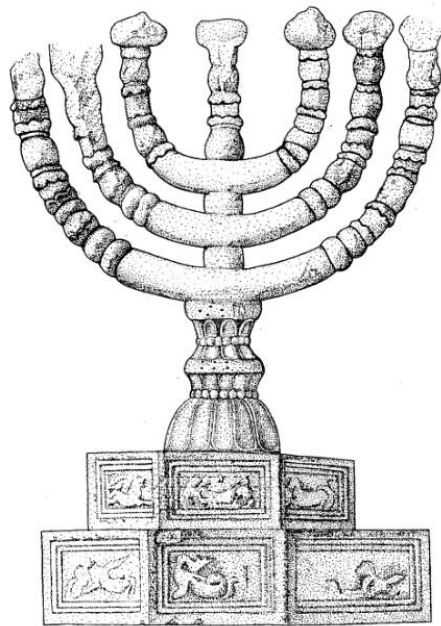
<sup>47</sup> O termo *midrash* deriva do verbo hebraico *darash*, que significa “investigar”: e essa pesquisa efetivamente refere-se ao estudo interpretativo e atualizante do Antigo Testamento. Assim, já em Esd 7,10 lemos que Esdras dedicava-se a “perscrutar a Lei do Senhor [Torá]”.

[...] Quanto à catalogação do material midráshico, em geral seguem-se dois critérios, baseados respectivamente na cronologia e no conteúdo. Assim, do ponto de vista cronológico, é possível identificar em primeiro lugar os

[...] it corresponds to the number of Words revealed on Sinai; and each of these candlesticks had seven lamps, seventy in all, to correspond to the seventy nations. For while these lamps burned the power of these nations was held in check, but on the day on which these lamps are extinguished the power of the nations is increased<sup>48</sup>.

Os registros históricos mostram que a menorá foi levada para Roma como espólio de guerra após a destruição de Jerusalém e do Templo; contudo, daí para frente não se sabe o que foi feito dela. De acordo com Procópio de Cesareia, historiador bizantino do século VI d.C., algumas fontes e outras tradições sustentam que os tesouros dos judeus foram transportados para Cartago pelos vândalos em 455 d.C. após o saque de Roma e, mais tarde, carregados no triunfo<sup>49</sup> de Belisário em Constantinopla, em 534 d.C.<sup>50</sup> Ele relata mais tarde que o imperador Justiniano decidiu enviar os objetos sagrados de volta a Jerusalém depois de ter sido advertido por um judeu que a má sorte atingiria aquele que os mantivesse sob sua posse. Esses tesouros teriam caído nas mãos dos persas ou dos árabes no século VII d.C.<sup>51</sup>

Figura 1. Menorá, candelabro de sete braços, de acordo com representação em relevo do Arco de Tito, Roma.



Rachel Hachlili, *The menorah, the ancient seven-armed candelabrum*, p. 47.

*midrashim tanáíticos*, ou seja, as interpretações do Antigo Testamento que vão do século I a.C. à redação final da Mishná (século III d.C.). Esses *midrashim* são atribuídos sobretudo às duas principais escolas rabínicas da época: a de Hillel e a de Shammai. Uma segunda fase cronológica “*midráshica*” refere-se ao período dos *amoraim*, rabinos que viveram entre a redação final da Mishná e a conclusão da época talmúdica (século VII d.C.). Portanto, costuma-se situar o fim da literatura *midráshica* na época da redação final do Talmud babilônico. Cf. Maria de Fátima Cavallaro, *Lexicon*, p.490.

<sup>48</sup> Louis Ginzberg, *Legends of the Jews*, p. 645.

<sup>49</sup> Procissão ritual com a qual os generais romanos vitoriosos entravam em Roma; conferia considerável prestígio, e isso estimulou os magistrados republicanos a exercer os comandos no estrangeiro com beligerância e brutalidade. Cf. Antonio Houaiss, *Quem foi quem na Roma antiga*, p. 294.

<sup>50</sup> Procópio de Cesareia, *Historia de las guerras libros III-IV*, p. 241.

<sup>51</sup> Rachel Hachlili, *The menorah, the ancient seven-armed candelabrum*, p. 8-9.

Figura 2. Detalhe do relevo do Arco de Tito representando soldados que passam em marcha através do arco transportando o espólio da vitória. A revolta judaica contra os romanos em 70 d.C. culminou na captura de Jerusalém por Tito e na destruição do Templo.



Bertrand Russel. *Histoire de la philosophie occidentale*, p. 199.

### 3.2. Amendoeira

Dentre os ornamentos da menorá: pomos e flores de amendoeira, são estas as principais, pois dão forma aos copos (מִשְׁקָנִים) nos quais se depositava o “azeite puro de olivas esmagadas [...] para que nele [houvesse] uma chama permanente” (Lv 24,2).

A amendoeira (*Amygdalus communis*, L.; *Prunus Amygdalus*) é um vegetal lenhoso oriundo da Ásia Menor. “Assemelha-se ao pessegueiro, sendo, porém, mais alto e de tronco mais grosso. O fruto é oblongo, comprimido, de um verde acinzentado”<sup>52</sup>. Pertence à família das rosáceas. Suas folhas são simples e de disposição espiralada, com flores pentâmeras róseas ou brancas. A árvore pode atingir até 12m, produzindo drupas esverdeadas que contêm uma só semente<sup>53</sup>. É a semente, a amêndoa (אֲמֵנוּהָ), que se come fresca ou seca. É saborosa e nutritiva, mas de difícil digestão<sup>54</sup>. Sua versatilidade é impressionante, tanto na alimentação quanto em seus usos medicinais: “o cerne oleoso da amêndoa serve [não só] de sobremesa [ou] ao preparo

<sup>52</sup> Raimundo Pimentel Gomes. *Fruticultura brasileira*, p. 94.

<sup>53</sup> Alarich. R. Schultz, *Estudo prático da botânica geral*, p. 268.

<sup>54</sup> Augustus Buckland; Lukyn Williams, *Dicionário bíblico universal*, p. 46.

de bolos variados”<sup>55</sup>, [como ao tratamento de] “enfermidades estomacais e antídoto contra o envenenamento por picadas de serpentes”<sup>56</sup>.

Figura 3. Amendoeira (*Amygdalus communis*)



Franz Eugen Köhler, *Köhler's Medizinal-Pflanzen*, 256.

Em Israel, e em todo o Oriente Médio, “a amendoeira exhibe suas flores de coloração branco-rosada logo no início do ano, de modo que em janeiro encontra-se em plena florescência, e os frutos surgem no mês de março ou abril”<sup>57</sup>. “A amendoeira repleta de flores foi tomada como símbolo da idade avançada (Ecl 12,5) em razão da brancura de seu aspecto ao ser observada de longe”<sup>58</sup>.

Há um importante indício acerca da relação entre a amendoeira e o candelabro. Nota-se no diálogo entre o SENHOR e o profeta Jeremias (Jr 1,11-12), que “o jogo de palavras entre  $\aleph\psi$  (*amendoeira*) e  $\aleph\psi$  (*vigilante*) assinala a correspondência entre uma representação simbólica de origem vegetal e a presença de Deus”<sup>59</sup>:

<sup>55</sup> Augustus Buckland; Lukyn Williams, *loc. cit.*

<sup>56</sup> Augustus Buckland; Lukyn Williams, *loc. cit.*

<sup>57</sup> Augustus Buckland; Lukyn Williams, *loc. cit.*

<sup>58</sup> Augustus Buckland; Lukyn Williams, *Dicionário bíblico universal*, p. 46.

<sup>59</sup> Edgard Leite, *A menorá e a árvore da vida*, p. 59-65.

Foi-me dirigida a palavra do SENHOR nos seguintes termos:

– O que estás vendo, Jeremias?

Eu respondi:

– Vejo um ramo de amendoeira.

Então o SENHOR me disse:

– Viste bem,

Porque eu estou vigilante sobre a minha palavra para realizá-la.

וַיְהִי דְבַר־יְהוָה אֵלַי לֵאמֹר

מַה־אַתָּה רֹאֶה יִרְמְיָהוּ

וְאָמַר

מִקַּל שֶׁקֶד אָנֹכִי רֹאֶה:

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֵלַי

הִיטַבְתָּ לְרֵאוֹת

כִּי־שֶׁקֶד אָנֹכִי עַל־דְּבָרֵי לַעֲשׂוֹתוֹ:

Em outro lugar, ouve-se semelhante confluência numa admoestação que sugere a mesma conexão: “Lembra-te do teu Criador [...] quando a amendoeira está em flor” (Ecl 12,1.5). A força desta imagem não deixa dúvida de que a amendoeira evoca a presença do SENHOR. De modo geral, a árvore na Sagrada Escritura representa como que uma ponte entre o céu e terra. Além disso, ela é um símbolo de vida eterna e de fertilidade: “sempre verde” e “com folhagem que não murcha” (Sl 1,3), é capaz de “estender seus ramos até o mar e seus rebentos até o rio” (Sl 80,12).

Segundo Leo Yarden, parece razoável sugerir que a menorá seja, na verdade, a estilização de uma amendoeira e, conseqüentemente, o arquétipo da “árvore da vida”, pois no caso da amendoeira, por causa de sua precocidade, sendo a primeira árvore a florescer na primavera<sup>60</sup>, é símbolo de regeneração e de imortalidade<sup>61</sup>.

[Quer] de maneira ritual e concreta, quer de modo mítico e cosmológico, ou ainda puramente simbólico – o cosmos vivo, regenerando-se incessantemente [...] sendo a vida inesgotável um equivalente da imortalidade, a árvore-cosmos pode, por esse fato, tornar-se a outro nível, na árvore da “vida sem morte”<sup>62</sup>.

Na tradição bíblica, a “árvore da vida” remete à árvore plantada pelo SENHOR no jardim de Éden. Seu fruto tinha a propriedade de conferir a vida eterna àquele que o comesse (Gn 3,22). Esta figura representativa da vida eterna, a “árvore-imagem do cosmos”<sup>63</sup>, árvore da realidade absoluta<sup>64</sup> e “árvore centro do mundo e suporte do universo”<sup>65</sup> é também na literatura sapiencial símbolo de uma alta ciência, cujos “caminhos, [...] deliciosos” (Pr 3,17), são comparados aos frutos de “uma árvore de vida para os que [dela] colhem” e felicidade para “os que a retêm” (Pr 3,18).

<sup>60</sup> Pierre-Maurice Bogaert; Matthias Delcor, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 67.

<sup>61</sup> Leo Yarden, *The spoils of Jerusalem on the Arch of Titus*, 1991.

<sup>62</sup> Mircea Eliade, *Tratado de história das religiões*, p. 338.

<sup>63</sup> Edgard Leite, *A menorá e a árvore da vida*, p. 59-65.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>65</sup> Edgard Leite, *loc. cit.*

Tal ciência é objeto daqueles que a buscam “de todo o coração”, “com ânimo disposto”. Ela se deixa por eles encontrar, mas “rejeitará para sempre” os que a abandonam (1Cr 28,9):

“O conhecimento dos mandamentos do Senhor é a disciplina da vida; os que lhe obedecem colherão o fruto da árvore da imortalidade” (Eclo 19,19). O conhecimento do sentido oculto no visível da árvore sagrada abre o caminho para que, seu fruto, negado a Adão, [para] “que ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre” (Gn 3,22), possa ser comido pelos sábios, ou pelos justos, sinalizando, portanto, a redenção humana. Basicamente, sua imortalidade. Mas isso também está relacionado com “o conhecimento dos mandamentos do Senhor”, isto é, com a própria *Torá*, num sentido estrito, o *Pentateuco* de Moisés, e com a *Bíblia* num sentido maior<sup>66</sup>.

Por fim, a amendoeira em sua relação com a menorá mostra-se como um poderoso símbolo que expressa a transcendência absoluta de um Deus que, mesmo inatingível em sua glória, revela-se àquele que o teme e “anda em seus caminhos” (Sl 128,1); “representa a potencial imortalidade [do homem], a essencialidade de seus elos com Deus e os firmes elos de associação entre os mundos visível e invisível”<sup>67</sup>. A menorá em si mesma, com suas lâmpadas, é imagem daquela luz que ilumina todo homem, fazendo-o discernir sua vocação. Em sua estilização, lembrando a amendoeira, insinua que todo homem é chamado a ponderar seus atos, bons e maus, que serão assentados no Livro da Vida (Ex 32,32-33; Jr 17,1; MI 3,16; Sl 40,8; 56,9; 69,29; 139,16; Is 4,3; Lc 10,20; Ap 20,12).

### 3.3. [Com] um talento de ouro o farás [...]

Os mais antigos pesos e balanças conhecidos são egípcios e datam de 3.800 a.C. e 3.300 a.C. e foram usados originalmente para medir metais e mercadorias preciosas. “As unidades de peso [...] usadas pelos hebreus, provavelmente as mesmas dos fenícios, eram derivadas do modelo sumério e mesopotâmico (sexagesimal), mas com influência egípcia (decimal)”<sup>68</sup>. O talento (em hebraico, תליתין), unidade que integra a lista desses pesos, equivale, segundo Flávio Josefo, ao peso de “*μνᾶς ἑκατόν Ἑβραῖοι μὲν καλοῦσ κίχχαρες*”<sup>69,70</sup>. O termo grego *τάλαντον*,

<sup>66</sup> Edgard Leite, *loc. cit.*

<sup>67</sup> Edgard Leite, *loc. cit.*

<sup>68</sup> Antonio Luiz M. C. Costa, *História do dinheiro*, p. 117-122.

<sup>69</sup> “cem minas, que os judeus chamam sincares” Cf. FLAVIUS JOSEPHUS, *Jewish antiquities*, p. 382.

<sup>70</sup> Considerando que o siclo pese cerca de 11,42 gramas, e que 1 sincar ou talento equivalha a 3.000 siclos, a quantidade de ouro puro destinada ao fabrico do candelabro e dos seus utensílios somam 34.272 quilos; isto é, 60 minas (1 mina = 571,2 gramas), e não 100, como quer Josefo. Antonio Luiz M. C. Costa, *op. cit.*, p. 117.

que corresponde ao peso ático de 6.000 dracmas<sup>71</sup>, usado para traduzir para o hebraico é, na verdade, uma tentativa de aproximação, já que havia muitas variações dos pesos praticados nas civilizações do mundo antigo. Maior unidade de medida utilizada para pesar tanto o ouro como a prata, o talento aparece 39 vezes<sup>72</sup> no Antigo Testamento e 2<sup>73</sup> no Novo Testamento.

Após a indicação do material e do método de fabricação do candelabro, o trecho de Ex 25,31-40 indica também a porção de material que devia ser despendida na tarefa: um talento (aproximadamente 26 quilos) do mais puro ouro. De acordo com São Beda, um talento de ouro é um peso completo e perfeito porque “o SENHOR é justo em seus caminhos todos, e fiel em todas as suas obras” (Sl 145,17). E indica que aquele que concede sua graça aos fiéis nesta vida para que possam realizar boas obras é o mesmo que lhes dará a coroa da justiça em troca de todo bem que tiverem feito. Por outro lado, o profeta Zacarias descreve a Iniquidade como uma mulher em cuja boca era colocada um talento de chumbo (Zc 5,7-8), significando com isso que com a mesma pesagem o SENHOR “devolve [ao réprobo] conforme suas ações” (Sl 62,13). Isto é, faz diferença se alguém traz ouro ou chumbo para a pesagem divina. Pois aqueles que brilham como o ouro por causa de suas boas obras são como juntados ao candelabro do SENHOR e participam da glória do seu Criador. Mas aqueles que são pesados como o chumbo por causa dos seus pecados são lançados à mercê das águas furiosas que os tragam para os abismos. O certo, contudo, é que tanto o chumbo quanto o ouro pesam um talento, pois é legítima a decisão do SENHOR tanto em condenar o ímpio quanto em salvar o justo<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> A dracma ática foi usada em Atenas, em Eubeia, em grande parte da Sicília (Magna Grécia), na pequena ilha de Delos e na Cirenaica (costa oriental da atual Líbia). Até Alexandre Magno (332 a.C.), a dracma era constituída 4,34 gramas de prata pura – teoricamente falando, pois o peso efetivo das moedas, belas, mas cunhadas de forma artesanal, variava ligeiramente. Encontram-se hoje com pesos de 4,04 a 4,35 gramas, com média de 4,27 gramas (talvez ligeiramente reduzidas pelo desgaste). O peso foi reduzido em 3% na época de Alexandre para se conformar ao padrão de 4,21 gramas imposto em seu império e daí em diante ficou inalterado até 42 a.C., quando os romanos proibiram sua cunhagem e o substituíram por seu denário. De acordo com o modelo ateniense clássico (510 a.C. a 323 a.C.) de cunhagem, chegam-se aos seguintes valores: o talento equivale a 6.000 dracmas, que equivalem a 60 minas (1 mina = 100 dracmas ou 430 gramas). Tomando o peso médio da dracma de 4,30 gramas, anterior à época de Alexandre, o talento corresponde a 25.800 quilos. Cf. Antonio Luiz M. C. Costa., *op. cit.*, p. 144-153.

<sup>72</sup> Gn 13,10; 13,11; Ex 25,39; 37,24; 38,24; 38,25; 38,27 (2x); 38,29; 2Sm 12,30; 1Rs 9,14; 9,28; 10,10; 10,14; 2Rs 5,22; 15,19; 18,14 (2x); 1Cr 16,3; 19,6; 20,2; 29,4; 2Cr 8,18; 9,9; 27,5; Est 3,9; 1Mc 11,28; 13,16.19; 15,31.35; 2Mc 3,11; 4,8.24; 5,21; 8,10.11; Pr 6,26; Zc 5,7.

<sup>73</sup> Mt 18,24; 25,15-28.

<sup>74</sup> BEDE, *on the tabernacle*, p. 43.

Figura 4. Anéis de ouro do início do quarto milênio a.C. (Samaria): metais preciosos eram armazenados em formas convenientes antes da cunhagem (Cortesia de Israel Antiquities Authority).



David M. Schaps, *The invention of coinage and the monetization of Ancient Greece*, p. 75.

### 3.4. Metalurgia

בְּתַבְנֵיתָם “Conforme o modelo”: assim devia ser feito o candelabro que tinha sido mostrado a Moisés sobre o monte, isto é, “de ouro puro” (זָהָב טָהוֹר), “batido a martelo” (מִקְשָׁה). À frente da execução dos trabalhos, foram designados *Beseleel*, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá (Ex 31,1) e *Ooliab*, filho de Aquisamec, da tribo de Dã (Ex 31,6). O SENHOR afirma que encherá aquele

“com o espírito de Deus em sabedoria, entendimento e conhecimento para toda espécie de trabalho, para elaborar desenhos, para trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, e para realizar toda espécie de trabalhos” (Ex 31,3-5).

E que neste, bem como naqueles que executariam todos os trabalhos, colocara “a sabedoria no coração” (Ex 31,6). Segundo Adré Chouraqui, “les forgerons hébreux sont réputés pour leur habileté et chaque conquérant aspire à les capturer pour les réduire en esclavage”<sup>75</sup>. Apesar da habilidade dos artesãos hebreus, a metalurgia era pouco desenvolvida “devido à escassez de combustíveis, [de] matérias-primas [e de] metal para as ferramentas, cujo abastecimento dependia quase totalmente da importação”<sup>76</sup>. Por isso os povos do Mediterrâneo oriental e Ásia Menor, do vale fluvial do Eufrates e do Tigre até o Nilo, dedicavam-se a atividades mais corriqueiras.

<sup>75</sup> Adré Chouraqui, *Les hommes de la Bible*, p. 46.

<sup>76</sup> Ciro Flamarion S. Cardoso, *Sociedades do antigo Oriente Próximo*, p. 41.

A agricultura intensiva era a base da vida econômica e da urbanização. Os textos sumérios anteriores ao Império de Akkad permitem conhecer com algum detalhe as atividades agrícolas desde meados do III milênio a.C. O cereal mais cultivado era a cevada, usada como alimento humano e do gado, e como matéria-prima para a fabricação de cerveja. Diversos tipos de trigo eram também plantados, além do sésamo (gergelim), do qual se extraía o azeite para alimentação e iluminação. Os textos mencionam igualmente legumes, raízes, pomares de árvores frutíferas, e mesmo árvores plantadas para obtenção de madeira, muito escassa na região. O cultivo da tamareira – da qual se aproveitavam os frutos, fibras e madeira ordinária – exigia o uso da polinização artificial.

Desde o Neolítico, a agricultura se associava à pecuária: criavam-se ovinos, caprinos, suínos, bovinos e muars. O gado bovino era usado como animal de tiro para o arado e para os carros – estes também podiam ser puxados por asnos; o cavalo só se difundiu no II milênio a.C. –, além de fornecer carne, um alimento de luxo, e leite. A lã das ovelhas era a matéria-prima básica para a produção têxtil, embora também se conhecesse o linho e, bem mais tarde, o algodão. O asno era o meio de transporte terrestre mais importante. Sabe-se que os rebanhos eram muito numerosos desde o III a.C., e que às vezes eram importados animais de boa raça para aprimoramento das espécies criadas.

Há prova documental da importância persistente da pesca [...]. A caça, atividade complementar, era bem menos vital.

Praticava-se a coleta em terras pantanosas, especialmente para obtenção do junco, [utilizado na produção de] cestas, cordas e cabos de ferramentas. A argila era também matéria-prima essencial, usada na fabricação de cerâmica, tijolos.

Existiam numerosas especializações artesanais. Os textos e algum material iconográfico – muito menos rico do que o egípcio – permitem-nos conhecer a produção de cerveja, vasilhas (de argila, sobretudo, mas também de pedra, madeira e vidro), tijolos – secos ao sol ou cozidos no forno –, que eram a base de todas as construções, objetos de metal, têxteis, objetos de couro (sandálias, roupa, equipamento militar, odres, sacos, guarnições de carros, certas embarcações), artigos de madeira etc. Os textos da III Dinastia de Ur, por exemplo, mencionam escultores, ourives, cortadores de pedra, carpinteiros, forjadores de metais, curtidores, alfaiates, calafates. Havia grandes oficinas pertencentes aos templos e palácios; assim, no final do III milênio a.C., em três localidades próximas à cidade de Lagash trabalhavam 6.400 artesãos têxteis em oficinas estatais. Mas também existiam oficinas familiares, e nas cidades os artesãos se agrupavam em ruas especiais<sup>77</sup>.

A arte metalúrgica teve seus inícios no Egito durante o período pré-histórico, entre 8.000 e 5.500 a.C. O Egito foi o principal país produtor de ouro na Antiguidade. Isso explica a razão por que os egípcios desenvolveram enorme habilidade para trabalhar não só o ouro, mas também a prata<sup>78</sup>.

Le monopole de cette industrie appartenait aux Égyptiens: c'était là l'affaire de Pharaon et de ses prêtres. Ils alliaient l'or à l'argent en des proportions variables selon la qualité du métal qu'ils voulaient obtenir. Les Hébreux importaient donc des lingots de ces métaux qu'ils savaient parfaitement travailler selon des techniques diverses pour produire des œuvres d'art, des bijoux, des objets de culte ou de décoration que nous retrouvons dans les fouilles<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> Ciro Flamarion S. Cardoso, *Sociedades do antigo Oriente Próximo*, p. 38-41.

<sup>78</sup> Fathi Habashi, *Gold through the ages*, p. 60-69.

<sup>79</sup> André Chouraqui, *Les hommes de la Bible*, p. 97.

O metal é um material duro, difícil de derreter e de encontrar, ainda mais antes da invenção de máquinas de escavação e de fornos modernos. No início, os egípcios trabalhavam os metais grosseiramente, mas, com o passar do tempo, acabaram por desenvolver operações mais sofisticadas.

Para produzir um objeto de metal, é preciso submetê-lo ao processo de fundição: isto é, derretê-lo e depois despejar o líquido metálico num molde preparado para dar-lhe a forma desejada. A dificuldade está em que o metal – até mesmo o cobre macio, um dos primeiros metais conhecidos pelo homem –, não se transforma de minério bruto em líquido, a não ser que atinja pelo menos 1000°C<sup>80</sup>. Todavia, esta é várias vezes a temperatura produzida por uma combustão comum. Assim, os egípcios tiveram que inventar fornos capazes de produzir tais temperaturas. Cavava-se um buraco no chão e forrava-se suas paredes com pedras para que o calor ficasse concentrado. Os locais favoritos para a construção desses fornos rudimentares eram as áreas nas quais o vento contínuo pudesse alimentar naturalmente o fogo. Usavam como combustível o carvão, cuja temperatura de queima é superior à da madeira. Ainda assim, a simples queima do carvão não é capaz de atingir temperaturas suficientes para derreter o metal. Sendo o oxigênio o catalisador necessário para qualquer combustão, e quanto mais oxigênio, mais alta a temperatura da queima, os egípcios valiam-se de certos tubos pelos quais sopravam o carvão em brasa para elevar sua temperatura para os mais de 1000 graus necessários. Esses “tubos” nada mais eram senão juncos ocos em cujas extremidades se aglutinava um pouco de argila para que a ponta da cana não ardesse e se consumisse. Pelo contrário, o calor intenso fazia com que a argila se tornasse cerâmica, permitindo que o ar que saía com força da boca do artífice aumentasse a temperatura do fogo<sup>81</sup>.

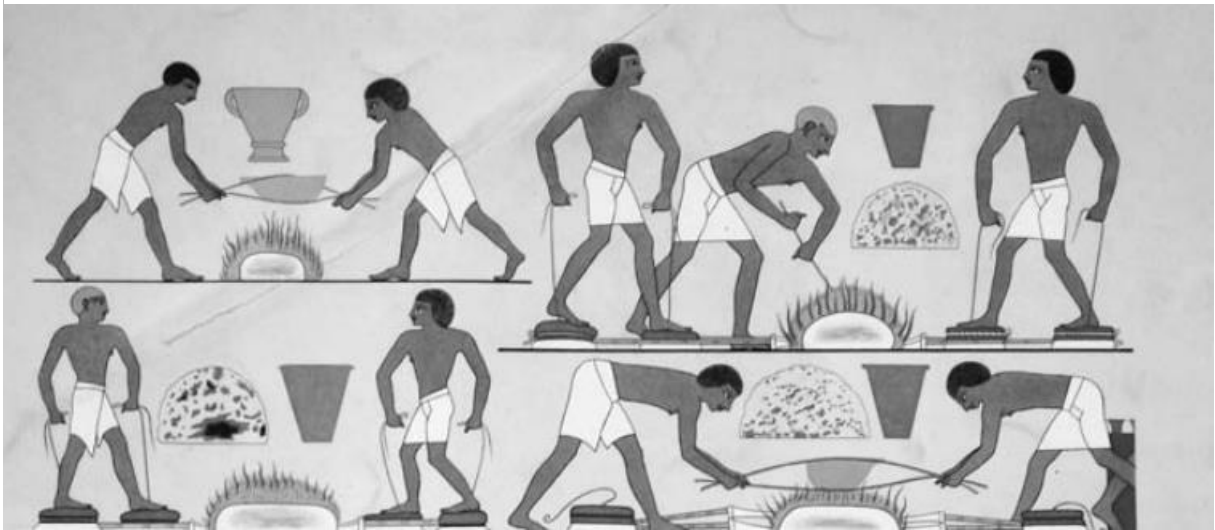
---

<sup>80</sup> James Henry Breasted. *The Edwin Smith surgical papyrus*, p. 165-66.

<sup>81</sup> Bob Brier; Hoyt Hobbs, *Daily life of the ancient Egyptians*, p. 234.

Para produzir temperaturas suficientemente altas, era necessário que pelo menos duas pessoas soprassem continuamente. Com o passar do tempo, os egípcios criaram um mecanismo que permitia a um só homem produzir oxigênio necessário para a combustão. O instrumento consistia numa bolsa de couro à maneira de sanfona presa em duas peças planas de madeira. Por expansão e contração alternadas, absorviam o ar por uma válvula ou orifício, expelindo-o através de um tubo oco de junco. O operário punha-se de pé sobre um par desses mecanismos, segurando uma corda amarrada a cada um deles. Levantando o pé, descobria o orifício e, puxando a corda para cima, enchia de ar o saco de couro. Ao mesmo tempo, com o outro pé, pisava a outra peça, impelindo o ar para dentro da fornalha. Com o auxílio de tal dispositivo, podia-se trabalhar na fundição apenas “marchando” no mesmo lugar<sup>82</sup>.

Figura 5. As cenas abaixo, de uma pintura da tumba do vizir Rekhmiré (*XVIII Dinastia. Tumbas dos nobres, Luxor*), mostram as etapas da fundição do minério. Primeiramente, em um vaso, o minério é colocado sobre o fogo, que, alimentado pelo ar que é continuamente expelido pelos mecanismos acionados pelos pés dos operários, tem sua intensidade aumentada. Por fim, o vaso contendo o metal líquido é removido com a utilização de duas varas cruzadas.



Bob Brier; Hoyt Hobbs, *Daily life of the ancient Egyptians*, p. 234.

As etapas para a produção de um objeto de metal começavam com a extração do minério, que era triturado até que virasse pó. O pó era então depositado num vaso de cerâmica, que era levado a um desses fornos, conforme descrito acima. Eram necessárias muitas horas para que o calor extremo liquefizesse o metal. Como resultado, o metal desce para o fundo do recipiente, enquanto as impurezas ou escória, flutuam na superfície. O recipiente era removido da fornalha com um par de varas recém-cortadas para que sua umidade evitasse que queimassem pelo

<sup>82</sup> James Henry Breasted, *The Edwin Smith surgical papyrus*, p. 220.

contato com o metal fervente. Depois de removidas as impurezas, a substância pastosa era vertida no molde desejado<sup>83</sup>.

Os egípcios usavam dois tipos de molde. Às vezes modelavam a forma na areia molhada de acordo com o que queriam criar. O metal líquido aí despejado, uma vez endurecido, reproduzia a forma da cavidade. O segundo tipo consistia num molde de argila que se levava ao forno para que se tornasse uma peça de cerâmica, que é capaz de suportar temperaturas ainda mais elevadas do que a do metal fundido. O líquido vertido no molde de cerâmica reproduziria sua forma, e se o molde fosse composto de outras peças (tasselos) que se encaixassem numa principal (madre-forma), poderia ser removido do metal e reutilizado<sup>84</sup>.

Semelhante tecnologia era bastante sofisticada e a arte de preparar um molde a partir do qual se produziriam estátuas ou utensílios intrincados era complexa; por isso, a princípio, os egípcios trabalhavam o metal de outras formas. Simplesmente vertia-se o metal líquido numa depressão plana e delgada na areia para obter uma folha de metal, que depois era batida a martelo para que se tornasse ainda mais fina e extensa. Essas folhas podiam ser dobradas à mão ou marteladas para formar uma panela ou outro utensílio qualquer, unido, se se desejasse, com um metal alfinete. Estátuas medindo quase seis metros de altura eram produzidas por meio dessa tecnologia perto do final do Antigo Império, por volta de 2.500 a.C. Recobriam-se estátuas de madeira com folhas de cobre prensadas e pregadas. Ainda no final do Império Antigo, passou-se a usar esses moldes na produção estatuária de metal fino, que se tornou mais sofisticada pela metade do Império Médio (2.000 a.C.), e habitual no Império Novo (1.500 a.C.)<sup>85</sup>.

Os primeiros moldes produziam estátuas com núcleos maciços. Um modelo de cera da estátua desejada era esculpida e revestida com argila. Sabe-se que a criação de abelhas no Egito é praticada desde épocas imemoráveis, e que, portanto, os egípcios dispunham de cera em abundância. Ao ser aquecida, a cera, interna, derretia, ao passo que a argila, externa, tornava-se cerâmica dura, preservando a forma do modelo de cera. O sistema é conhecido método de “cera perdida”<sup>86</sup>. Cobre, prata ou ouro derretidos podiam ser despejados na forma de cerâmica. Após o resfriamento, rompia-se o molde de cerâmica e retirava-se o metal endurecido. Mais tarde, os artesãos desenvolveram um molde em duas partes: uma anterior e outra posterior, que

---

<sup>83</sup> Bob Brier; Hoyt Hobbs, *Daily life of the ancient Egyptians*, p. 234.

<sup>84</sup> Bob Brier; Hoyt Hobbs, *loc. cit.*

<sup>85</sup> Bob Brier; Hoyt Hobbs, *loc. cit.*

<sup>86</sup> Barry Midgley, *Guía completa de escultura, modelado y ceramica*, p. 76.

não precisariam ser destruídas, podendo ser reutilizadas para a fabricação de muitas outras peças idênticas. As primeiras estátuas requeriam muito metal, já que eram feitas inteiramente do material. Devido à dificuldade de se obter o metal e de fundi-lo, objetos moldados eram muito caros. Foi por volta do Império Médio que os artesãos aprenderam a produzir objetos ocos, economizando assim o material precioso<sup>87</sup>.

Dentre todos os metais, o ouro era o mais venerado, pois era considerado “carne dos deuses”. O metal, radiante como o sol, nunca perdia seu brilho, e obrigatoriamente devia representar a majestade divina. O ouro, através de sua solidez, comunicava aos homens seu poder de sobrevivência e eternidade. A capela funerária do faraó, chamada de “casa de ouro” ou “sala de ouro”, reunia toda a riqueza do soberano<sup>88</sup>.

Apenas um mapa entre aqueles que representavam as minas de ouro exploradas durante o período faraônico conseguiu chegar até os dias de hoje. No papiro do Império Novo, podem-se observar os caminhos seguidos pelos mineiros e as descrições da região montanhosa do leste do Egito, onde estão localizadas as minas. Os filões de metais são catalogados mediante inscrições hieráticas que mencionam sua riqueza em ouro e sua profundidade<sup>89</sup>.

A mais famosa peça de ourivesaria é, sem dúvida, a máscara de ouro de Tutancâmon. O objeto representa o jovem dotado de atributos divinos. Seus olhos negros são delimitados por grossas linhas de *kohl*, desenhadas com lápis-lazúli, da mesma forma que as sobrancelhas. O faraó exige na cabeça um pano listrado feito de ouro e lápis-lazúli, que envolve o cabelo por ambos os lados do rosto. A barba postiça do jovem soberano, semelhante à de Osíris, lhe confere a imortalidade. Finalmente, um magnífico peitoral, composto por uma dúzia de fileiras de pedras multicoloridas, cobre-lhe o peito<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> Bob Brier; Hoyt Hobbs, *Daily life of the ancient Egyptians*, p. 235.

<sup>88</sup> Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *Mistérios dos deuses egípcios*, p. 4.

<sup>89</sup> Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *loc. cit.*

<sup>90</sup> Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *loc. cit.*

Figura 6. Estátua de bronze (Época Baixa) representando Ísis sentada em um trono de leão, oferecendo o peito a Hórus, que aparece completamente nu e com uma trança lateral, símbolo da infância.



Francesco Tiradritti, *Tesouros do Egito do museu egípcio do Cairo*, p. 413.

Figura 7. Dentre todos os objetos da arte egípcia, o mais conhecido talvez seja a máscara mortuária de Tutancâmon. Trata-se de uma peça de ouro com incrustações de lápis-lazúli colocada diretamente sobre a múmia, cobrindo a cabeça e parte dos ombros. Pode-se ver enfeite de cabeça *nemes* com as deusas *Nekhebet* e *Uadjit*, a primeira representada como abutre e a segunda como serpente, que protegiam o faraó.



Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *Egitomania*, p. 120.

Figura 8. Trabalhadores transportando lingotes de ouro sob a supervisão de um contramestre (*Tumba do vizir Rekhmiré. Tumbas dos nobres, Luxor*).



Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *Mistérios dos deuses egípcios*, p. 4.

Figura 9. Fragmento de um papiro com a localização de ouro do Sinai (*XX Dinastia. Museu Egípcio de Turim*).



Isabel Câmara; Mel Ribeiro, *Mistérios dos deuses egípcios*, p. 4.

### 3.5. Tabernáculo

O santuário portátil, mais comumente referido como Tenda da Reunião (אֹהֶל מוֹעֵד) ou tabernáculo (תְּבַרְנָקָה) para alguns estudiosos, uma “retro visão do Templo salomônico”<sup>91</sup>, era o lugar no qual os hebreus depositavam a arca da Aliança e demais objetos sagrados ligados ao culto do seu Deus Único. Tabernáculo deriva do latim *tabernaculum*, *i*, que significa “tenda pequena”; é o diminutivo de *taberna*, *ae*, “cabana”, “casa feita de tábuas”, por extensão, “albergue”, “estalagem”, “abrigo”<sup>92</sup>. Era na antiga religião romana uma típica estrutura ritual<sup>93</sup>. O termo hebraico, no entanto, tem a conotação de “lugar onde se mora”<sup>94</sup>. Na Septuaginta (LXX), traduz-se como σκηνή, “abrigo portátil para acampamento”, “tenda”<sup>95</sup>.

Na Antiguidade, o edifício destinado ao culto religioso estava intimamente associado à vida cotidiana. Toda a vida da cidade se desenrolava em seu derredor. De fato, observa-se que “os filhos de Israel acampa[vam] ao redor da Tenda da Reunião, a uma distância determinada” (Nm 2,1).

A presença do tabernáculo em meio ao povo durante o período de transumância pelo deserto traduzia sua confiança em que o SENHOR os protegia e que verdadeiramente estava com eles, assim como havia acompanhado seus antepassados.

Com efeito, é unânime entre os povos do passado que o templo, “construído pela cidade, [deve ser] consagrado ao deus para ser sua residência”<sup>96</sup> e, como tal, representa o universo trazido à existência pela vontade dos deuses e à mercê dos seus desígnios. O edifício sagrado inteiro está revestido de um profundo simbolismo cósmico: “o telhado do templo representava o céu; as paredes, os quatro pontos cardeais; o poço, ou elemento aquático, quando existe, é uma representação das águas infracósmicas”<sup>97</sup>, uma verdadeira *imago mundi*<sup>98</sup>.

Outrossim, a arquitetura sagrada do santuário bíblico não se afasta de tal conceito, corroborado ao longo dos séculos por um sem-número de comentadores judeus e cristãos. É

<sup>91</sup> Possível imagem literária construída por escribas ligados ao sacerdócio. Esses escribas teriam retornado com Esdras do exílio babilônico. Ao propô-la, faziam-no ou com o intuito de reintroduzir os rituais do Templo (destruído por Nabucodonosor em 596/597 a.C.) ou de glorificar as origens e o passado do povo hebreu.

<sup>92</sup> José Cretella Júnior; Geraldo Ulhôa de Cintra, *Dicionário latino-português*, p. 1223.

<sup>93</sup> John Scheid. *An introduction to Roman religion*, p. 113-114.

<sup>94</sup> William L. Holladay, *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*, p. 310.

<sup>95</sup> Frederick William Danker, *The concise Greek-English lexicon of the New Testament*, p. 322.

<sup>96</sup> Jean-Pierre Vernant, *Entre o mito e a política*, in: Ulisses Quintão de Carvalho; Valeriano dos Santos Costa, *O cosmos bíblico e sua representação no esquema do tabernáculo*, p. 114.

<sup>97</sup> Gabriel Frade, *Arquitetura sagrada no Brasil*, in: Ulisses Quintão de Carvalho; Valeriano dos Santos Costa, *loc. cit.*

<sup>98</sup> Ulisses Quintão de Carvalho; Valeriano dos Santos Costa, *loc. cit.*

preciso assinalar que a sobriedade das primeiras igrejas cristãs reflete a influência do plano do santuário, cujo modelo cosmológico nele refletido estava em consonância com o que acreditavam os antigos. Por exemplo, para os babilônios “a Terra era um disco fixo, e o céu, uma esfera que circulava em torno dela uma vez por dia; razão porque as estrelas permaneciam no mesmo lugar noite após noite”<sup>99</sup>. Igualmente concebiam a Terra os gregos dos tempos homéricos (séculos XII a VIII a.C.), isto é, um disco espalmado envolto pelo vasto mar oceano (Ωκεανός), cuja descrição aparece pela primeira vez no hino órfico<sup>100</sup> X, dedicado ao deus bucólico Pã:

“[...] ἀπειρέσιον γαίης πέδον ἐστήρικται,  
εἶκει δ’ ἀκαμάτου πόντου τὸ βαθύρροον ὕδωρ  
᾿Ωκεανός τε περίξ ἐν ὕδασι γαῖαν ἐλίσσων, [...]”<sup>101</sup>

“[...] Por meio de ti jaz firme a planície da Terra,  
donde as águas que fluem das profundezas  
correm para o antigo oceano que circunda a terra sólida, [...]”

Pode-se delinear um cosmos compreendido em três partes a partir das palavras iniciais do Decálogo (Ex 20,2-17; Dt 5,5-21): “Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, *nos céus*, ou embaixo *na terra*, ou nas águas que estão *debaixo da terra* (Ex 20,4).

Elevando-se das profundezas das águas que estão “debaixo da terra”, encontram-se os pilares sobre os quais esta se mantém firmemente estabelecida em seu lugar, *os fundamentos do mundo* (1Sm 2,8; Jó 38,4-6; Sl 104,5). “la terre” [apoiada sobre esses pilares] “est conçue comme une immense étendue plane agrémentée de vallées, de fleuves et de montagens qui se perdent en ses confins dans un cercle [...] mystérieux”<sup>102</sup>.

As cosmologias se preocupavam com a perfeição da ordem cósmica, a estabilidade do universo. A fim de garanti-la, havia a necessidade dos templos, “pois o templo no mundo antigo

<sup>99</sup> Nick Kanas, *Solar system maps*, in: Ulisses Quintão de Carvalho; Valeriano dos Santos Costa, *O cosmos bíblico e sua representação no esquema do tabernáculo*, p. 116.

<sup>100</sup> Órfico: relativo a Orfeu, figura mitológica grega que desceu aos Infernos: para resgatar sua amada Eurídice de Hades, deus do Mundo Subterrâneo (em Roma: Plutão), e de quem uma “religião de mistérios”, o orfismo, associada ao culto a Dionísio ou Baco, deriva o nome. Cf. Maria Lúcia de Arruda Aranha; Maria Helena Pires Martins, *Filosofando*, p. 63.

<sup>101</sup> Apostolos N. Athanassakis; Benjamin M. Wolkow, *The Orphic hymns*, p. 11.

<sup>102</sup> André Chouraqui, *Les hommes de la Bible*, p. 207.

era o lugar da autoridade divina. Era do templo que o deus governava e mantinha a ordem no cosmos”<sup>103</sup>. Por isso não surpreende que essa mesma ideia esteja presente no relato bíblico segundo o qual o SENHOR justifica a construção do santuário, dizendo a Moisés: “Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Ex 25,8). Em *Enki e a ordem do mundo e Enuma Elish*, assiste-se ao “estabelecimento de um templo a partir do qual o deus pode assumir o domínio sobre o cosmos organizado sob seu controle”<sup>104</sup>.

Os templos do Oriente Próximo eram erigidos de modo a representar os céus, e muitas vezes o cosmos em sua totalidade. O mito babilônico da criação trata do estabelecimento do templo de Marduque em Esagila. O complexo devia ser um modelo perfeito das realidades celestiais para que fosse considerado digno da divindade que o habitaria. Também no Egito os templos eram feitos “como os céus” ou “à semelhança dos céus”. Não obstante a cooperação humana, com efeito é a própria divindade “que construiu seu santuário como as alturas” (SI 78,69), tal como construíra “a terra que fundou para sempre” (SI 78,69). Nisto está relação que assenta o simbolismo do santuário como modelo do universo, como o quer o historiador judeu Flávio Josefo (c. 37 ou 38-100 d.C.) ao escrever que “as proporções das medidas do tabernáculo têm a flagrante intenção de imitar o sistema do mundo, [...] uma representação do universo”<sup>105</sup>.

O monge e geógrafo bizantino do século VI, Cosme Indicopleustes, em sua *Topographia Christiana*, retrata o cosmos a partir do modelo do tabernáculo; isto é, retangular. “No modelo de Cosme, a abóbada curva esconde-se de nossos olhos por trás do estereoma, ou seja, o véu do firmamento”<sup>106</sup>. Moisés teria pessoalmente recebido a ordem do próprio Deus para construir um tabernáculo que refletisse a disposição da criação, onde cada elemento constitutivo do patrimônio da tenda sagrada testemunhasse um dado aspecto de todas as realidades existentes no universo:

Depois do dilúvio, nos tempos da construção da torre (de Babel), que constituía um desafio a Deus, quando os homens, ao chegar a uma grande altitude, começaram a observar os astros sem interrupção, eles foram pela primeira vez induzidos ao erro e conceberam a ideia de que o céu seria esférico. [...] Deus ordenou a Moisés que construísse um tabernáculo segundo o modelo visto no Sinai, um tabernáculo que fosse à imagem do universo todo. Moisés o fez, tentando imitar o melhor que podia a forma do universo, do seguinte modo: trinta cúbitos de comprimento e dez de largura; colocando um véu no meio, obteve dois espaços: o primeiro foi chamado de Santo, e o segundo, atrás do véu, de Santo dos Santos. O tabernáculo exterior, segundo o divino

<sup>103</sup> Paul Copan. *et al.*, *Dictionary of Christianity and science*, p. 60.

<sup>104</sup> Paul Copan. *et al.*, *loc. cit.*

<sup>105</sup> William Whiston, *The genuine works of Flavius Josephus*, p. 170.

<sup>106</sup> Umberto Eco, *História das terras e lugares lendários*, p. 13.

Apóstolo, era a imagem do mundo visível, da terra ao firmamento. Ali se encontrava a tábua, na parte norte, e na tábua doze pães; sobre a tábua, figura da terra havia frutos de todo tipo, um para cada um dos doze meses do ano. Ao redor da tábua havia uma barra entrelaçada que representava o mar dito Oceano e ao redor do Oceano havia uma moldura de um palmo que representava a terra do além, em cuja parte oriental se encontra o Paraíso e na qual as extremidades do primeiro céu, em forma de abóbada, apoiam-se nas extremidades da Terra. E enfim, Moisés colocou na parte sul um candelabro que iluminava a terra de sul a norte e sobre ele sete lumes para indicar a semana e representar todos os luminares do céu<sup>107</sup>.

Figura 5. Detalhe de *Topographia Christiana*, de Cosme Indicopleustes: O cosmos como tabernáculo.



Fonte: Biblioteca Laurenziana, Florença, Itália; manuscrito 9.28, fólio 95v.

A forma do espaço de culto, assim como a de toda a mobília sagrada e sua disposição aí, como se vê, revelam muito mais do que uma mera casualidade ou gosto estético: trata-se verdadeiramente de um modelo cosmológico. Com base nisso, em relação ao candelabro, Filo de Alexandria (c. 25 a.C. a 50 d.C.) afirma que

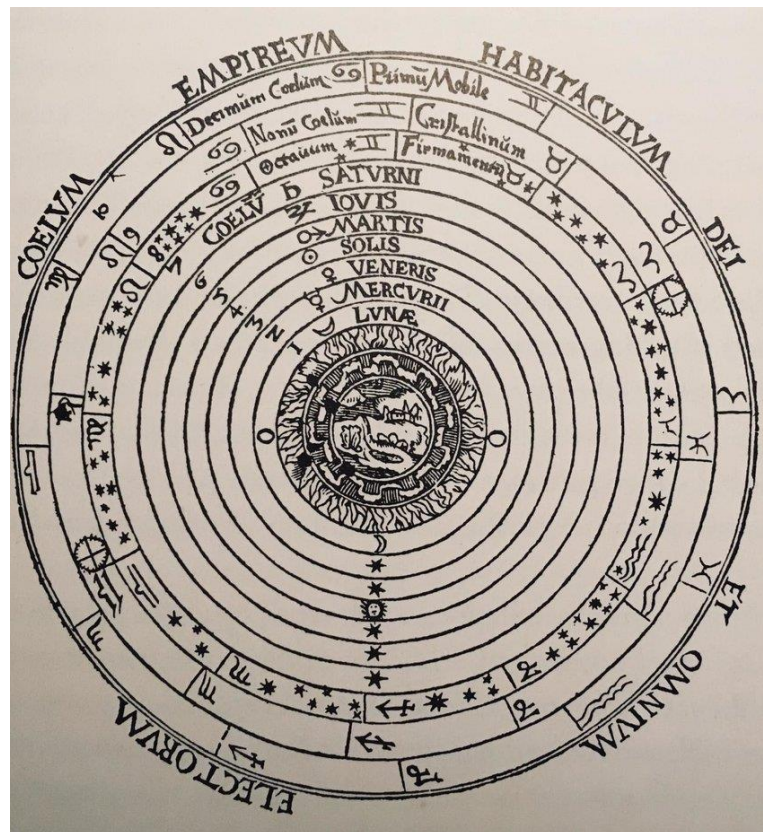
[O]s seis braços, três de cada lado, saindo de um eixo central, sustentam sete lâmpadas, símbolos daquilo que os homens de ciências chamam planetas. Pois o sol, como o eixo central do candelabro, ocupa o quarto lugar no meio dos céus e dá luz aos três acima e aos três abaixo, dá o tom de harmonia a um instrumento musical divino<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> Umberto Eco, *História das terras e lugares lendários*, p.29.

<sup>108</sup> PHILO, *On Moses*, p. 101.

De acordo com o modelo geocêntrico proposto por Eudoxo (século VI a.C.), também conhecido como “modelo das esferas homocêntricas”<sup>109</sup>, os sete orbes (Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno), encontram-se como que embutidos, engastados na própria esfera. “Ao todo existem 55 esferas, para que as intermediárias possam fornecer ligações mecânicas necessárias para a reprodução do movimento”<sup>110</sup>.

Figura 6. Detalhe de *Cosmologiae introductio cum quibusdam geometria ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis* (1524), de Petrus Apianus, onde se vê representado o modelo cosmológico proposto por Eudoxo, com a Terra ao centro e os demais orbes que a circundam: Lua ☾, Mercúrio ☿, Vênus ♀, Sol ☉, Marte ♂, Júpiter ♃ e Saturno ♄, bem como a esfera das estrelas fixas, representada pelos signos zodiacais, isto é, cada uma das doze partes da eclíptica que o Sol parece percorrer no intervalo de um ano trópico: Áries a, Touro b, Gêmeos c, Câncer d, Leão e, Virgem f, Libra g, Escorpião h, Sagitário i, Capricórnio j, Aquário k e Peixes l.



Fonte: Brown University, Rhode Island, Estados Unidos da América; fólio 32.

O recôndito mais sagrado do tabernáculo, e o do Templo salomônico, o chamado santo dos santos (קֹדֶשׁ הַקֳּדָשִׁים), tinha forma cúbica, apesar de as dimensões do Templo serem maiores que as do tabernáculo, embora proporcionais. Suas medidas, segundo as Escrituras hebraicas,

<sup>109</sup> Johan Ludwlg Emil Dreyer, *History of the planetary systems*, p. 90-107.

<sup>110</sup> Maria Lúcia de Arruda Aranha; Maria Helena Pires Martins, *Filosofando*, p. 139.

eram, no tabernáculo, de dez côvados<sup>111</sup> de comprimento, por dez de largura, por dez de altura (Ex 26,16-18; 26,22-24); e no Templo, de vinte côvados de comprimento, por vinte de largura, por vinte de altura; o dobro, portanto<sup>112</sup> (1Rs 6,20; 2Cr 3,8). Assim, o espaço interno do santo dos santos no tabernáculo media entre 9 m<sup>2</sup> e 10,5 m<sup>2</sup>; e no Templo, entre 18 m<sup>2</sup> e 21 m<sup>2</sup>. Quanto à forma cúbica, “elemento central da investigação matemática e artística desde a Antiguidade”<sup>113</sup>, Platão sublinha sua propriedade místico-simbólica adequadamente associando-a ao elemento terra devido à fixidez e à imobilidade de suas bases, remetendo à experiência humana do espaço: “o cubo volta-se para frente, para trás, para a direita, para a esquerda, para cima e para baixo, o que corresponde às seis direções: norte, sul, leste, oeste, zênite e nadir”<sup>114</sup>.

---

<sup>111</sup> O côvado era uma medida de comprimento amplamente utilizada por todos os povos do Crescente Fértil. Trata-se da distância entre a ponta do dedo médio e o cotovelo. Não se pode estabelecer ao certo sua relação em comparação aos modernos sistemas de medições. Com base nos achados arqueológicos, costuma-se considerar a existência de dois tipos de côvados: o grande, medindo cerca de 52,5 cm, e o pequeno, em torno de 45 cm.

<sup>112</sup> *Pentateuch with Targum Onkelos, Haphtaroth and Rashi's commentary*, p. 144.

<sup>113</sup> Daud Sutton. *Platonic and Archimedean solids*, p.5.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p.14.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conduzida até aqui com o apoio do instrumental disponível teve como enfoque o estudo detalhado de Ex 25,31-40 em sua conformação linguístico-literária e/ou poética, bem como de aspectos variados acerca do contexto histórico-cultural no qual este foi composto para suporte da reflexão de cunho histórico-teológico sobre o candelabro de ouro de sete braços. Não obstante, o tema é abundante, abrindo-se a investigações ulteriores em todas as dimensões já exploradas e outras a se propor, a depender de novas luzes.

Deve-se ter em mente que os textos bíblicos são a fonte primeira da teologia judaico-cristã, e que para sua reta compreensão são exigidas análises minuciosas, que começam já pela tradução. Cada língua organiza a realidade de modo diferente de outra, estabelecendo repertório e regras diferentes. Nem sempre há equivalência na transposição dos termos de uma língua para outra, uma vez que as línguas como que “recortam” partes da realidade para nomear. Trata-se, portanto, de uma operação delicada que visa apreender, tanto quanto possível, aspectos das experiências vividas pelo povo no seio do qual as Sagradas Escrituras nasceram, e tentar comunicá-las à cultura do homem ocidental do século XXI. Ingênuo equívoco seria imaginar que as línguas não passam de variações de expressões que remetem a significados universalmente válidos e estáveis<sup>115</sup>. A consciência desse fenômeno é o pilar que sustenta a tradução proposta nesta pesquisa que, além de oferecer ao leitor/ouvinte moderno a possibilidade de maior contato com o texto hebraico, preocupou-se sobretudo em preservar o colorido do texto na sua forma literária original, partindo do pressuposto que tal configuração contribui para a excitação da imaginação e o dispõe para a beleza da expressão verbal.

Somada a essa dificuldade, encontra-se ainda o desafio de decifrar a acentuada carga alegórica de que o texto está impregnado. Nesse sentido, as páginas santas escondem sob o véu da palavra significados que apontam para além das personagens e dos eventos aí narrados<sup>116</sup>. Todavia, esses textos não se restringem ao povo a quem falou em primeiro lugar. Há neles uma espécie de vocação universal: atravessam o tempo, o espaço, culturas. Por isso mesmo, jamais se poderá exaurir dos tesouros das Sagradas Escrituras tudo o que elas contêm. Sendo a própria Palavra de Deus, e como tal, única na história da literatura universal, é dirigida aos homens de todos os lugares e de todos os tempos. Quer dizer, o Senhor desce ao seu encontro aí mesmo

---

<sup>115</sup> Jean-Michel Peterfalvi, *Introduction à la psycholinguistique*, p. 98.

<sup>116</sup> Hahn Scott; Curtis Mitch, *Catholic study Bible*, p. 12.

onde estão, comunicando-lhes “as maravilhas do seu amor salvífico”<sup>117</sup>. Fonte inesgotável de vida, portanto.

Com isso mente, começa-se por notar que a arquitetura religiosa judaico-cristã busca nas páginas sagradas a devida inspiração ao erigir seus templos, tomando por modelo as prescrições divinas de proporção e de estética. Assim, a disposição do espaço sagrado denota os referenciais da geografia celeste, de modo que a fachada principal do Tabernáculo volta-se para o ocaso, enquanto suas costas fitam o levante, porção na qual se encontra a arca da Aliança.

Não é à toa que assim o fosse. Fílon de Alexandria, em sua obra intitulada *De specialibus legibus*, diz que a razão por que o santuário estava de tal modo assentado espacialmente é que este na verdade constituía a representação do cosmos como concebido pelo homem dos tempos bíblicos. Deus havia ordenado a Moisés que construísse o santuário para que lhe servisse de Habitação entre os filhos de Israel. O raciocínio a partir disso é o seguinte: se o santuário foi feito para que Deus mesmo habitasse entre os homens e era também a representação do cosmos, isso equivale a dizer que o próprio cosmos é a morada de Deus. “Todo o universo deve ser considerado como o mais excelente e santo templo de Deus”<sup>118</sup>.

A sacralidade do Tabernáculo estende-se, portanto, a todo o *olam*; isto é, a toda a realidade visível e invisível dos mundos inferiores e superiores, trazida à existência por *Elohim*. Essa compreensão traduz-se na responsabilidade do homem para com o ecúmeno e o cuidado dispensado aos recursos naturais, bem como na justiça social, já que a terra e tudo quanto nela existe pertence ao SENHOR. Consequentemente, o homem da Bíblia sabe muito bem que o pobre tem garantida sua porção na herança da terra, e que sua permanência nela depende da observância desse direito sagrado.

Pois bem, se se pode refletir de tal modo acerca do inteiro conjunto arquitetônico, o mesmo talvez se aplique às peças do mobiliário que compunha o patrimônio da tenda sagrada. O geógrafo bizantino do século IV, Cosme Indicopleustes, comenta em sua *Topographia Christiana* que Moisés, depois de ter atendido à ordem de Deus de construir o santuário, “colocou na parte sul um candelabro que iluminava a terra de sul a norte e sobre ele sete lumes para indicar a semana e representar todos os luminares do céu”<sup>119</sup>. De acordo com a disposição dos objetos no interior do santuário, encontrava-se na parte norte uma mesa sobre a qual

<sup>117</sup> Hahn Scott; Curtis Mitch, *Catholic study Bible*, p. 12.

<sup>118</sup> PHILO, *De specialibus legibus*, p. 252.

<sup>119</sup> Umberto Eco, *História das terras e lugares lendários*, p.29.

depositavam-se doze pães (Nm 24,5-6), a mesa dos pães da oblação. Para Cosme, a mesa era figura da terra, e os pães, figura dos frutos que a terra produz ao longo dos doze meses do ano. Os pães também representavam uma garantia para Israel de que o SENHOR manteria a promessa que lhes fizera no deserto de que sempre cuidaria deles. Afinal, dava-lhes o pão cotidiano (Ex 16,1-36). Essa imagem torna-se ainda mais poderosa se se entende a mesa como símbolo de comunhão, de partilha e de subsistência.

Posicionava-se a mesa dos pães da oblação bem em frente à menorá para que o áureo candelabro a iluminasse. Tal disposição sugere fortemente que a luz projetada sobre a mesa expressa a transcendência absoluta de Deus que impregna todo o cosmos, condição mantenedora da ordem que afugenta o caos desordenador, expressão da completa ausência de Deus. Por isso a luz é também expressão simbólica do Espírito de Deus. Diz o salmista que se o SENHOR esconder sua face o homem se apavorará. expirarão e voltarão ao pó, se retirar sua respiração; isto é, seu Espírito (Sl 104,29). Movido por tão grande mistério, então exclama: “Ó Deus, [...] não me rejeites para longe de tua face, não retires de mim teu santo Espírito (Sl 51,13).

Semelhante profissão de fé tem o poder de fazer brotar no coração do homem o amor pela justiça. Esses pujantes símbolos foram concedidos para que o homem jamais olvidasse da total dependência do seu Criador. Ouve-se deles metaforicamente num belíssimo hino de louvor: “De tuas altas moradas regas os montes, e a terra se sacia com o fruto de tuas obras, [...] para que ele faça o rosto brilhar com o óleo, e o pão fortaleça o coração do homem (Sl 104,13-15). São nítidas as referências ao candelabro e à mesa dos pães da oblação na cadeia dos eventos interdependentes: o rosto brilha com o óleo e o pão fortalece o coração. Ou seja, um não pode acontecer separadamente em relação ao outro! Mas para que isso aconteça, é preciso obedecer à voz do SENHOR e praticar a justiça, pois se o homem lhes voltar as costas, o SENHOR fará com que o céu sobre [sua] cabeça fique como o bronze, e a terra debaixo dele como ferro. [...] Transformará a chuva da [sua] terra em cinza e pó [...] (Dt 28,23-24).

Nota-se cada vez mais a presença da menorá em muitas igrejas católicas e evangélicas. É preciso discernir, contudo, se essa presença é movida pela consciência do poderoso significado que evoca, ou simplesmente por mero gosto estético. Judeus e cristãos são chamados a refletir sobre o caráter transitório da existência humana por meio do uso que se faz do objeto nos seus serviços religiosos. No Tabernáculo e no Templo de Jerusalém, o candelabro ficava diante do véu que separava o *Santo* dos *Santo dos Santos*, o que pode ser entendido como a mística presença-ausência de Deus no meio do povo, já que o homem ainda não merece ter com o

Criador face a face. Nas palavras de São Beda, a Igreja é mesa, pois todos os dias distribui o pão dos céus para “os que têm fome e sede de justiça” (Is 51,1; Am 8,11-12; Mt 5,6), a fim de que não desfaleçam em meio às tentações, e candelabro para “iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte” e para guiar os passos no caminho da paz” (MI 3,20; Zc 3,8; Is 9,1; 42,7; Lc 1,79; Jo 8,12)<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> BEDE, *on the tabernacle*, p. 31-32.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, T. Desmond; BAKER, David. W. *Diccionario del Antiguo Testamento: Pentateuco*. Editorial CLIE, Barcelona, 2012.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo, Editora Ática, 2005.
- ALTER, Robert. *The art of biblical poetry*. New York, Basic Books, 2011.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo, Editora Moderna, 1993.
- ATHANASSAKIS, Apostolos N.; WOLKOW, Benjamin M. *The Orphic hymns*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2013.
- BEDE: *on the tabernacle*. Translated with notes by Arthur G. Holder. Liverpool, Liverpool University Press, 1994.
- BÍBLIA. *Bíblia de estudo: nova Almeida atualizada*. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 1 ed. São Paulo, Paulus, 2002.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: edição pastoral*. São Paulo, Paulus, 2000.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB*. Brasília, Edições CNBB, 2018.
- BÍBLIA. *Novum Testamentum Graece: Nestle-Aland*. 28 Aufl. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- BÍBLIA. *Tradução Ecumênica*. São Paulo, Loyola, 1994.
- BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Matthias. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo, Edições Loyola, 2013.
- BOSCOLO, Gastone. *La Biblia en la historia: introduzione generale alla Sacra Scrittura*. 1 ed. Traducción de José Uriel Patiño Franco. Bogotá, San Pablo, 2012.
- BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Translation of Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament. United States Of America, 1977.
- BREASTED, James Henry. *The Edwin Smith surgical papyrus*. Chicago, University of Chicago Press, 1930.
- BRIER, Bob; HOBBS, Hoyt. *Daily life of the ancient Egyptians*. 2nd ed. Connecticut, The Greenwood Press.
- BUCKLAND, Augustus; WILLIAMS, Lukyn (org.). *Dicionário bíblico universal*. 4 ed. São Paulo, Editora Vida, 2007.

BUTTRICK, George Arthur. *The interpreter's dictionary of the Bible: an illustrated encyclopedia*. Abingdon Press, Nashville, 1989.

CÂMARA, Isabel (dir.); RIBEIRO, Mel (coord.). *Egitomania: o fascinante mundo do antigo Egito*. São Paulo, Editora Planeta DeAgostini, 2006. v. 2.

CÂMARA, Isabel (dir.); RIBEIRO, Mel (coord.). *Mistérios dos deuses egípcios*. São Paulo, Editora Planeta DeAgostini, 2019.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. São Paulo, Editora Ática, 1986.

CARVALHO, Ulisses Quintão de; COSTA, Valeriano dos Santos. *O cosmos bíblico e sua representação no esquema do tabernáculo*. Caminhando, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/9825/7076>.

CASSIRER, Ernst. *Symbol, myth and culture*. London, Yale University, 1979.

CAVALLARO Maria de Fátima. (rev.) *Lexicon: Dizzionario teologico enciclopedico*. Tradução de João Neto Paixão e Alda da Anunciação Machado. São Paulo, Loyola, 2003.

CHOURAQUI, André. *Les hommes de la Bible*. Paris, Fayard, 2013.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Petrópolis, Vozes, 1969.

COPAN, Paul; LONGMAN, Tremper; REESE, Christopher L (ed.). *Dictionary of Christianity and science: the definitive reference for the intersection of Christian faith and contemporary*. New York, HarperCollins Publishing, 2017.

COSTA, Antonio Luiz M. C. *História do dinheiro: O valor das moedas, das coisas e do trabalho da pré-história até o fim da Idade Média*. São Paulo, Draco, 2018.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

DANKER, Frederick William. *The concise Greek-English lexicon of the New Testament*. Illinois, The University of Chicago Press, 2009.

DAVIDSON, Benjamin (ed.). *Léxico analítico hebraico e caldaico*. São Paulo, Vida Nova, 2018.

DRANE, John (org.) *Enciclopédia da Bíblia*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo, Paulinas, 2009.

DREYER, Johan Ludwig Emil. *History of the planetary systems from Thales to Kepler*. New York, Cosimo Classics, 2007.

Dufrenne, Mikel. *Phénoménologie de l'expérience esthétique*, Paris, PUF, 1967. 2 v.

DUKE, James A. *Duke's handbook of medicinal plants of the Bible*. New York, CRC Press, 2008.

ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2013.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Porto, ASA, 1992.

ELLIGER, Karl; RUDOPH, Wilhelm. (ed.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 4 Aufl. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft; Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

FISCHER, Alexander Achilles. *O texto do Antigo Testamento*: edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein. Tradução de Vilson Sholz. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FISCHER, Georg; MARKL, Dominik. *Das Buch Exodus*. Stuttgart, Katholisches Bibelwerk, 2009.

FLAVIUS JOSEPHUS. *Judean antiquities*. Translated by Louis H. Feldman. New York, Brill Academic, 2004.

FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil*: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo, Loyola, 2007.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica*: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. 3. ed. São Paulo, Vida Nova, 2008.

FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992.

GIGLIO, Auro del. *Iniciação ao Talmud*. São Paulo, Editora Sêfer, 2000.

GINZBERG, Louis. *Legends of the Jews*. Philadelphia, The Jewish Publication Society, 2003. v. 1.

GOMES, Raimundo Pimentel. *Fruticultura brasileira*. 13 ed. São Paulo, Nobel, 2007.

GONZAGA, Waldecir. *Compêndio do cânon bíblico*: Listas bilíngues dos catálogos bíblicos – Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis, Vozes; PUC-Rio, 2019.

HABASHI, Fathi. *Gold through the ages*. Canadian Institute of Mining, Metallurgy and Petroleum, Quebec, jan. 1995. v. 88.

HACHLILI, Rachel. *Ancient Jewish art and archaeology in the land of Israel*. New York, Brill Archive, 1988.

\_\_\_\_\_. *The menorah, the ancient seven-armed candelabrum*: Origin, form and significance. New York, Brill Archive, 2001.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

- \_\_\_\_\_. (coord.). *Quem foi quem na Roma antiga: dicionário biográfico*. São Paulo, Círculo do Livro, 1980.
- JÚNIOR, José Cretella; CINTRA, Geraldo Ulhôa de. *Dicionário latino-português*. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.
- KANAS, Nick. *Solar system maps: from antiquity to the space age*. New York, Springer, 2014.
- KÖHLER, Franz Eugen. *Köhler's Medizinal-Pflanzen*, German, Gera-Untermhaus, 1897.
- KRIST, Nelson et al. *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. 28 ed. Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2013.
- KRUFT, Hanno-Walter. *Geschichte der Architekturtheorie: Von der Antike bis zur Gegenwart*. München, C.H. Beck'she Verlagsbuchhandlung, 1985.
- LEITE, Edgard. *A menorá e a árvore da vida*. Hélide, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 59-65, out. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/327638869\\_A\\_MENORA\\_E\\_A\\_ARVORE\\_DA\\_VIDA](https://www.researchgate.net/publication/327638869_A_MENORA_E_A_ARVORE_DA_VIDA).
- LOPES Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo, Editora Cultrix, 1980.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1976.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo, Paulinas, 1983.
- MIDGLEY, Barry (coord.). *Guia completa de escultura, modelado y ceramica: tecnicas y materiales*. Traducción de Mari-Carmen Ruiz de Elvira Hidalgo. Madrid, Hermann Blume Ediciones, 1982.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. 10. ed. São Paulo, Cultrix, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 2004.
- NELSON, Thomas. *Every Catholic's guide to the Sacred Scriptures*. Nashville, Thomas Nelson Publishers, 1990.
- PARRY, Robin A. *The Biblical cosmos: a pilgrim's guide to the weird and wonderful world of the Bible*. Cambridge, The Lutterworth Press, 2015.
- Pentateuch with Targum Onkelos, Haphtaroth and Rashi's commentary: Exodus*. United States of America, Hebrew Publishing Company, 1946.
- PETERFALVI, Jean-Michel. *Introduction à la psycholinguistique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973.
- PETRUS APIANUS, *Cosmologiae introductio cum quibusdam gaeometria ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis* (1524). Rhode Island, Brown University.
- PHILO. *De specialibus legibus*. Translated by F. H. Colson. 4. ed. Cambridge, Harvard University Press, 1954.
- PHILO. *On Moses*. Translated by COLSON, F.H. London, Loeb Classical Library, 1985.

PIO XII. *Divino Afflante Spiritu*: sobre os estudos bíblicos. Online edition. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxii\\_enc\\_300919\\_divin-afflante-spiritu.html](https://www.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_300919_divin-afflante-spiritu.html). Acesso em: 03.02.2020.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las guerras libros III-IV: guerra vándala*. Introducción, traducción y notas por José Antonio Flores Rubio. Madrid, Biblioteca Clásica Gredos, 2006.

ROGERSON, J. W. *An introduction to the Bible*. 3rd ed. London, Routledge, 2014.

RUSSEL, Bertrand. *Histoire de la philosophie occidentale: En relation avec les événements politiques et sociaux de l'Antiquité jusqu'à nos jours*. Paris, Les Belles Lettres, 2011.

SACCHI, Paolo. *Historia del Judaísmo en la época del Segundo Templo*. Lima, Editorial Trotta, 2004.

SAINT-MARTIN, Louis Vivien de et al. *Nueva geografía universal*. Ciudad de Mexico, J. F. Parres y Compañía, 1878.

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. *Letras e memória: uma breve história da escrita*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.

SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira, CSA. São Paulo, Paulus, 2002. (Col. Patrística)

SCOTT, Hahn; MITCH, Curtis. *Catholic study Bible: Exodus*. New York, Ignatius Press, 2017.

SUTTON, Daud. *Platonic and Archimedean solids*. New York, Wooden Books, 2001.

*The genuine works of Flavius Josephus*. Translated by William Whiston. Charleston, BiblioBazaar, 2015.

TIRADRITTI, Francesco (ed.). *Tesouros do Egito do museu egípcio do Cairo*. São Paulo, Editora Manole, 1998.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – *Menorá ou candelabro de sete braços*

Figura 2 – *Detalhe do relevo do Arco de Tito*

Figura 3 – *Amendoeira*

Figura 4 – *Anéis de ouro*

Figura 5 – *O cosmos como tabernáculo*

Figura 6 – *Modelo cosmológico de Eudoxo*

Figura 7 – *Máscara mortuária de Tutancâmon*

Figura 8 – *Trabalhadores egípcios transportando lingotes de ouro*

Figura 9 – *Mapa das minas de ouro do Sinai*

Figura 10 – *Tabernáculo*

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Adj	<i>adjetivo</i>
Adv	<i>advérbio</i>
Art <sub>def</sub>	<i>artigo definido</i>
Art <sub>ind</sub>	<i>artigo indefinido</i>
Aux	<i>auxiliar</i>
B19 <sup>A</sup>	<i>Codex Leningradensis (séc. X d.C.)</i>
Card	<i>numeral cardinal</i>
Conj	<i>conjunção</i>
Dem	<i>demonstrativo</i>
F	<i>frase</i>
GV	<i>grupo verbal (V + complemento(s))</i>
Ind	<i>indefinido (pronome)</i>
O	<i>oração</i>
OA	<i>oração absoluta</i>
OC	<i>oração coordenada</i>
OP	<i>oração principal</i>
OS	<i>oração subordinada</i>
OSAR	<i>oração subordinada adjetiva restritiva</i>
Part	<i>particípio</i>
PCC	<i>período composto por coordenação</i>
PCS	<i>período composto por subordinação</i>
Pos	<i>possessivo</i>
PrA	<i>pronome adjetivo (os determinantes ou determinativos)</i>

Prep	<i>preposição</i>
PrPes	<i>pronome pessoal</i>
PrRel	<i>pronome relativo</i>
PS	<i>período simples</i>
SAdj	<i>sintagma (locução) adjetivo</i>
SAdv	<i>sintagma adverbial</i>
Sb	<i>subordinador (conjunção subordinativa)</i>
Sc	<i>substantivo comum</i>
SN	<i>sintagma nominal (o predicado nominal: V<sub>lig</sub> + predicativo)</i>
SP	<i>sintagma preposicional</i>
SS	<i>sintagma substantivo</i>
SV	<i>sintagma verbal</i>
V <sub>int</sub>	<i>verbo intransitivo</i>
V <sub>lig</sub>	<i>verbo de ligação</i>
V <sub>td</sub>	<i>verbo transitivo direto</i>
V <sub>tdi</sub>	<i>verbo transitivo indireto</i>
V <sub>ti</sub>	<i>verbo transitivo indireto</i>

## LISTA DE SÍMBOLOS

- *Pentateuchus Samaritanus* (séc. XII/XIII d.C.)
- *Septuaginta* (séc. III a.C.)
- *Targum Aramaicum* (séc. XVI d.C.)
- <sup>Ms</sup> *Targum Aramaicum* (séc. XIV a.C.)
- <sup>J</sup> *Targum pseudo-Jonathae* (séc. XVI d.C.)
- *Versio Syriaca* (séc. II a.C.)
- *Versio Latina* (séc. III d.C.)
- \* *Textus Graecus Originalis* (séc. III a.C.)
- ◻ *Vulgata* (séc. IV d.C.)
- k *Aquário*
- a *Áries*
- d *Câncer*
- j *Capricórnio*
- h *Escorpião*
- c *Gêmeos*
- F *Júpiter*
- e *Leão*
- g *Libra*

☾	<i>Lua</i>
E	<i>Marte</i>
♏	<i>Peixes</i>
♐	<i>Sagitário</i>
G	<i>Saturno</i>
♉	<i>Touro</i>
D	<i>Vênus</i>
f	<i>Virgem</i>